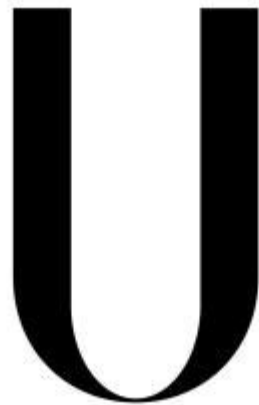


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

---

**UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1ºciclo.

**VANESSA ALEXANDRA DUARTE**

Dissertação

Mestrado em Ciências da Educação

Área de especialização – Educação intercultural

2014

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

---

**UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

**VANESSA ALEXANDRA DUARTE**

Dissertação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Helena Marchand

Mestrado em Ciências da Educação

2014

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

*“... um imigrado só está integrado quando é aceite como tal,  
quando a sua diferença é reconhecida como um  
enriquecimento para a sociedade...”  
(Touraine, 1996)*

## Índice

Resumo .....	5
Abstract.....	6
Introdução .....	7
Parte I - Enquadramento teórico.....	11
Capítulo I - Migrações .....	12
1.1 - Factores da imigração .....	12
1. 2 - Imigrações em Portugal .....	14
Capítulo II - Processo educativo e a diversidade cultural.....	17
2.1 – Desafios educativos com imigrantes .....	19
2.2 – A interculturalidade na escola .....	21
2.3- O docente intercultural.....	22
Parte II - Trabalho empírico.....	26
Capítulo I – Metodologias e Objectivos .....	26
1.1 – Técnicas e instrumentos de recolha .....	27
1.1.1– Questionário.....	27
1.1.2 – Entrevista.....	28
1.2 – Técnicas de análise dos dados .....	30
1.3 – Análise de conteúdo .....	30
1.4 - Caracterização do contexto de estudo e dos participantes .....	31
1.4.1 - Caracterização da Freguesia do Pó .....	32
1.4.2 - Comunidade romena .....	34
Capítulo II - Apresentação e análise dos dados .....	34
2.1 - Análise dos dados demográficos (questionários) .....	34
2.2 – Análise reinterpretaiva das entrevistas.....	50
Considerações finais .....	58
Referências bibliográficas.....	129

### **Índice de anexos**

- Anexo I – Guião de entrevista às docentes
- Anexo II – Entrevista à professora Teresa Vieira
- Anexo III – Entrevista à professora Paula Delgado
- Anexo IV – Entrevista à professora Helena Coito
- Anexo V – Matrizes de análise das entrevistas

### **Índice de tabelas**

Tabela I – Sexo .....	38
Tabela II – Idades .....	39
Tabela III – Estado Civil .....	40
Tabela IV- Habilitações literárias .....	41
Tabela V – Composição familiar .....	42
Tabela VI – Trabalho .....	43
Tabela VII – Sector de actividade .....	44
Tabela VIII – Protecção Social .....	44
Tabela IX – Situação na profissão/situação contratual .....	46
Tabela X – Motivo de desemprego .....	46
Tabela XI – Remuneração diária .....	47
Tabela XII – Remuneração semanal .....	48
Tabela XIII – Remuneração mensal .....	49
Tabela XIV – Tipologia da habitação .....	49
Tabela XV – Regime de ocupação .....	50
Tabela XVI – Conservação das habitações .....	52
Tabela XVII – Número de divisões .....	52
Tabela XVIII – Condições habitacionais .....	53

### **Índice de gráficos**

Gráfico 1 – Sexo .....	38
Gráfico 2 – Idades .....	39

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Gráfico 3 – Estado Civil .....	40
Gráfico 4- Habilitações literárias .....	42
Gráfico 5 – Composição familiar .....	43
Gráfico 6 – Remuneração diária .....	48
Gráfico 7 – Remuneração semanal .....	49
Gráfico 8 – Remuneração mensal .....	49
Gráfico 9 – Regime de ocupação .....	51
Gráfico 10 – Conservação das habitações .....	52
Gráfico 11 – Número de divisões .....	53

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## **Resumo**

Verifica-se, desde há uns anos para cá, uma maior afluência de correntes migratórias, devido essencialmente ao aumento dos desníveis socioeconómicos. Uma das populações que mais migra para a zona Oeste de Portugal, tem sido a oriunda da Roménia, o que leva ao aumento da necessidade de conhecimento sobre os seus valores e características culturais, crenças, e tudo o que está relacionado com a educação dos seus filhos.

O objectivo principal de estudo é a análise do nível de integração escolar, dos filhos da comunidade romena que se instalou, de forma numerosa, na Freguesia do Pó, Concelho de Bombarral.

Para tal efeito foram elaborados inquéritos à comunidade romena para conhecer as características específicas da comunidade no Pó, e foram realizadas entrevistas às professoras da escola do primeiro ciclo do Pó, de modo a conseguir-se obter uma informação mais precisa em termos de sucesso escolar, em virtude das dificuldades de interpretação e expressão em português da maioria dos romenos inquiridos.

O número total de inquiridos foi de cento e trinta e nove habitantes. Estes inquéritos foram efectuados a todos os habitantes, residentes à data da sua realização. As entrevistas foram realizadas às três professoras, que leccionavam na escola à data.

Palavras-Chave: Escola; Educação; Interculturalidade; Sucesso

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1ºciclo.

## **Abstract**

For some years now, there has been an increase in the migration flows, essentially due to the growing social-economic gaps. One of the biggest community migrating to Portugal's West region comes from Romania, leading a growing need for knowledge of their cultural values and characteristics, beliefs, and their general approach to child education.

The main objective of this study is the analysis of the integration level of the romanian children in elementary school at the Parish of Pó, Municipality of Bombarral.

For this purpose interviews were made to the Romanian community to better know this community's specific characteristics, and also interviews were made to Pó's elementary school teachers, for more precise information gathering, due to the romanian community's general difficulty in interpreting and expressing themselves in portuguese.

All romanian residents at the time, one hundred and thirty nine in total, were interviewed, as were all three teachers,.

Keywords: School; Education; Interculturality; Sucess

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## **Introdução**

Portugal tem vindo a ser considerado em alguns estudos como um dos países com melhores políticas de integração de imigrantes. Contudo, o significativo crescimento dos fluxos migratórios com destino ao nosso país, nomeadamente de culturas não ocidentais, veio criar nos últimos anos a necessidade de se pensar em questões fundamentais como a educação e saúde – e de forma muito particular quando se trata de saúde mental.

As famílias em situação migratória estão sujeitas a profundas alterações familiares, de valores, costumes, tradições e língua, que podem ser vividas como experiências traumáticas.

O sair de casa implica abandonar a sua forma de pensar, ser e fazer. Sair da representação que até então se tem do mundo, remete para a dúvida sobre que lugar se passa a ter no novo mundo.

A migração introduz uma série de descontinuidades entre o pensar, ser e fazer, até então interiorizados. Viver para lá de fronteiras requer vários tipos de reorganização – sociocultural, psicológica e simbólica. As diferenças fazem-se sentir e há um sistema de códigos que o sujeito agora desconhece.

A integração no país de acolhimento é frequentemente um processo complexo e moroso, e o choque cultural com o país de acolhimento pode em alguns casos originar clivagens entre ambas as culturas, até porque é comum haver um olhar hostil, desqualificação e rejeição em relação à intersubjectividade e narratividade do sujeito com diferentes códigos culturais. O saber pensar, ser e fazer pode dar lugar aos seus inversos – não saber pensar, ser ou fazer. E rapidamente podem originar situações de precaridade e exclusão social, marcadas por dificuldades socioeconómicas e racismo, sem lugar à expressão de representações culturais e identificatórias, podendo levar a um rompimento com as suas referências internas e externas, conduzindo ao sofrimento psíquico.

Neste sentido, e tendo em conta a temática da dissertação, a escola é um dos pilares fundamentais da “criação e desenvolvimento dos Estados-Nação” (Silva, 2003:60). No entanto a escola não conseguiu acompanhar o desenvolvimento da sociedade entre a vida escolar e a vida propriamente dita. Tal como nos refere Jares (2007) a sociedade e a escola contemporâneas são cada vez mais complexas e multiculturais o que nos leva a repensar o papel do Estado e das instituições educativas no ensinar a aprender a viver juntos. Pois vivem num “mundo em que as migrações são um fenómeno global, em que os grupos minoritários reclamam o direito à diferença, mas que, ao mesmo tempo, sofre das maleitas da

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

homogeneização. As sociedades são hoje confrontadas com novos desafios e problemas, provocados em boa medida, por aquilo que se designa por globalização. Acelerador das migrações humanas, a globalização acentua a necessidade de se aprofundar a reflexão sócio-antropológica em torno das questões étnicas e culturais. É imperioso repensar o papel da sociedade, do estado e das instituições educativas e a acção dos educadores e dos professores neste contexto económico, social e político complexo, trespassado por desigualdades e exclusões dos mais variados tipos, nomeadamente as que se relacionam com a identidade e diversidade” (Peres, 2002:4).

A grande questão da migração, não é apenas o sujeito adaptar-se ao novo mundo. É também, e antes de mais, a questão do EU que se coloca, e em situações de migração é possível que a relação entre pais e filhos não se organize de forma adequada, sendo muitas vezes a experiência traumática não elaborada pelos pais transmitida aos filhos, acabando por afectar o seu funcionamento interno.

Vítimas de uma construção identitária clivada – de um lado novas regras e padrões relacionais impostos pela nova comunidade, e do outro, valores e herança cultural, e uma família que por vezes não se integra com a nova sociedade, mas que encoraja os filhos a fazê-lo – durante o seu crescimento, habituados a esta clivagem sobre a qual se vão organizando, acabam por inscrever tais experiências numa história de vida coerente, constituindo um falso self que poderá ser, dependendo dos casos, mais ou menos invalidante.

Desde há muito que existe uma dinâmica social em relação à criança migrante, em torno da sua raça, vestuário, língua materna, cujo impacto nem sempre é bem-vindo entre os pares. Instala-se frequentemente o sentimento de vergonha: da sua condição socioeconómica, da exclusão, do racismo, e vergonha da própria cultura de origem. O que acontece ao nível dos processos psíquicos destas crianças? O que não poderão dizer cá, com a sua fala de lá?

As crianças chegam às escolas, algumas desprovidas de meios para as acolher e encontram no agir o manifesto para o seu sofrimento. Dificilmente contidas em salas de aula com cargas horárias e temáticas que desconhecem, o seu encaminhamento para núcleos diversos de saúde mental que facilmente os leva à aquisição de diagnósticos psiquiátricos e psicopatológicos. Mas nem todos, alguns imbuídos da sua identidade confusa, em que a ameaça de desenraizamento e ruptura dá lugar ao indizível e impensável, mergulham num processo de aculturação com vista ao reconhecimento e aceitação por parte deste novo lugar. Encontram o silêncio sobre a sua identidade cultural a base para a construção de um falso self,

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

mascarando a vergonha da sua cultura rejeitada, e dando origem a novas formas de subjectividade, agora associadas a um mal-estar na cultura.

O sentimento de não estar aqui nem lá, a experiência traumática da migração, constitui um ataque à estrutura narcísica da criança que poderá, ou não, assumir um carácter patológico. Se o encontro de duas culturas se torna violento quando coloca em causa a identidade dos sujeitos, a nossa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro diferentes de nós, com consideração e valorização, será em grande passo para que as famílias migrantes se possam habituar a outras maneiras de pensar, de forma não traumática, minimizando assim a recusa aos nossos sistemas, quando estes as restringem à solidão e exclusão.

Cada migrante é um grande portador de cultura, que traz para o país de acolhimento outras formas de pensar, ser e fazer, e pode ser visto como um enorme enriquecimento para o outro, diferente de si. É fundamental perceber que os migrantes transportam consigo um modo próprio, com lições preciosas sobre a multiplicidade, dificuldade e criatividade das suas diferenças e também sobre a sua modernidade. A situação transcultural pode estimular o potencial criativo da criança e a sua capacidade de transformação em contacto com outra cultura – aprender a separar tornando-se misto e reencontrando o seu lugar.

Com isto será de todo pertinente saber como foi efectuada a integração na escola primária das crianças romenas residentes na Freguesia do Pó, Concelho de Bombarral, visto que a escola é o principal elo de ligação entre a comunidade envolvente e pode ser esta o impulsionador do respeito mutuo entre dois grupos aparentemente distintos, e por sua vez a diminuição do nível de absentismo e o aumento do nível de assiduidade.

A urgência de aprofundar o conhecimento sobre esta comunidade, emerge essencialmente do seu abrupto crescimento na freguesia, e de evidentes falhas e/ou deficiências a nível de acção social, educativa, direitos cívicos, saúde, relações de comunicação, etc.

Este estudo deve ser visto como mais um instrumento de consulta a utilizar na reflexão, análise e planeamento por vários agentes, quanto a estratégias e medidas de intervenção junto da mesma.

Tendo em conta a sua complexidade, este estudo assenta apenas nos discursos e respostas recolhidas em campo, através das professoras da escola e um levantamento da população romena existem na Freguesia do Pó.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Este trabalho está dividido em duas partes: I) o enquadramento teórico – onde procedemos à revisão da literatura de interesse para o tema, com dois capítulos: I- migrações e o II - processo de educação e diversidade cultural. Na parte II) o trabalho empírico, com dois capítulos I - as metodologias e objectivos e o II - apresentação e análise dos dados recolhidos. Por fim as considerações finais, onde se discute os resultados obtidos no trabalho empírico.

O **enquadramento teórico** contém uma reflexão acerca do fenómeno da *migração* e dos processos sociais que a mesma envolve, tais como os factores de imigração e as características da freguesia do Pó onde esta comunidade se encontra inserida.

No tema do **processo educativo e diversidade cultural** mencionam-se, no primeiro ponto, os desafios educativos colocados a Portugal pelo fenómeno da imigração, através da interculturalidade cada vez mais presente nas escolas às quais os professores têm de conseguir dar resposta. Sendo estes professores do 1.º ciclo do ensino básico, a língua apresenta-se como uma barreira muito grande para que a aprendizagem seja desenvolvida nas devidas condições, e para que o aluno atinja os resultados esperados no início do ano, em termos de currículo. Tendo em conta o tema foi dado um segundo ponto para a interculturalidade nas escolas e um terceiro ponto para o docente intercultural.

O **trabalho empírico** foi realizado com base em inquéritos elaborados à comunidade Romena, e em três entrevistas às docentes da escola do ensino básico do Pó. A metodologia utilizada foi de carácter qualitativo e quantitativo, tendo sido usados como instrumentos de investigação o questionário e a entrevista. A análise dos dados foi realizada através das técnicas de análise de conteúdo e de tratamento de inquéritos. Este procedimento permitiu-nos, aceder a um grau de profundidade em relação aos elementos de análise recolhidos.

Já nas **considerações finais** foi realizado um resumo dos resultados obtidos e uma reflexão sobre os mesmos resultados, baseada em princípios teóricos enunciados na fundamentação teórica.

Por fim, interessa salientar que este estudo constitui uma primeira abordagem sobre a integração de alunos de etnia romena na escola do Pó, já que no Concelho do Bombarral existem mais grupos de romenos e de alunos filhos de romenos, mas que fazem parte de outra freguesia que não esta em estudo. Assim pode dizer-se que a amostra é de pequena dimensão, e que apesar de equilibrada no que diz respeito ao número de habitantes e de professoras, não permite uma generalização quando comparada com outras escolas e grupos de romenos. No

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

entanto, consideramos que este estudo é um grande passo para o conhecimento da educação intercultural em meios escolares.

## **Parte I - Enquadramento teórico**

Este estudo pretende essencialmente compreender a integração de um grupo de alunos da Roménia na escola do 1.º ciclo do ensino básico do Pó. Estes alunos, segundo informações das professoras, não trazem muita escolaridade do seu país de origem, em virtude de na Roménia, a partir de uma determinada idade, a escola deixar de ser gratuita. Tal facto, aliado às dificuldades económicas que enfrentam no seu país, leva ao abandono escolar.

Neste sentido, e por terem conhecimento que na freguesia do Pó existe emprego agrícola (sendo o que sabem fazer), optaram por vir morar uns tempos, ou até mesmo o resto da vida, de modo a conseguirem angariar dinheiro para construírem na sua terra natal as suas próprias casas, e ao mesmo tempo darem aos seus filhos uma vida condigna como alguns nunca tiveram, com acesso à saúde e educação como prioridade.

Como sabemos nas sociedades actuais, numa época de globalização, assiste-se a uma crescente diversidade de culturas devido ao aumento de fluxos de pessoas. É possível constatar esse facto ao olhar para o “arco-íris cultural” (Stoer e Cortesão, 1999) que configura a nossa sociedade, para nos apercebermos dessa multiculturalidade.

No entanto também é possível constatar esta crescente diversificação cultural nas escolas portuguesas, através da presença de grupos sociais que a ela passaram a recorrer devido à expansão da “escola de massas”, e de grupos culturais e étnicos resultantes dos fenómenos migratórios. Assim é de esperar que a escola promova a igualdade de oportunidades, tanto ao nível do acesso como ao nível do sucesso, a todas as crianças, respeitando as diferentes culturas, os seus costumes e tradições, bem como do desenvolvimento de práticas de justiça social, solidariedade e respeito por todos os parceiros envolvidos no processo educativo.

Deste modo, a instituição escolar vê-se perante o como lidar com diferentes culturas, o problema da comunicação entre elas, o que muitas vezes requer um longo trabalho entre o meio escolar e a comunidade envolvente, para que sejam minimizados conflitos interétnicos.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## **Capítulo I - Migrações**

O aumento da diversidade nas sociedades está relacionado com a mobilidade das pessoas, por decisão própria ou por força das circunstâncias, individualmente, em pequenos ou grandes êxodos, envolvendo por vezes nações inteiras, indo de encontro à ideia de Rocha - Trindade (1995:141), ao afirmar que “os movimentos internacionais de população, independentemente das suas causas, tanto próximas como estruturais, conduzem necessariamente à criação de contextos multiculturais.

De acordo com Jackson (1991:2), “a migração implica o movimento de indivíduos e grupos entre duas sociedades: a que acabaram de deixar e aquela em que procuraram inserir-se”. Quando a dimensão destes grupos é suficiente para que constituam sociedades homogêneas e culturalmente diferenciadas em relação à sociedade receptora, poderão vir a constituir entidades permanentes, com as características típicas de uma minoria nacional. Havendo a ressalva pelo respeito, pela equidade de direitos sociais, culturais e políticos das entidades culturais que coexistam no interior do território de um Estado, condição indispensável para a estabilidade deste último. Um estrangeiro vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece, e onde terá de se inserir, sujeitando-se às leis que a administram, é considerado um imigrante.

Durante a época actual, os termos emigração e imigração encontram-se em desuso, passando a ser designados por migração, simplificando a mesma realidade de situação e de sujeito. Assim segundo Rocha – Trindade (1995:33) a migração é “a existência de movimentos que, de unidireccionais, se transformam tipicamente em oscilatórios, sem distinção explícita entre origem e destino, entre quem parte e quem chega” .

### **1.1 - Factores da imigração**

A decisão de partir não é só do imigrante, mas de toda a sua família alargada, ou seja, o seu cônjuge, descendentes e outros dependentes.

As causas responsáveis pela deslocação de populações são principalmente os factores económicos, mas não podemos deixar de ter em conta as guerras e os conflitos locais que têm eclodido em vários países do mundo.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

As motivações económicas são as que afectam os países mais pobres ou menos desenvolvidos, as regiões mais deprimidas e as classes sociais mais desfavorecidas.

Para explicar os factores que originam as migrações, surge, em meados do século XIX, uma teoria baseada em factores de atracção e repulsão, Ravenstein (1885 e 1889) - os factores que afastavam as pessoas do seu local de origem; os que as atraíam as pessoas para outros locais. Os factores de repulsão segundo a teoria são de natureza económica onde se inclui a falta de acesso à propriedade ou ao uso da terra (escassez de terras), os salários baixos, a falta de emprego, as terras improdutivas, as secas e fomes e o crescimento populacional. Já os factores de atracção constituem alternativas aos de repulsão (emprego, salários elevados), como por exemplo as vantagens da vida urbana, o desenvolvimento da tecnologia e do comércio.

No entanto para Ramos (1996:254) para a “explicação dos comportamentos migratórios, vários factores actuam e podem intervir de forma diferente ao longo do tempo: a demografia, as diferenças salariais, a distância geográfica, o tipo de inserção local e a dinâmica das relações culturais e sociais”. A autora salienta ainda, os motivos extra-económicos e o papel importante do funcionamento do mercado de trabalho do país de acolhimento

Nesta linha de pensamento Rocha – Trindade (1995:101) explica que “qualquer que sejam os motivos que possam influenciar a deslocação dos indivíduos de um para outro lugar, a questão do ajustamento dos imigrantes a um novo meio ambiente constitui um dos aspectos fundamentais relativos ao processo migratório”

Existe assim uma divisão entre dois conjuntos de factores que intervêm no processo de ajustamento dos imigrantes - os que dizem respeito às características individuais dos migrantes; os que se relacionam com características fundamentais dos países de origem e de destino.

Na actualidade o processo de adaptação de uma determinada cultura envolve um ajustamento tanto social como emocional, assim como a aceitação das normas sociais prevaletentes. Os imigrantes respondem de diferentes formas, segundo as características individuais, demográficas, económicas e sociais, bem como em função da história e da experiência do grupo a que pertencem.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## 1. 2 - Imigrações<sup>1</sup> em Portugal

Segundo Dias & Alves et all (2006), em Portugal, 15% de habitantes de origem étnica, em meios urbanos, estão a viver em situação de pobreza<sup>2</sup>. Para as zonas rurais, não existem dados concretos para comparação, principalmente devido a um comportamento mais nómada, sem residência fixa e com procura de trabalho em mercados, feiras e explorações agrícolas, que dificulta a recolha dos mesmos.

Segundo alguns estudos de ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Dialogo Intercultural) a relação entre imigração e o mercado de trabalho português, assenta essencialmente numa motivação económica (razão mencionada pelos indivíduos entrevistados). Mesmo que as suas condições económicas, para os padrões do país de origem, não se pudessem considerar deficientes, deslocaram-se para Portugal em busca da obtenção de rendimentos que lhes permitam uma melhoria do seu padrão de vida, aquando do regresso à terra natal (Duarte, 2010).

A partir dos anos oitenta Portugal passou a ser o destino escolhido por muitos estrangeiros. Para além de cidadãos vindos dos PALOP e do Brasil, tem vindo a aumentar o número de estrangeiros oriundos da Europa do Leste. Um aspecto importante é a mão-de-obra que oferecem a Portugal, menos qualificada que a de outros países da União Europeia, estando muito direccionada para a indústria, construção civil e serviços de limpeza. Assim, a mão-de-obra está estritamente relacionada com “as características desta população (baixo nível de instrução, presença reduzida nos circuitos de formação) e, por outro lado, à rigidez da organização do trabalho, que implica a manutenção de um certo número de empregos qualificados, e à posição social do imigrante” (Ramos, 1995:133).

Já os imigrantes mais recentes são oriundos da Europa de Leste devido não só aos conflitos e tensões políticas, mas em especial às dificuldades económicas que nesses países atravessam, e que têm provocado a mobilidade de população originária dessa região. Estes imigrantes chegam clandestinamente ao mercado de trabalho do nosso país e antecipam em

---

<sup>1</sup> É considerado imigrante um indivíduo que imigra e se instala num país estranho ao seu (Oliveira, 1996).

<sup>2</sup> “Uma pessoa vive na pobreza se o seu rendimento e recursos são insuficientes e a impedem de ter um nível de vida de considerado como aceitável na sociedade em que vive. Devido à pobreza a pessoa pode enfrentar múltiplos problemas: desemprego, fraco rendimento, alojamento desconfortável, falta de benefícios de saúde e enfrenta obstáculos nos acessos à aprendizagem ao longo da vida, à cultura, ao desporto e aos lazeres. Ela encontra-se portanto marginalizada e excluída da participação nas actividades (económicas, sociais e culturais) que são norma para as outras pessoas e o seu acesso aos direitos fundamentais pode ser restrito” (www.2010combateapobreza.pt/conteudo.asp?tit=16).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

grande parte a procura, ocupando os empregos disponíveis e/ou deixados livres (serviços domésticos, construção e obras públicas).

Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, nos onze principais países de origem dos imigrantes estão incluídos quatro países do Leste Europeu – Ucrânia, Moldávia, Roménia e Rússia (Ramos, 2003b:9) com autorização de permanência temporária. Com o decorrer do tempo, têm tendência a integrar-se no mercado de trabalho nacional, pois o conhecimento da língua do país de acolhimento e o reconhecimento das qualificações obtidas antes da imigração são factores que facilitam essa mesma integração. Mas apesar desta aparente integração, “o modelo das migrações de trabalho expõe-se aos riscos de exclusão das ‘segundas gerações’ e à sua transformação em minorias étnicas” (Ramos, 2003a:144).

No caso da comunidade romena, as situações de precariedade são notórias, e a relação que eles têm com o local onde vivem e/ou trabalham, é única e exclusivamente a obtenção de recursos monetários para subsistência. Procurando sempre o local onde paguem melhor, mesmo que o trabalho desempenhado raramente lhes proporcione a sensação de satisfação ou agrado (Duarte, 2010).

Geralmente o exercício nos sectores mais desqualificados da economia, as fracas qualificações escolares, associadas a elevadas taxas de insucesso escolar, a falta de acesso à informação e o desconhecimento dos próprios direitos e o débil relacionamento com as instituições são alguns dos “traços que caracterizam a existência de grande parte dos indivíduos e famílias pertencentes a estes grupos” (Dias, 2006).

É o caso desta comunidade, como pudemos verificar nas entrevistas de estudos anteriores (Duarte, 2010), poucos são os que estudaram mais que oito anos, e as informações que têm provêm de trocas verbais uns com os outros, ou de conselhos dados por portugueses. O desconhecimento dos seus direitos em Portugal é a norma, e nas raras excepções, os que tentam fazê-los valer deparam-se com muitos entraves. Como mero exemplo, a inscrição de uma criança na escola, esbarra por vezes na deficiente informação que lhes é facultada, quanto aos procedimentos a seguir (Duarte, 2010).

“A estes traços juntam-se factores culturais e condicionantes de carácter subjectivo, que podem constituir obstáculos tão fortes quanto os mencionados ao acesso dos grupos minoritários à participação e a direitos socialmente reconhecidos na sociedade portuguesa” (Dias, 2006).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Segundo estudos, na população imigrante a taxa de população activa é mais elevada, tanto na masculina como na feminina, do que no caso da população portuguesa, em que a percentagem de população activa apresenta-se mais elevada na masculina do que na feminina, mas sempre abaixo das percentagens existentes na população imigrante.

Quanto ao crescimento de procura de trabalho nos últimos anos, na economia nacional, pela comunidade imigrante, esta diz respeito a trabalhos precários, geralmente mal pagos, e de natureza informal. Segundo os dados recolhidos através das entrevistas, é precisamente, este, o caso da comunidade romena do Pó, onde a procura incide nos sectores agrícola, construção civil, hotelaria, restauração e serviço doméstico, em que auferem remunerações abaixo do que é normal, sem direito a contractos de trabalho e respectivos direitos/regalias a eles inerentes.

Contrariamente à crescente oferta de contractos de trabalho, e processos de regularização, que tem vindo a fomentar a permanência a longo prazo destes imigrantes em Portugal, na comunidade romena do Pó é quase total a inexistência de contractos de trabalho, ou contractos de arrendamento para as habitações que ocupam.

Segundo Peixoto (2008), o conhecimento teórico disponível sobre a relação entre processos de imigração e mercado de trabalho é hoje relativamente vasto. Os mercados de trabalho caracterizam-se por possuírem dois segmentos principais, ou com características “dual”. O mercado designado como “primário” contem como principal atributo a estabilidade das condições de emprego, bons salários, perspectivas de carreira, protecção social e bom estatuto social. E em oposição a este mercado “primário” temos o mercado “secundário” que é constituído, segundo estudos do ACIDI, por empregos com insegurança contratual, baixos salários, fracas oportunidades de promoção, ausência de protecção social e baixo estatuto social.

É neste mercado “secundário” que se enquadra a comunidade romena entrevistada: os empregos que têm não são fixos, alternando entre períodos de trabalho, podendo inclusivamente trabalhar para patrões diferentes ao longo de uma semana, com períodos de ausência de trabalho. Os salários que ganham, embora lhes permitam pagar as contas, não chegam para poupar. As oportunidades de promoção são nulas, pois embora tenham experiência profissional e qualificações para outras áreas (como é o caso de um dos entrevistados, que era motorista na sua terra natal (Duarte, 2010), trabalham na agricultura. Por fim a protecção social que têm, é praticamente nula, pois os patrões para os quais trabalham preferem fomentar a ausência de contractos de trabalho e pagar salários mais

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

baixos, do que os pagos no passado aos portugueses que prestavam o mesmo serviço agora prestado pelos romenos. Com acesso a mão-de-obra barata, e isentos de pagar a segurança social, pela não existência de contractos, garantem uma margem de lucro muito superior à que tinham anteriormente.

Tendo em conta todos estes dados, não existe nesta comunidade romena a ambição de progredir, de fazerem valer os seus direitos e eliminarem a precariedade do seu dia-a-dia. Procuram somente não ter problemas com ninguém, e resguardar-se de possíveis conflitos, com receio das consequências que possam daí advir pela ilegalidade da sua situação laboral.

A procura constante de trabalhadores que aceitem trabalhar de forma mais flexível e incerta, por parte dos empregadores, origina a um acréscimo de imigrantes e ao seu recrutamento nos países de acolhimento, preferindo muitas vezes os que se apresentam com um estatuto irregular, pela sua permeabilidade às pressões de quem os emprega.

Com o actual mercado influenciado pela crescente globalização, marcada pela mobilidade de capitais, e deslocalização de muitas actividades para países de mão-de-obra mais baixa, o recrutamento destes trabalhadores imigrantes ocorre muitas vezes, em trabalhos “inamovíveis” (não deslocalizáveis), como é o caso das explorações agrícolas, do sector da construção civil, e de vários segmentos de prestação de serviços como o serviço doméstico, limpezas, assistência a crianças e idosos, serviços de saúde, comércio, etc. Alguns destes serviços são culturalmente associados à população feminina, o que também contextualiza a crescente feminização deste fenómeno (Phizacklea, 2005).

Pelo que aferimos nas nossas visitas à freguesia do Pó, existe um equilíbrio entre o número de mulheres e homens na comunidade romena. Relativamente aos sectores em que trabalham, este é quase exclusivamente o agrícola, sendo que existem excepções, como um jardineiro e um mecânico, embora não trabalhem no Pó, mas sim na localidade de Usseira, concelho de Óbidos.

## **Capítulo II - Processo educativo e a diversidade cultural**

Taylor (1994:93) ressalta que a necessidade de “vivermos juntos, tanto em harmonia numa sociedade, como à escala mundial, é cada vez maior” exigindo que todos reconheçam o valor das diferentes culturas e que as deixem não só sobreviver mas também admitam o seu valor.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Já Ramos (2001), refere que para desenvolver as aptidões de comunicação intercultural e a compreensão intercultural é necessário desenvolver:

“a compreensão da cultura e os seus processos de funcionamento; aprender a conhecer-se a si mesmo e à sua própria cultura; aprender a descobrir e conhecer os quadros de referência e os códigos culturais dos outros; evitar os julgamentos superficiais e rápidos, os estereótipos e as atitudes etnocêntricas; desenvolver a empatia e as capacidades empáticas; dispor de tempo para compreender uma situação, para comunicar e estar atenta às mensagens da comunicação não-verbal, respeitando os ritmos e estilos de comunicação próprios da pessoa e da cultura; desenvolver estratégias e intervenções educativas interculturais; desenvolver estratégias e intervenções educativas/pedagógicas desde a infância e, por fim, implementar uma formação adequada dos professores, uma revisão dos programas e materiais didáticos e usar de modo adequado os meios de comunicação social”.

Mas os desafios que se colocam em Portugal como país de imigração, exigem medidas de integração na sociedade portuguesa das famílias de imigrantes, de modo a evitar e prevenir situações de marginalização, geradoras de racismo e xenofobia. Esta integração prende-se com as condições mínimas de vida, fomentando uma participação na vida da sociedade portuguesa e à possibilidade de afirmação da sua identidade cultural.

Quanto ao modo de aculturação<sup>3</sup>, é preferível a integração em detrimento da assimilação e da marginalização, pois a integração pressupõe a manutenção parcial da identidade cultural do grupo, juntamente com uma participação mais acentuada no seio da sociedade de acolhimento e deve ser entendida numa perspectiva intercultural. Na continuação da integração há consequências para ambas as partes envolvidas, a sociedade dominante e o grupo em aculturação. Para o grupo em aculturação, a mudança de alguns aspectos da sua cultura, que são valorizados, mas não são adaptativos, para a sociedade dominante, a alteração dos currículos das escolas. Contudo, “os custos da não adopção de políticas de integração são provavelmente ainda maiores, em especial, se o resultado final é a segregação e a marginalização” (Ramos, 2003a:263).

---

<sup>3</sup> Para Neto (1993) a aculturação é uma forma de mudança cultural suscitada pelo contacto com outras culturas.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Neste sentido e tendo em conta as mudanças ocorridas na nossa sociedade, é imperioso promover uma igualdade de oportunidades<sup>4</sup> no que diz respeito ao sucesso educativo das crianças já que esta promoção de educação deverá fazer parte da principal actividade da escola.

## **2.1 - Desafios educativos com imigrantes**

A escola é sem dúvida um dos pilares fundamentais na educação, apesar de que a escola não tem acompanhado o desenvolvimento da sociedade (Vieira, 2013).

É necessária a compreensão e a análise das mudanças ocorridas na nossa sociedade cada vez mais multicultural para que a construção de processos, promotores da igualdade de oportunidades e sucesso educativo sejam bem-sucedidos. E que a escola e os seus professores durante o desenvolvimento de uma cidadania democrática, estejam atentos às realidades sociais e às relações entre culturas e pessoas.

A existência desta população romena com dificuldades de integração, que por vezes se encontra em risco de exclusão social, associadas a baixo nível socioeconómico, faz-nos reflectir sobre o modo como o sistema educativo português pode proporcionar a igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso educativo aos seus filhos. Por outro lado, a condição de inserção e o sucesso ou insucesso dessas crianças na escola também nos faz reflectir sobre as políticas educativas dos últimos anos.

A escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Pó assiste de há uns anos para cá a um aumento significativo de crianças migrantes, que saíram do seu país de origem procurando no nosso país melhores condições económicas, ou que aqui encontraram refúgio devido a guerras, conflitos e perseguições políticas. A escola vê-se assim confrontada com a heterogeneidade cultural e linguística das crianças oriundas das famílias migrantes.

Portanto, as migrações apresentam um desafio à instituição escolar de que os esforços de integração devem continuar, pois as vantagens do pluralismo são imensas.

Na perspectiva de Ramos (1999:98) a educação dos alunos filhos de imigrantes e as suas dificuldades de integração escolar,

---

<sup>4</sup> Igualdade de oportunidades “significa que, perante a lei (Constituição, Lei de Bases do Sistema educativo, etc.) todos os indivíduos, independentemente das suas condições socioeconómicas, étnicas e culturais, têm direito de ingressar, participar no sistema educativo e dele beneficiar” (Cardoso, 1998:21)

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

“Implicam a tomada em conta de um conjunto complexo e indissociável de factores socioeconómicos, culturais, políticos e pedagógicos (...) implicam ainda oferecer à criança migrante um ambiente social, psicológico, familiar e pedagógico – escolar capaz de transformar o risco que comporta a situação migratória num processo estruturante, dinamizador e criativo, implicam ainda a adopção de estratégias e de políticas educativas, sociais e de saúde adequadas e coordenadas”

Ramos (1996) salienta ainda que na actualidade a formação e integração socioprofissional de populações migrantes e de minorias étnico-culturais assume crescente importância, constituindo um desafio ao sistema educativo e à dinâmica das relações profissionais. Durante a integração escolar e posteriormente profissional, dessas populações, existem factores que não devem ser esquecidos, tais como, “a aposta na formação de professores, na pedagogia intercultural, no privilegiar das opções vocacionais da população migrante e das suas realidades linguísticas e socioculturais, no conhecimento das situações experimentadas no país de origem e da cultura de cada uma das comunidades” (Ramos, 2003a:271).

Os alunos pertencentes a este estudo (bem como a outros) revelam dificuldades na sua vida escolar “devido a problemas relacionados com o domínio da língua do país de acolhimento, e as estratégias inadequadas utilizadas pelos professores na sala de aula, aliada à não compreensão, por parte destes e dos colegas, das diferenças culturais que são características dos grupos étnicos a que pertencem” (Ferreira, 2003:50).

Tendo em conta que a maior parte das populações imigrantes integra as camadas sociais mais desfavorecidas, os progenitores dessas crianças possuem baixos níveis de escolaridade que condicionam a integração social e profissional, o que limita a obtenção de condições materiais (habitação condigna, alimentação equilibrada, material escolar, ...) e humanas (fracas aptidões intelectuais, pouco tempo disponível para acompanhar a vida escolar dos filhos, ...) necessárias para uma aprendizagem com sucesso.

Entre estas condições e o “desfasamento entre a cultura de origem dos filhos de imigrantes e a da sociedade de acolhimento, reproduzida e representada pela escola, leva frequentemente a que muitos deles constituam casos de insucesso, absentismo e abandono escolar” (Rocha – Trindade, 1995:250).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

No entanto Machado (1996), revela-nos que a atitude da escola e dos professores face ao bilinguismo dos filhos de imigrantes é um factor que interfere no desenvolvimento do processo de escolarização. A aprendizagem da língua portuguesa é um factor indispensável para uma integração bem-sucedida dessas crianças na nossa sociedade.

## **2.2 - A interculturalidade na escola**

O primeiro programa de Educação Multicultural foi criado em 1991, tendo entretanto adoptado a designação de Secretariado Entreculturas (2001). Este programa possui uma base de dados, definida como um macro sistema multidimensional, que a partir de 1993 abrangia o universo das escolas públicas continentais do ensino básico e secundário, mas não permitiu conhecer o número de alunos oriundo da Europa do Leste, número esse que tem vindo a aumentar, e que seria importante conhecer o quantitativo e as escolas que são frequentadas.

Segundo Ferreira (2003) o Ministério da Educação reconhece em algumas escolas, o que não é o caso deste estudo, a necessidade de promoção da Educação Intercultural, tendo em conta a crescente diversidade sociocultural a que a escola precisa de responder. Deste modo promove a necessidade de acolher melhor os alunos de origem estrangeira e os nacionais que têm vivências socioculturais diferentes; faculta o ensino do Português como Língua Não Materna; promove processos para o desenvolvimento da auto-estima, auto-imagem e da autoconfiança dos diferentes; promove a partilha de conhecimentos, valores, expressões estéticas, técnicas, cultos de cada cultura, potenciar a diversidade e entrelaçar as culturas.

Assim a educação intercultural segundo Ferreira (2003:100) é sem dúvida uma via educativa e tem como objectivo desenvolver as potencialidades dos alunos, levando-os a:

- Conhecer e conviver com a diferença;
- Valorizar as capacidades específicas e talentos diversificados, sem requerer de todos exactamente o mesmo;
- Preparar para desempenhos múltiplos;
- Gerir a resolução de problemas e de conflitos, ressaltando valores consensuais das diferentes culturas;
- Promover o conhecimento mútuo, a estima responsável e a cordialidade cívica.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

E para que tudo isto seja atingido segundo Ferreira (2003:101) é necessário:

- Criar estratégias de acolhimento e de integração de todos os alunos;
- Mostrar apreço pelas línguas maternas e dialectos dos alunos, promovendo o ensino específico de Português como Língua Não Materna;
- Recolher, criar, reformular e utilizar material didáctico-pedagógico de valência multicultural;
- Promover festejos e produção de trabalhos de expressão multicultural;
- Trabalhar em cooperação e negociação pedagógica;
- Distribuir estímulos e atenções específicas a todos;
- Auto-avaliar o investimento pessoal e o das estruturas escolares na transmissão de autoconfiança para o desenvolvimento dos alunos negativamente marcados pela sua condição sociocultural.

Para que esta educação intercultural seja bem-sucedida é necessária a colaboração de toda a comunidade educativa e o professor deve estar preparado para a problemática da Educação Intercultural.

Neste sentido a Educação Intercultural apresenta-se como um projecto educativo que valoriza a diversidade sociocultural e que, simultaneamente aposta na reanimação da cultura através da comunicação, da relação, da convivência e encontro entre culturas. A comunicação intercultural é essencial para uma pedagogia da relação intercultural que deve ter por base a compreensão e a tolerância, o reconhecimento do outro e da diversidade. Nesta pedagogia encontramos não só a determinação das suas próprias representações, dos modelos do seu sistema de valores, mas também a identificação das representações e dos sistemas de valores e de normas dos outros indivíduos e grupos, constituindo um meio de conhecimento e de aprendizagem do outro e de compreensão intercultural.

Mas para que tudo isto resulte, é necessário ter docentes preparados para a diversidade cultural.

### **2.3- O docente intercultural**

Durante o processo de integração/inclusão o papel do professor é de extrema importância, bem como o dos alunos de diferentes culturas, nas práticas escolares.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Pois como todos os professores sabem, a situação multicultural actualmente vivida nas nossas escolas exige um amplo conhecimento da sociedade, dos fenómenos migratórios e da comunidade onde estes alunos estão inseridos. É absolutamente necessário que o professor se sinta preparado para receber os alunos oriundos de diversos países, bem como as suas famílias, e que ao mesmo tempo saibam respeitar a diversidade da língua, comportamentos, religiões e os diversos modos de vida. Nunca pondo de lado a fortíssima possibilidade dos conflitos, sejam estes entre pais, ou até mesmo na escola, o professor para saber orientar a sala de aula, deve que possuir uma visão multicultural, para que esta se torne um local de aprendizagem, não só ao nível dos conteúdos temáticos mas também dos conteúdos interiores de cada aluno. Para que tal situação se reveja nas escolas portuguesa e nomeadamente na do presente estudo, a escola e os professores têm de valorizar, aceitar e aproveitar todos os saberes, valores, interesses e competências que estes alunos trazem na bagagem, apesar de vir de um local diferente do nosso não têm nenhuma “tábua rasa, uma mente vazia” (Perrenoud, 2000:28).

Quando entram nas escolas estas crianças já possuem diversos conhecimentos, conceitos, informações, experiências vividas e até preconceitos derivados de vários agentes socializadores, tais como, a família, vizinhos e meios de comunicação.

Desta forma a formação dos docentes em contextos multiculturais, passa a ser uma pedra basilar da educação intercultural, conduzindo-os para uma melhor qualidade de ensino e desenvolvimento de capacidades que estimulam o respeito e valorização da diversidade.

Mas a educação intercultural é um processo em que se educa mais fazendo e sendo, do que dizendo. Durante este processo, propõe-se jogos de satisfação das necessidades básicas e o desempenho socialmente admitido como válido para a dignidade individual e colectiva. Os alunos e professores devem aprender a cultivar comportamentos e atitudes solidárias, democráticas e cívicas e promover o reconhecimento da pluralidade e da alteridade.

Durante as práticas lectivas deve-se apelar à cooperação e valorizar diferentes saberes, aptidões e capacidades ao mesmo tempo que se promove o desenvolvimento ético-social para resolver conflitos, mediante uma negociação ou uma mediação dos mesmos. Na prática da educação intercultural há a necessidade de organizar e administrar a escola tendo em conta a diversidade cultural, considerando essa diversidade nos planos educativos da escola, nos planos curriculares de turma, de forma a promover a interacção cultural, combatendo todos os

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

estereótipos e formas de discriminação. Mas o currículo, de âmbito nacional, deve ser adaptado aos diferentes contextos e à realidade cultural da sala de aula.

À língua não materna deve ser dada uma grande atenção, pois o seu não conhecimento condiciona todas as aprendizagens e dificulta as seguintes. É ainda necessário encarar o curriculum intercultural e inclusivo como aquele que “potencia aprendizagens significativas para todos os alunos numa autêntica circularidade entre conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e, ao mesmo tempo, promove interações positivas e um clima de convivialidade entre os vários grupos culturais e étnicos que fazem parte de uma determinada comunidade educativa” (Peres, 1999:156).

Leite (2002:244), defende o seguinte:

“Perante a diversidade dos alunos, um professor que desenvolve práticas que contemplem essas especificidades acredita nas vantagens que daí decorrem e transporta para a escola os saberes do quotidiano dos diversos grupos, trabalhando-os, não de forma esporádica e fragmentada, mas contextualizada e vivenciada por processos interagidos”.

Mas a formação de professores para a interculturalidade, formação inicial e contínua, é escassa ou até mesmo rara. Rosa (2002), diz-nos que a formação para a interculturalidade pressupõe uma formação inicial que deve criar estruturas e atitudes formativas de base para depois continuar ao longo da vida de cada professor em cursos, seminários, diariamente na sala de aula, na procura das respostas mais adequadas a cada aluno e a cada situação. E que nessa formação inicial de professores é essencial que os programas “contemplem um curriculum global, integrado e integrador de todas as culturas, que respeite as diversidades e contribua para a dignidade da pessoa humana como ser original” (Peres, 1999:274).

Na escola é necessário elos de ligação entre os dispositivos pedagógicos, interculturais, que promovam os valores, saberes e estilos de vida e das culturas maioritárias e minoritárias, para que a escola possa oferecer o mesmo nível de sucesso a crianças diferentes. Mas só será possível construir estes dispositivos se o professor tiver consciência da diversidade cultural em que trabalha, o que requer “uma atitude e práticas investigativas necessárias à identificação e compreensão do ‘arco-íris cultural’ ao qual tem de oferecer propostas educativas adequadas” (Stoere Cortesão, 1999:60).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Quando o professor, adere as práticas de educação intercultural, tem subjacente o desenvolvimento de determinados conhecimentos, atitudes e competências. E de acordo com Cardoso (1996:33), o professor terá que desenvolver progressivamente:

- “ – Conhecimento das principais características culturais das minorias étnicas e da sua situação desfavorecida na sociedade;
- Disponibilidade/convicção para aderir ao projecto de consolidação de um clima de educação multicultural e anti-racista na escola;
- Atitudes: a) de reflexão acerca do modo como percebe a situação das minorias na sociedade e na escola; b) de consciencialização dos seus próprios sentimentos e atitudes em relação aos alunos pertencentes a minorias; c) de questionamento acerca das próprias práticas pedagógicas em classes/turmas étnica e socialmente heterogéneas; d) de análise e avaliação do nível de (in)adequação do ambiente global da escola face à diversidade dos alunos que a frequentam;
- Atitudes positivas em relação aos pais/famílias dos alunos pertencentes a minorias, começando pela abertura e interesse em ouvir e considerar os seus pontos de vista;
- Capacidade de olhar para a sociedade na perspectiva das minorias étnicas;
- Expectativas positivas e adequadas a todos e cada um dos seus alunos, afastando o efeito de preconceitos e estereótipos;
- Competências para proporcionar a todos os alunos igualdade de oportunidades no acesso aos conhecimentos e competências relativas às diferentes disciplinas do currículo”.

Como vimos a constatar, ao longo do estudo, a problemática da integração das crianças pertencentes a grupos minoritários (migrantes, minorias linguísticas, étnicas, culturais, grupos desfavorecidos ou marginais) é muito complexa. E a formação para a diversidade, de um modo geral, perde-se com a “aquisição de conhecimentos sobre as culturas, a evidenciar e às vezes até confraternizar com alguns costumes e valores, geralmente numa perspectiva da sua folclorização” (Cortesão, 2000: 16).

Neste sentido e no seguimento de tudo o que já foi apontado é imperioso desenvolver programas de formação e desenvolvimento profissional dos professores. De forma significativa e de qualidade é necessário que todos os serviços de apoio envolvidos criem na escola uma nova cultura organizativa a nível social e pedagógico – didáctico para que todos

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

os grupos – minoritários e majoritários – aprendam a viver juntos numa verdadeira permeabilidade de pessoas e culturas e sem separação entre o “nós” e os “outros”. Somente assim, é que a escola pode obter verdadeiras aprendizagens interculturais, que permitam às crianças dos grupos minoritários a aquisição de competências que lhes possibilitem uma participação activa e criativa na comunidade majoritária, preservando mutuamente as suas identidades culturais.

Cortesão e Stoer (1995 e 1999) defendem a formação do professor inter/multicultural como agente promotor de uma democracia aprofundada e as suas principais características e os seus pressupostos estruturantes.

O professor inter/multicultural, deve ser atento às questões da diversidade e será um elemento facilitador no âmbito da compreensão e identificação do “arco-íris cultural” presente na sala e na escola. Nesta postura temos como base a construção de comunidades culturais que se reconhecem, respeitam e interagem. É assim uma proposta intercultural que não se confunde com a justaposição de culturas nem o atropelo de umas sobre as outras, mas antes assentando na liberdade conquistada de ser diferente sem medo de o ser, crescendo juntos sem tensão, atravessando todos a mesma ponte.

Para que isto aconteça, as práticas pedagógicas dos professores e currículos devem ser orientadas no sentido da solidariedade e justiça social. Desta forma, Cortesão e Stoer (1995:43) afirmam que “o professor inter/multicultural configura-se assim, como um dispositivo de aprofundamento do espaço democrático da Escola para todos”.

## **Parte II - Trabalho empírico**

### **Capítulo I – Metodologias e Objectivos**

Seja qual for a investigação esta deve ter sempre em conta os respectivos objectivos, pois são eles que contribuem para a definição da amostra, das técnicas de recolha de dados, dos métodos de análise e interpretação dos resultados. Para Bogdan e Biklen (1994), o campo do conhecimento é muito vasto, o que faz com que seja necessário enunciar os objectivos da investigação, recolhendo dados de uma forma específica, porque quanto mais dados se tiver

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

sobre um tópico, contexto, ou grupo particular de sujeitos, mais fácil será reflectir profundamente sobre ele.

Neste sentido o principal objectivo desta tese é compreender a integração dos alunos romenos da escola do Pó.

Já os objectivos específicos são a compreensão do aumento da assiduidade *versus* diminuição do absentismo escolar, ao mesmo tempo que se avalia o rendimento escolar – aproveitamento escolar *versus* transição de anos lectivos.

Para tal foram utilizadas duas formas de recolha de dados.

## **1.1 – Técnicas e instrumentos de recolha**

Para que se possa responder aos objectivos atrás definidos, foram utilizados questionários e entrevistas, como métodos de recolha de dados em investigação social e educativa.

Inicialmente tinha-se pensado fazer entrevistas aos encarregados de educação e às docentes, mas visto que é muito difícil que os pais (homens) nos deixem falar com as mães sobre as questões relacionadas com os seus educandos, pensou-se em fazer um questionário a nível demográfico de modo a conseguir compreender mais ou menos as condições em que vivem ou sobrevivem e quais as idades que habitam na freguesia do Pó, tal como o número de crianças em idade escolar que estão inseridas neste meio rural. Saber se vão à escola ou não e porque.

### **1.1.1- Questionário**

O questionário permite o acesso a um maior número de participantes, já a entrevista permite aprofundar o sentido que os participantes no estudo dão às suas concepções e expectativas (Quivy e Campenhoudt, 2005).

Este procedimento de recolha de dados em questionário permitiu obter dados acerca da situação familiar, económica e social do indivíduo-pai romeno que habita na freguesia do Pó.

Foram entrevistados todos os habitantes à data dos questionários, mas se este inquérito for efectuado noutras alturas do ano sofrerá oscilações, pois esta população não é estável ao nível da habitabilidade.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

O questionário foi efectuado a 139 habitantes, e pretendeu identificar ao máximo as suas situações familiares, passando a descrever os tópicos, estando os inquéritos trabalhados e devidamente descritos abaixo, onde podem ser consultados e comprovados os dados que menciono. Este questionário está todo trabalhado e devidamente identificado no corpo do trabalho, não havendo mais dados em anexo.

Dentro do grande tópico que é a identificação dos agregados familiares, foram identificados por sexo, idades, estado civil, habilitações literárias e composição do agregado.

No que diz respeito ao tópico do trabalho foram questionados sobre se trabalham ou não, o sector de actividade, situação contratual e se possuem protecção social para os mais novos.

Quanto à situação económica, utilizaram-se três formatos diferentes: remuneração diária, semana ou mensal. Os inquiridos não recebem todos do mesmo modo, nem as mesmas quantias, trabalham à jorna o que implica receberem consoante o trabalho efectuado, justificando-se assim a divisão.

Com os inquéritos podemos também caracterizar as famílias ao nível do tipo de habitação, regime de ocupação, conservação das habitações, número de divisões por casa e as condições de habitabilidade.

Por fim identificou-se o tipo de despesas como água, luz, renda separadas ou renda com despesas incluídas quando as restantes despesas são pagas pelo senhorio. Estas rendas com despesas incluídas são muito mais elevadas do que as pagas separadamente, constatando-se a existência de uma clara “exploração” da parte do contratante ao contratado, sendo que este último muitas vezes paga as despesas da luz ou da água do patrão.

### **1.1.2 - Entrevista**

A entrevista é uma das «ferramentas» mais utilizadas na investigação social e educativa. Com esta técnica de recolha de dados pretendíamos, obter informações relevantes para a nossa investigação, através de um diálogo de carácter interactivo, ao mesmo tempo que contribui para uma análise mais profunda da realidade educativa.

Os objectivos do guião (anexo I) centravam-se na compreensão da diversidade cultural em sala de aula e o modo como era transmitida a educação intercultural presente.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Paralelamente pretendia-se compreender o envolvimento dos pais e a participação dos alunos na escola.

A intenção era proceder à recolha de dados de opinião que permitissem «não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos os intervenientes do processo» (Estrela, 1986:354). «Isto é, se, por um lado, se procura uma informação sobre o real, por outro, pretende-se conhecer algo dos quadros conceptuais dos dadores dessa informação, enquanto elementos constituintes desse processo» (ibidem).

Dos diferentes tipos de entrevista que existem é a entrevista semi-directiva que se adapta melhor ao estudo, após ser elaborado pelo entrevistador um guião inicial. Ao optarmos por este tipo de entrevista, partimos de um quadro temático de referência que orientou a nossa intervenção junto dos entrevistados, com temas e tópicos a tratar durante a entrevista, apesar da ordem dos temas a tratar poderem ser um pouco livres, tendo em conta o tema central.

As entrevistas foram estruturadas de acordo com o objectivo de estudo, com as questões levantadas e com os nossos pressupostos teóricos.

Para a elaboração do guião (anexo I) das entrevistas baseamo-nos na orientação dada por Albano Estrela (1986): O primeiro passo é a formulação do tema, conhecer as turmas da escola – aspectos explícitos e implícitos. O segundo é a definição dos objectivos gerais, conhecer as características das turmas, identificando as especificidades dos alunos romenos; conhecer a importância da Educação Intercultural no dia-a-dia do ensino; perceber o que fazem para atrair os alunos à escola. Em terceiro – Desenvolvimento da entrevista com os objectivos de ordem específica. Que está dividido em quatro blocos: diversidade cultural na sala de aula; educação intercultural; envolvimento dos alunos romenos com a comunidade escolar; participação dos alunos na escola.

Assim, todas as entrevistas foram gravadas, após o consentimento das entrevistadas, e todo o seu conteúdo foi posteriormente transcrito na íntegra (anexos II, III e IV).

Apesar das entrevistas terem sido realizadas no estabelecimento de ensino, pretendemos que se desenrolassem em clima informal e descontraído sem nunca esquecermos os aspectos fundamentais considerados no guião (anexo I).

Após a recolha dos dados acima mencionados foram efectuadas as devidas análises que auxiliaram nos resultados desta tese.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## **1.2 – Técnicas de análise dos dados**

Segundo Campenhoudt e Quivy (1995), o derradeiro estágio de uma investigação passa pela pesquisa e metódica organização das transcrições de entrevistas e/ou outros recursos, criando uma separação em conjuntos que permitam a análise dos dados em busca de padrões e/ou características pertinentes, permitindo aferir o que expor aos outros.

Para Bardin (1977) impõe-se a distinção entre duas formas de tratar a análise de dados: qualitativamente e quantitativamente, situando-as em diferentes campos de acção. O método estatístico, que conduz a resultados descritivos de forma mais objectiva e fidedigna, pertinentes principalmente “na elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa” (Bardin, 1977:115). O método qualitativo, embora mais flexível e ajustável à imprevisibilidade dos dados e desenvolvimento da investigação tem, segundo o autor, maior nível de risco em termos de erros, devido à sua permeabilidade a elementos singulares e/ou de baixa frequência.

## **1.3 – Análise de conteúdo**

O procedimento para a recolha dos dados incidirá essencialmente em entrevista de resposta aberta às docentes, e um questionário de caracterização da população efectiva.

No âmbito das entrevistas às professoras foi utilizado um guião (anexo I) com enfoque na integração dos alunos da escola.

Já os questionários foram para todos os habitantes romenos da freguesia do Pó, onde se incluem os encarregados de educação dos alunos romenos, de modo a que se consiga caracterizar o contexto familiar dos alunos e dos pais, bem como a restante comunidade.

Segundo Freixo (2009), o objectivo da entrevista é recolher directamente a informação da fonte (o entrevistado), pois sempre que for necessário reformular alguma questão é mais simples de o fazer, do que através de inquéritos aos quais os indivíduos não são obrigados a responder a todas as questões apresentadas.

Posto isto, as entrevistas podem ser classificadas como estruturadas, também denominadas padronizadas, ou não-estruturadas.

Assim foi efectuado um guião (anexo I) prévio, como já referi atrás, que pode ser adaptado consoante a necessidade. Não podendo existir um desvio de tema, senão a entrevista não servirá para responder ao estudo. Sendo assim deve ter-se muita atenção do modo como

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

se pergunta e a quem se pergunta, adaptando sempre a questão à pessoa que se está a entrevistar. Apesar do guião (anexo I) prévio ser comum há termos que por vezes têm de ser readaptados conforme o entrevistado, de modo a que as diferentes professoras ou encarregados de educação tenham a mesma percepção da questão e nos dêem a resposta o mais fiel possível. Para além do guião de entrevista (anexo I), também foi elaborada uma matriz de análise das entrevistas (anexo V), onde podemos cruzar os resultados obtidos através das três entrevistas de modo a que sejam respondidas todas as questões principais, pontos-chave, pois se assim não fosse tornar-se-ia muito maçador a leitura extensiva das entrevistas e chegaríamos ao final e já sabíamos muito bem a qual entrevista nos referíamos. Pois as entrevistadas repetem-se muito ao longo da sua conversa e mesmo no próprio discurso, voltam muitas vezes a responder a outras questões que foram perguntadas ou que irão ser.

#### **1.4 - Caracterização do contexto de estudo e dos participantes**

O campo de estudo, como já foi mencionado, situa-se na freguesia do Pó, Concelho de Bombarral, com a população romena que ali habitava aquando dos inquéritos, e respectivas professoras que leccionavam aquando das entrevistas. Tratando-se de um caso tão específico, optou-se por não incluir neste estudo: dados de outros estudos, que em norma abordaram casos mais gerais, e entrevistas a responsáveis de agrupamento, que pela falta de contacto directo com a população em questão, não permitiriam delas retirar dados relevantes.

A amostra não será aleatória, nem seleccionada, mas antes uma amostra por conveniência.

No ano lectivo de 2010/2011, os alunos romenos estavam distribuídos por três turmas que existiam na escola do 1.º ciclo do Pó. No ano de 2011/2012 ficaram todos na mesma turma (turma T), tendo no ano lectivo seguinte (2012/2013) a professora desta turma sido transferida para a escola do Bombarral, ficando os alunos romenos com outra docente.

Sendo assim pareceu pertinente entrevistar as três professoras da escola, e a professora de apoio. Pois será uma mais valia recolher a opiniões de todas, visto que em conversas informais partilham ideias por vezes divergentes e será muito útil poder analisar as diversas opiniões e não ficar somente com uma. Mas aquando das entrevistas realizadas às três professoras principais verificou-se que a professora de apoio era raro encontrar-se na escola, tendo os alunos romenos pouco ou nenhum apoio da parte dela, ou de outro professor que o

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

agrupamento deveria colocar – professor de língua não materna: “Completamente, e depois é daí o problema da língua não materna, o professor da língua não materna, que nós pedimos (anexo III, L. 480 a 481); “tal ela tinha que fazer as substituições (...) ia para todo o lado, ora isso fazia com ela não desse aqui apoio, houve períodos em que ela veio cá duas manhãs” (anexo II, L. 164 a 168).

### **1.4.1 - Caracterização da Freguesia do Pó**

A freguesia do Pó foi criada em 1984 e é a mais recente, e mais pequena, de todas as freguesias do concelho do Bombarral, sendo delimitada pela freguesia da Roliça a sul, pelo concelho de Óbidos a norte, e da Lourinhã a oeste (Bombarral, 2004). “Segundo alguns autores a povoação terá tomado o nome do apelido da família Pó, que tinha propriedades neste lugar, mas também se poderá admitir ter acontecido que esta família tenha assumido o nome da aldeia onde residia” (Citado em Bombarral, 2004).

“A maior parte da sua área situa-se numa várzea e apenas uma pequena parte abrange uma zona elevada no planalto das Cesaredas. (...) A localidade do Pó encontra-se encostada aos contrafortes do planalto aproveitando a fertilidade dos solos da várzea para o desenvolvimento de uma agricultura produtiva, com especialidade na cultura dos bacelos” (Citado em Bombarral, 2004). É, portanto, a produção agrícola a principal actividade desta Freguesia. Também o pequeno comércio e alguma indústria se têm desenvolvido, particularmente na sede de freguesia e nas suas imediações.

A nível de cuidados de saúde, existe um Posto de Saúde, inaugurado em 30 de Outubro de 1993, no âmbito de um processo de descentralização dos cuidados de saúde, e apoio da Administração Regional respectiva. No entanto, desde o ano de 2009 que o Posto apenas presta serviços mínimos, devido à licença sem vencimento requerida pela médica que prestava serviço nesta unidade. Este Posto é um recurso importante para os habitantes da freguesia, tendo em conta a distância relativamente ao Centro de Saúde do Bombarral.

A médica prestava serviço três vezes por semana (segundas, quartas e sextas-feiras), durante o período da manhã acompanhada de enfermeiras que auxiliavam o seu trabalho. Actualmente, somente as enfermeiras, que cumpriam o mesmo horário da médica, continuam a prestar acompanhamento, mas desta vez durante uma hora, nos mesmos três dias por semana. Este acompanhamento é feito não só no Posto mas também ao domicílio (injecções,

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

pensos, medição de diabetes, tensão, etc.), e o serviço de medicamentos, com a ausência da médica, é neste momento prestado pela administrativa da Junta de Freguesia do Pó uma vez por semana (os utentes deixam lá o seu receituário e o mesmo é aviado na semana seguinte pela funcionária da Junta).

Visto o Centro de Saúde do Bombarral não ter neste momento capacidade de resposta para as necessidades dos habitantes do concelho, seria de todo importante que o Posto de Saúde do Pó retomasse o pleno funcionamento. A sua importância é reforçada pela constatação de que a maioria dos elementos da comunidade romena, por falta de recursos, não têm possibilidade de se deslocar à sede de concelho para receberem o apoio médico, que facilmente seria prestado por um Posto de Saúde a funcionar em pleno (dados mencionados pela administrativa da junta no dia 19 de Maio de 2010).

Apesar de que os imigrantes romenos preferirem, por encontrarem outras formas de atendimento, deslocar-se à Roménia do que ir a um hospital em Portugal, quando necessitam de proceder a vacinação, intervenções cirúrgicas e/ou outros cuidados de saúde menos urgentes (Duarte, 2010).

Quanto ao nível educativo, que é no que nos vamos focar, esta freguesia tem um Jardim-de-infância, construído em 2002 com duas salas de aula a funcionar nas devidas condições até ao ano lectivo de 2010/2011, tendo a partir desse ano lectivo ficado a funcionar uma só sala de aula.

A escola primária, apesar de antiga, tem sido alvo de muitas intervenções, e neste momento tem apenas duas salas de aula em funcionamento, mas muito bem equipadas. A única falha que esta escola tem é a falta de um professor de língua não materna. Isto porque apesar de ser mencionado numa das entrevistas às professoras que iria existir um durante o ano de 2012/2013, a escola continua sem professor de apoio permanente e a professora que leccionava os alunos romenos mudou de escola.

Quando os alunos romenos entraram para a escola Pó, em 2010/2011 estavam distribuídos por três turmas, no ano seguinte (2011/2012) o agrupamento juntou-os todos numa só, em 2012/2013 a professora que leccionava esta turma de alunos romenos foi transferida para o Bombarral, tendo os mesmo ficado com a coordenadora da escola como docente.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

### 1.4.2 - Comunidade romena

Como é do conhecimento, pelo senso comum, os romenos perpetuam na Europa e não têm interesse pela escola dos filhos, mas a aprendizagem deve ser vista de dois modos diferentes.

Segundo Gomes (2001) por um lado temos a situação em que a finalidade da vida é basicamente a sobrevivência no dia-a-dia, a luta contra a fome. E por outro lado temos as necessidades elementares já asseguradas e o indivíduo pode então pensar no seu desenvolvimento pessoal, na carreira, no enriquecimento material e intelectual.

Mas sem dúvida que não podemos passar por cima do aspecto das condições humanas, pois são estas a base de todo o desenvolvimento do ser humano e que contribui grande parte para a aprendizagem das crianças em contexto de sala de aula.

Assim pensou-se em realizar um questionário a todos os habitantes, no momento, da comunidade romena, de modo a que pudéssemos ter uma visão mais aberta de como é esta comunidade e em que condições vivem.

## Capítulo II - Apresentação e análise dos dados

### 2.1 - Análise dos dados demográficos (questionários)

Na tabela abaixo estão mencionados o género dos inquiridos da comunidade romena.

<b>Feminino</b>	<b>70</b>
<b>Masculino</b>	<b>69</b>
<b>Total</b>	<b>139</b>

Tabela I – Sexo

Tal como podemos observar o número total de inquiridos é de cento e trinta e nove indivíduos, onde setenta são do género feminino e sessenta e nove do género masculino.



Gráfico 1 – Sexo

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Ao observarmos graficamente podemos referir que a percentagem de mulheres é somente 1% acima dos homens conforme se pode verificar no gráfico acima.

De seguida temos a tabela sobre a faixa etária da comunidade romena.

Entre os 0 e os 10 anos	19
Entre os 11 e os 20 anos	16
Entre os 21 e os 30 anos	36
Entre os 31 e os 40 anos	27
Entre os 41 e os 50 anos	28
Entre os 51 e os 60 anos	10
Entre os 61 e os 70 anos	1
Maior que 70 anos	0
Não sabe/ não responde	2
Total	139

Tabela II – Idades

Quando à idade da comunidade romena que habita na freguesia do Pó varia entre os zero anos (meses) e os setenta anos de idade. Desconhecendo-se no entanto a idade de dois elementos desta comunidade, que não responderam por indisponibilidade.

Assim, como podemos verificar, a predominância de idades está na faixa entre os vinte e um anos e os trinta anos de idade.

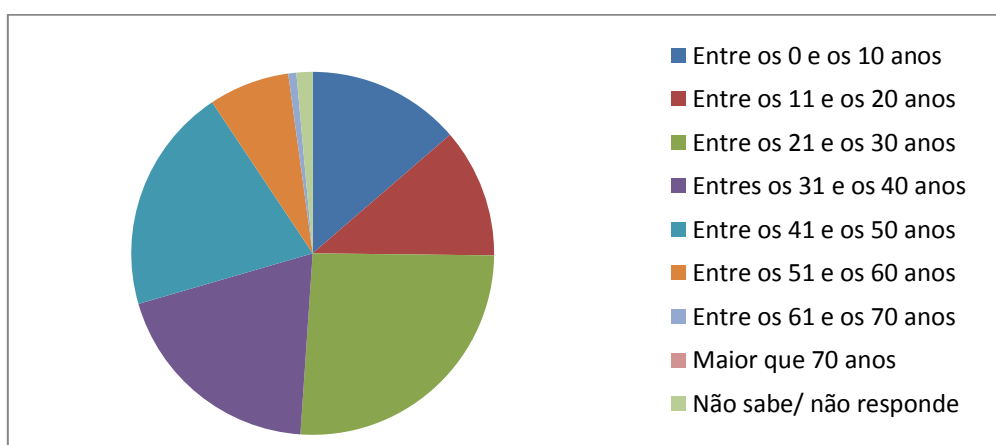


Gráfico 2 – Idades

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Como podemos verificar no gráfico acima a predominância de idade está mesmo entre os vinte e um anos e os trinta anos de idade, com mais percentagem, tal como já tínhamos visto na tabela.

Em relação ao estado civil da comunidade romena, temos a tabela a baixo.

<b>Solteiro</b>	<b>33</b>
<b>União de Facto</b>	<b>52</b>
<b>Casado</b>	<b>52</b>
<b>Viúvo</b>	<b>2</b>

Tabela III – Estado Civil

Onde nos indica que a cinquenta e dois elementos são casados, e cinquenta e dois outros vivem em união de facto. Há que ter em conta que foi referido por uma romena que apesar de algumas pessoas referirem estarem casados, podem viver há muito tempo em união de facto. Segundo a mesma, na Roménia, para se casarem é necessário viver em união de facto durante dois anos. Existem ainda trinta e três romenos solteiros, onde se incluem as crianças que não têm idade para casar, ou viver em união de facto.

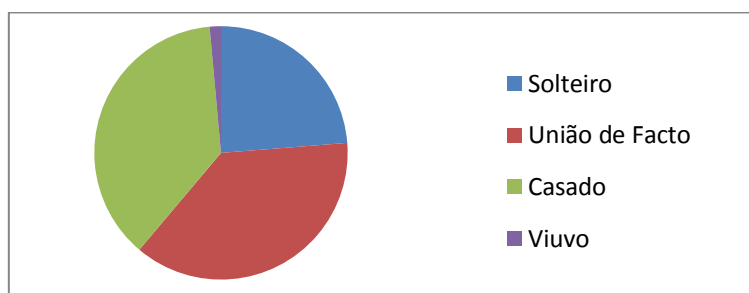


Gráfico 3- Estado civil

No gráfico acima podemos verificar mais uma vez que a percentagem de viúvos romenos que habitam em Portugal é diminuta, prevalecendo as situações de casamento e união de facto.

A questão seguinte abordava as habilitações; a pergunta mais importante para este estudo e na qual surgiu a necessidade de compreender o aumento de inscrições dos filhos dos romenos da freguesia do Pó na escola.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

<b>Sem habilitações</b>	<b>8</b>
<b>Lê e escreve</b>	<b>2</b>
<b>Não frequenta</b>	<b>11</b>
<b>Sem idade para frequentar</b>	<b>4</b>
<b>Frequentou 1 a 4 anos de escolaridade</b>	<b>17</b>
<b>Frequentou 5 a 8 anos de escolaridade</b>	<b>67</b>
<b>Frequentou 9 a 12 anos de escolaridade</b>	<b>9</b>
<b>Frequentou mais de 12 anos de escolaridade</b>	<b>0</b>
<b>Não sabe, não responde</b>	<b>20</b>
<b>Frequentou mais de 10 anos</b>	<b>1</b>

Tabela IV – Habilitações literárias

Como podemos verificar oito romenos não têm habilitações, pois nunca frequentaram a escola. Duas sabem ler e escrever mas nunca frequentaram a escola também, aprenderam com os pais ou com os amigos. Seguidamente, temos onze romenos que não frequentam a escola mas que têm idade para tal. Dezassete romenos somente frequentaram entre o primeiro ano de escolaridade e o quarto ano do mesmo. Sessenta e sete romenos frequentaram entre o quinto e oitavo ano de escolaridade. Nove romenos frequentaram entre o nono e o décimo segundo ano de escolaridade. Nenhum nos cento e trinta e nove inquiridos frequentou algum curso superior. Vinte romenos não responderam, ou os que moravam na mesma casa não sabiam até que ano tinha frequentado a escola. Somente um romeno frequentou mais de dez anos de escolaridade, tendo tirado um curso de mecânica.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

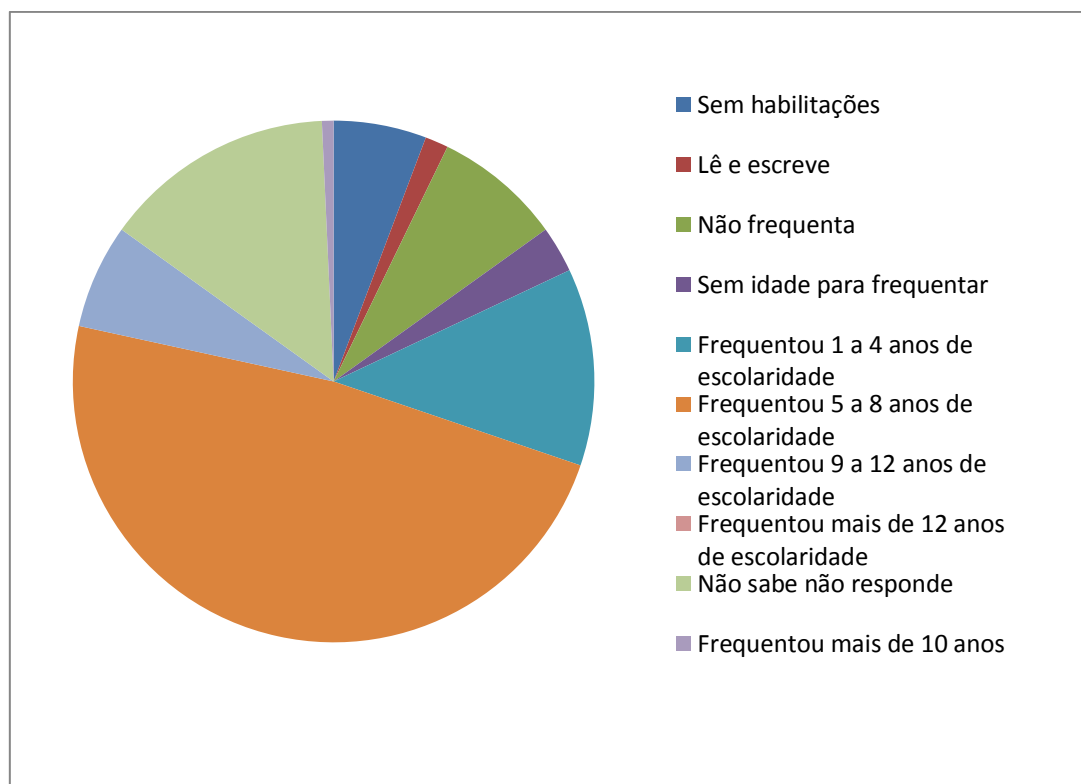


Gráfico 4 – Habilitações literárias

Podemos verificar no gráfico acima que a maioria dos romenos frequentou entre o quinto ano e o oitavo ano de escolaridade.

Outra das questões também importantes dizia respeito à composição familiar da comunidade romena.

<b>Nuclear</b>	<b>2</b>
<b>Alargada</b>	<b>10</b>
<b>Monoparental</b>	<b>0</b>
<b>Reconstituída</b>	<b>0</b>
<b>Agrupada em economia comum</b>	<b>10</b>

Tabela V – Composição familiar

Com podemos verificar na tabela acima a composição familiar da comunidade romena, assim temos duas famílias que vivem somente pais e filhos. Dez famílias que moram pais, filhos, avós, tios. E dez famílias que moram em economia comum, ou seja amigos

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

romenos que vivem com as famílias uns dos outros. Assim não temos famílias monoparentais nem famílias reconstituídas.

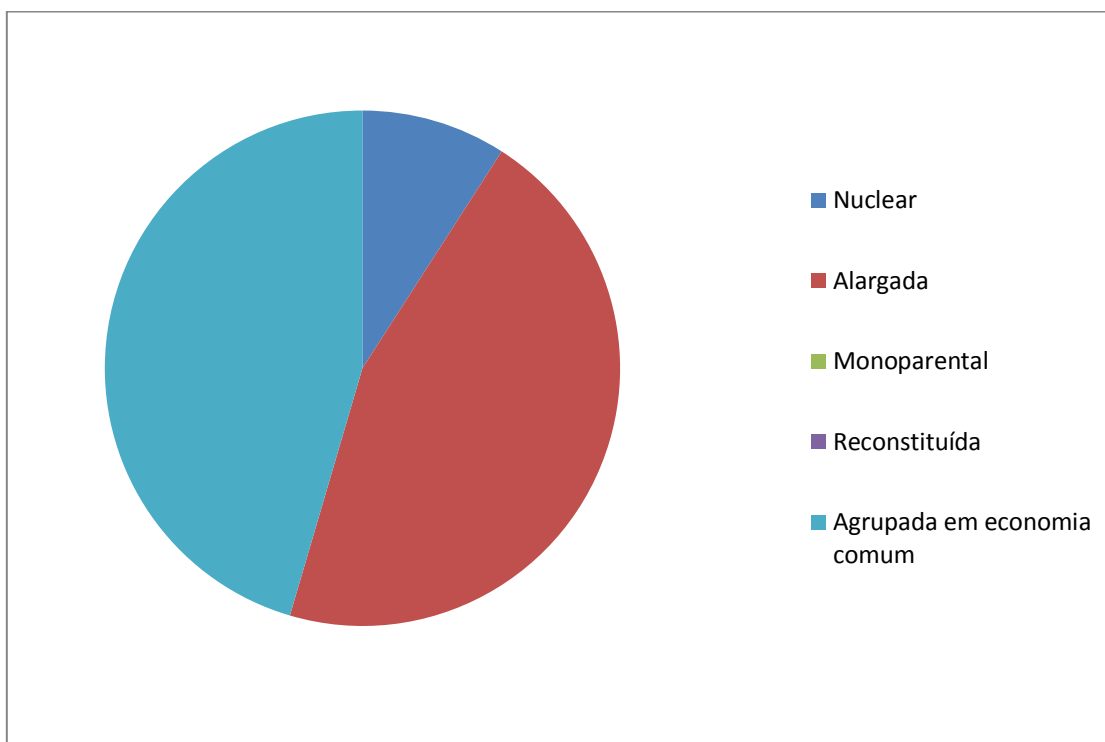


Gráfico 5 – Composição familiar

Como podemos verificar no gráfico a percentagem de famílias alargadas são as mesmas das famílias que moram em economia comum. E podemos verificar também que não existem famílias monoparentais nem famílias reconstituídas.

Na tabela seguinte refere o número de elementos romenos com idade para trabalhar e que não trabalham. E para estas tabelas não foram laborados gráficos, pois não existia a necessidade de observar por cores, sendo que tudo aquilo que pode e deve ser observado basta analisar os resultados encontrados nas tabelas.

---

**Quantos os elementos do Agregado que não trabalham? 2**

---

Tabela VI – Trabalho

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Assim dos 113 romenos que têm idade para trabalhar somente dois é que não trabalham, pois são senhoras que ficam por casa a tomar conta dos seus netos.

A tabela seguinte refere o sector de actividade.

<b>Sem informação</b>	<b>0</b>
<b>Primário</b>	<b>111</b>
<b>Secundário</b>	<b>0</b>
<b>Terciário</b>	<b>0</b>

Tabela VII – Sector de actividade

Como podemos verificar todos os cento e onze romenos com idade para trabalhar, trabalham no sector primário, ou seja no bacelo, poda, e demais agricultura, etc.

Quando à protecção social, esta é muito escassa como podemos verificar.

	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Decl/Conf</b>
<b>Desconta Protec. Social?</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Trabalho Regular?</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Tabela VIII – Protecção social

Somente dois elementos da comunidade romena desconta para a protecção social, e são de certo os elementos que têm os filhos na escola há mais tempo.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Na tabela seguinte refere a situação na profissão / situação contratual

Sem informação	Elementos	
<b>Patrão</b>	Contrato a termo certo, a prazo	2
	Contrato de prestação de serviço	
	Contrato permanente	
	Não aplicável	
	Sem contrato: trabalho ao dia	
	Sem contrato: trabalho sazonal	
	Sem contrato: trabalho à peça	
	Sem contrato: à tarefa	
	Sem informação	
<b>Trabalhador por conta própria independente</b>	Empresário em nome individual	
	Profissão livre	
	Trabalhador sem situação legalizada	
	Não aplicável	
	Sem informação	
<b>Trabalhador por conta de outrem</b>	Contrato a termo certo, a prazo	
	Contrato de prestação de serviços	
	Contrato permanente	
	Não aplicável	
	Sem contrato: trabalho ao dia	86
	Sem contrato: trabalho sazonal	22
	Sem contrato: trabalho à peça	1
	Sem contrato: à tarefa	
Sem informação		
<b>Serviço Doméstico</b>	Contrato a termo certo, a prazo	
	Contrato de prestação de serviço	
	Contrato permanente	
	Não aplicável	
	Sem contrato: trabalho ao dia	
	Sem contrato: trabalho sazonal	

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Sem contrato: trabalho à peça	
Sem contrato: à tarefa	
Sem informação	

Tabela IX – Situação na profissão/ situação contratual

Como podemos verificar na tabela temos dois romenos que têm contrato de trabalho e patrão fixo. Oitenta e seis romenos que trabalham ao dia mas sem patrão fixo nem contrato de trabalho. Vinte e dois romenos que trabalham sazonalmente, sem contrato de trabalho. E ainda um romeno que trabalha à peça sem contrato de trabalho na mesmas.

Nota: De todos os 111 trabalhadores, 104 têm idades maiores que 20 anos ou seja 6 trabalhadores têm mais de 18 anos mas um tem somente 17 anos e feitos a 21 de Janeiro deste ano.

Dado que já se mencionou o trabalho a tabela seguinte diz respeito ao motivo de desemprego.

Motivo de desemprego	Elem
Cessaçãõ de contrato	0
Cessaçãõ de trabalho (nãõ tinha contrato)	0
Despedimento	0
Despedimento por iniciativa prõpria	2
Encerramento da empresa (falência)	0
Incapacidade para o trabalho (doença)	0
Nãõ aplicável	0
Prestar apoio a um membro do agregado familiar	0
Sem informaçãõ	0

Tabela X – Motivo de desemprego

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Tendo em conta que quase todos os romenos inquiridos trabalham, questionou-se acerca das remunerações.

Sem informação	2
€ 27, 50	2
Entre os € 25,00 e os € 30,00	5
Entre os € 27,00 e os € 30,00	1
€ 28,00	3
€ 30, 00	36
Entre os € 30,00 e os € 35,00	6
€ 35,00	15
Entre os € 35,00 e os € 40,00	1

Tabela XI – Remuneração diária

Na tabela acima temos dois romenos dos quais não temos informação sobre a remuneração. Dois que recebem € 27,50 por dia. Cinco romenos recebem entre os € 25,00 e os € 30,00. Um romeno recebe ou pouco mais estando entre os € 27,00 e os € 30,00. Três deles recebem € 28,00 por diariamente. Trinta e seis romenos recebem €30,00 por dia. Seis romenos recebem entre os € 30,00 e os e € 35,00. Quinze deles recebem € 35,00 por dia. E somente um recebe mais entre os € 35,00 e os € 40,00 diários.

À que ter em conta que nem todos estes romenos trabalham todos os dias da semana, nem para os mesmos patrões, daí variar a remuneração que recebem. Ainda nesta tabela não se encontram as remunerações de todos os romenos, pois alguns referiam o que recebem à semana ou ao mês. Assim nas tabelas abaixo encontra-se a restante informação.

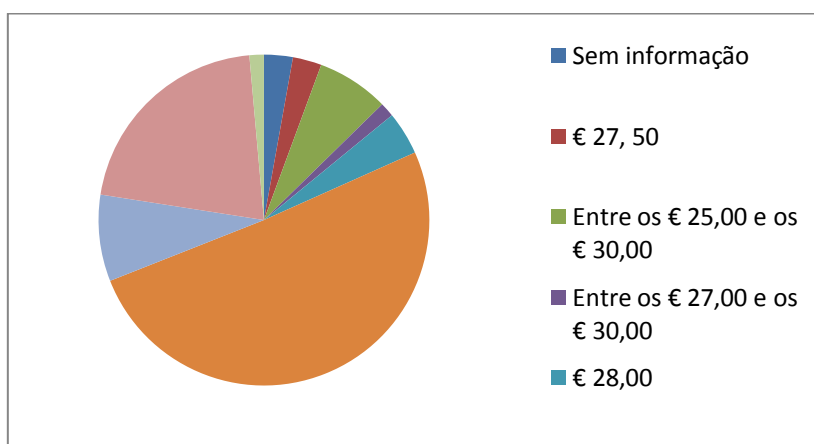


Gráfico 6 – Remuneração diária

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

A seguinte tabela refere-se à remuneração que a comunidade romena auferem à semana.

<b>Rendimentos à semana € 100</b>	<b>3</b>
<b>Rendimentos à semana € 120</b>	<b>4</b>
<b>Rendimentos à semana € 130</b>	<b>1</b>
<b>Rendimentos à semana € 150</b>	<b>2</b>
<b>Rendimentos à semana € 170</b>	<b>2</b>
<b>Rendimentos à semana € 180</b>	<b>6</b>
<b>Rendimentos à semana € 200</b>	<b>3</b>
<b>Rendimentos à semana € 210</b>	<b>1</b>

Tabela XII – Remuneração semanal

Na tabela acima como podemos verificar temos três romenos a receber €100,00 por semana, quatro a receber €120,00, um a receber € 130,00, dois a receber € 150,00, dois a receber € 170,00, seis a receber € 180,00, três a receber € 200,00 e um a receber € 210,00 semanais. Mais uma vez relembramos que estes dados não dizem respeito ao total de romenos que habitam na freguesia do Pó.

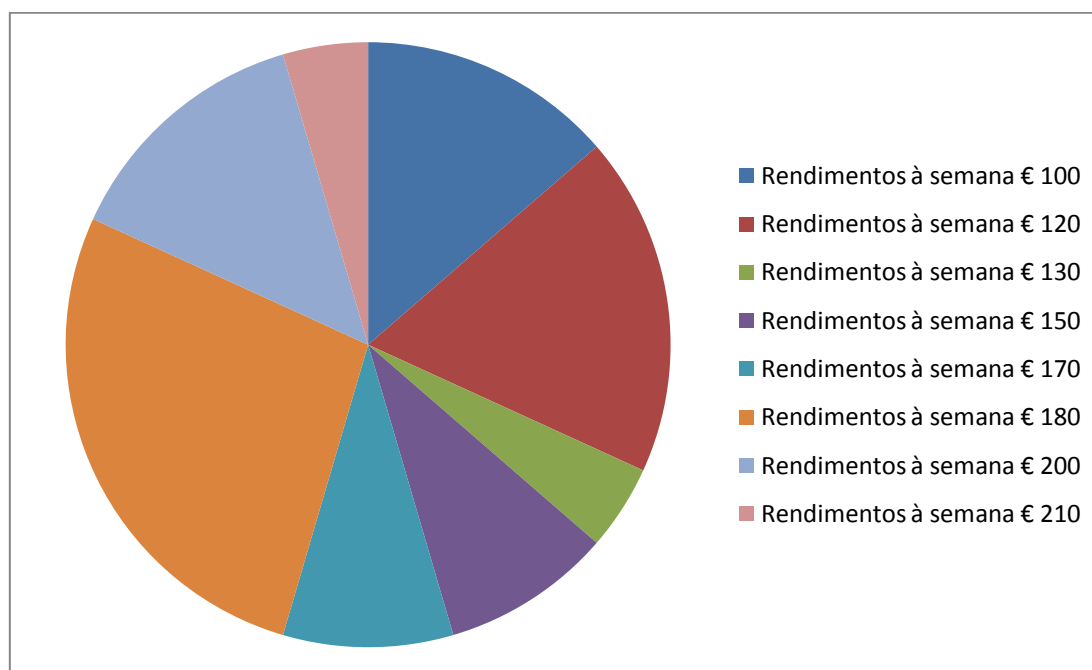


Gráfico 7 – Remuneração Semanal

Como podemos consultar no gráfico acima transcrito a maior percentagem de romenos auferem € 180,00 semanais e menor percentagem auferem, € 130,00 a € 210,00 semanais.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Relembramos que nem todos os romenos trabalham para o mesmo patrão e como consequência temos estas diferenças nas remunerações dos mesmos.

A seguinte tabela refere-se à remuneração que a comunidade romena auferia ao mês.

€ 600, 00                      2

Tabela XIII – Remuneração mensal

Outro factor para o estudo também relevante é o tipo de habitação

Alojamentos colectivos e casa de dormidas	0
Apartamento/ andar	0
Barracas	0
Casa unifamiliar	17
Parte de casa	5
Quarto alugado	0
Armazém	0
Garagem	0
Qual?	0

Tabela XIV – Tipologia da habitação

Como podemos verificar na tabela temos no Pó dezassete casas, unifamiliar, isto não quer dizer que vive somente uma família mas sim que é uma casa com as condições “necessárias” para que uma família habite. E temos cinco famílias que moram em parte de casa, podendo estas ser um anexo da casa de uns familiares que foi aproveitada para a sua estadia. Referimos ainda que às partes de casa também são cobradas rendas, não tão altas como as casas unifamiliares mas são cobradas rendas que ronda os € 150,00 em três e € 180,00 a € 200,00 em duas delas.

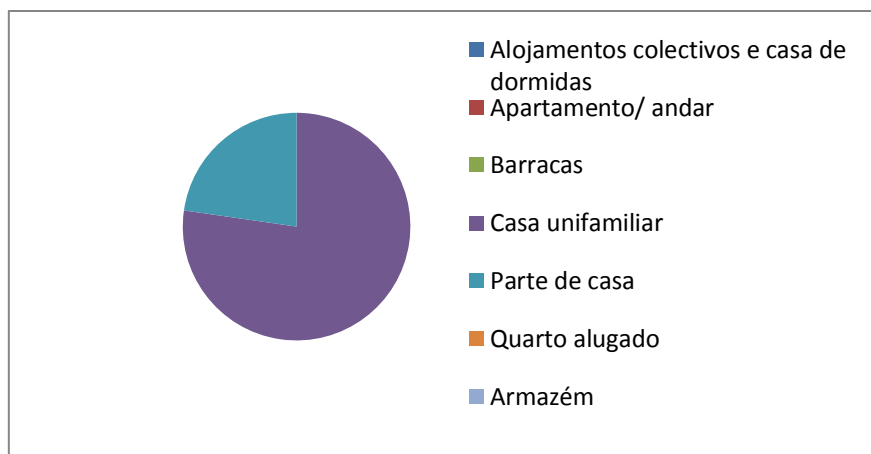


Gráfico 8 – Tipologia da habitação

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Como podemos verificar no gráfico acima a maior parte das famílias habita em casa unifamiliares, mas como já foi referido não se trata de casas com uma só família mas de casas onde coabitam duas ou mais famílias, respeitando no entanto as habituais funcionalidades das divisões de uma casa (quarto, casa de banho, sala, cozinha e algumas garagem). Assim a menor percentagem corresponde a partes de casa que por vezes são anexos das casas anteriormente descritas ou partes de casas dos senhorios.

As habitações anteriores são todas de renda como podemos verificar na próxima tabela.

<b>Arrendada c/ contrato</b>	<b>4</b>
<b>Arrendada s/ contrato</b>	<b>17</b>
<b>Cedida</b>	<b>0</b>
<b>Em casa de família</b>	<b>0</b>
<b>“Ocupada”</b>	<b>0</b>
<b>Outra</b>	<b>0</b>
<b>Qual?</b>	<b>0</b>
<b>Própria</b>	<b>0</b>
<b>Sem informação</b>	<b>1</b>

Tabela XV – Regime de Ocupação

Como podemos confirmar na tabela somente quatro casas têm contrato de arrendamento e dezassete casas não têm contrato de arrendamento. No entanto não temos a informação do regime de ocupação das vinte e duas famílias, pois uma das famílias não referiu se tinha ou não contrato de arrendamento.

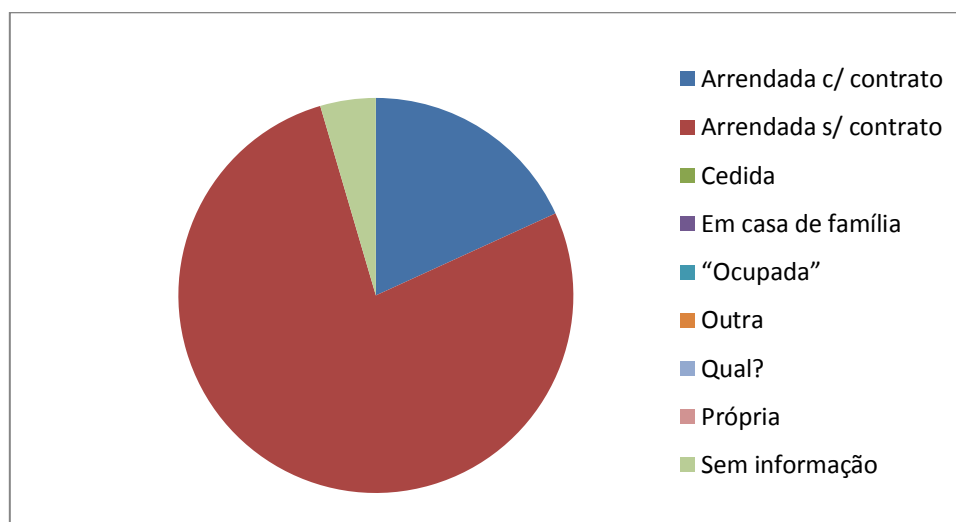


Gráfico 9 – Regime de ocupação

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Perante o gráfico acima exposto pode verificar-se que a maior percentagem do regime de ocupação é em casa sem contrato de arrendamento. E sem contar com a que não nos cedo a informação a menor percentagem tem contrato de arrendamento.

E mesmo sendo casa de renda as condições não são as melhores para a habitabilidade de crianças e de adultos.

Bom estado	0
Degradada no Exterior	0
Degradada no Interior	0
Degradada no Interior e Exterior	8
Em ruína	0
Razoável	12
Outro	0
Qual?	0
Não aplicável	2
Sem informação	0

Tabela XVI – Conservação das habitações

A tabela acima refere que oito das habitações encontram-se degradadas no interior e exterior. Doze habitações encontram-se em condições de habitabilidade razoável. E somente em duas habitações não se aplica o estado de conservação, pois as mesmas não se conseguem enquadrar em nenhum destes campos de resposta devido à ausência de qualquer conservação.

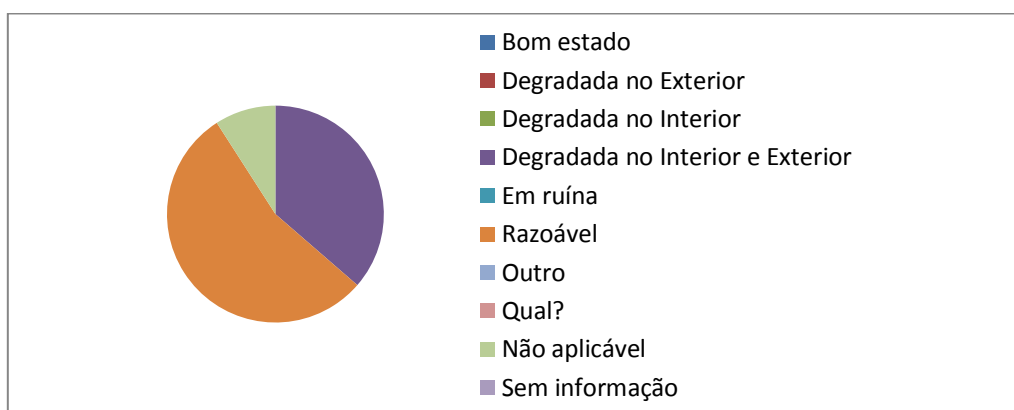


Gráfico 10 – Conservação das habitações

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

A grande percentagem das casas, enquadram-se no estado de conservação razoável. E a restante percentagem no estado de conservação degradada no interior e exterior.

Apesar de serem casas arrendadas e com algumas lacunas nas condições podemos dizer que em termos de espaço são razoáveis para uma família.

Uma divisão	2
Uma divisão mais sala	1
Duas divisões	5
Três divisões	1
Quatro divisões	8
Cinco divisões	1

Tabela XVII – Número de divisões

Segundo os dados da tabela existem duas casas que só têm uma divisão em cada. Uma casa que tem uma divisão e sala. Cinco habitações que têm duas divisões. Uma habitação que tem três divisões. Oito casas, que têm quatro divisões em cada uma. E uma casa que tem cinco divisões. E mesmo nas habitações com mais divisões nem todas possuem as condições todas de habitabilidade. O problema que se coloca nestas habitações é que em vez de uma casa ser para uma só família é muitas vezes para duas ou três.

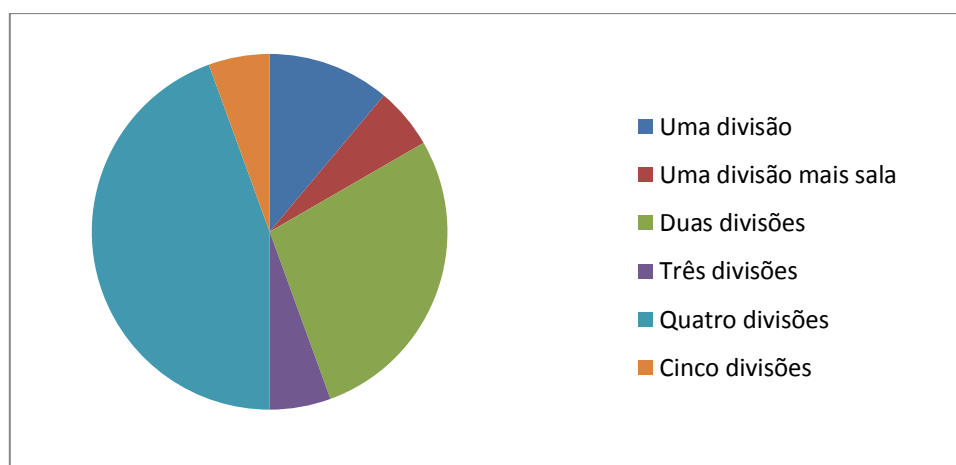


Gráfico 11 – Número de divisões

Como podemos visualizar no gráfico anterior a maior percentagem de habitações têm quatro divisões. Mais uma vez relembramos que não temos a informação de todas as habitações.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Considerou-se também importante perceber as condições de habitabilidade.

<b>E - Condições Habitacionais</b>					
	Exterior	Interior	Sim	Não	Puxadas Colectivas
<b>Cozinha</b>	2	16	18	1	0
<b>Água Canalizada</b>	3	14	19	0	0
<b>Casa de Banho</b>	2	13	18	1	0
<b>Instalação banho/duche</b>	1	11	17	1	0
<b>Luz</b>	1	12	16	0	3
<b>Esgotos: saneam. básico/fossa</b>	1	7	13	2	0

Tabela XVIII- Condições habitacionais

Assim como podemos consultar na tabela, temos dezoito habitações que possuem cozinha e uma que não tem, sendo dezasseis no interior e duas no exterior. Tendo em conta que temos vinte e duas habitações existem quatro habitações sem dados sobre esse ponto.

Dezanove habitações têm água canalizada, catorze com a canalização no interior e três com canalizações no exterior. Mesmo assim não temos a informação de todas as habitações que relembramos mais uma vez que são vinte e duas.

Em relação às casas de banho das habitações temos somente dezoito casas com casa de banho sendo que duas delas são no exterior e treze no interior, não esquecendo que uma das habitações não possui casa de banho e ter em atenção que não temos dados de sete habitações, podendo estas pertencer às partes de casas.

Numa casa existem duas casas de banho, numa outra a casa de banho situa-se no andar de cima e outras três são dívidas com outras pessoas (vizinhos por exemplos).

Para além das casas de banho temos a informação da instalação de banho e duche, sendo que dezassete das habitações têm instalações de banho ou duche, onze no interior e uma no exterior. Das vinte e duas casas inquiridas uma delas não tem instalação de banho e duche. Não esquecendo que nos faltam dados de quatro habitações.

Em relação à luz, temos dezasseis habitações que possuem luz, três delas têm puxadas colectivas, uma tem luz exterior e doze têm luz interior.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Por último temos os esgotos e saneamento que somente treze habitações têm esgotos e saneamento, mesmo assim sete no interior e uma no exterior. E para além disso duas das habitações não têm esgotos nem saneamento.

Como já foi mencionado este inquérito serviu somente para caracterizar ou pouco melhor o presente estudo, o inquérito foi muito mais extenso mas só mencionei o que realmente era pertinente para o caso em estudo.

Para além deste inquérito foram elaboradas três entrevistas que passarei a mencionar os seus resultados após terem sido analisadas.

## **2.2 - Análise reinterpretaiva das entrevistas**

A apresentação da análise e interpretação dos dados recolhidos através das entrevistas que realizámos com os objectivos gerais, era conhecer as características gerais das turmas, identificando as especificidades dos alunos romenos; conhecer a importância da educação intercultural no dia-a-dia do ensino e perceber o que fazem para atrair os alunos à escola.

Assim, segue-se uma descrição qualitativa das principais conclusões obtidas através da análise de conteúdo, realizada às três docentes entrevistadas. Esta análise e interpretação decorrem das categorias definidas e será apresentada de acordo com a ordem dos blocos do guião (anexo I) de entrevista.

### **Bloco I – Diversidade Cultural na sala de aula**

Como já foi mencionado, a escolha das docentes da amostra foi feita devido à presença nas suas turmas de crianças romenas, filhas de imigrantes, romenos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico em Portugal, no Concelho do Bombarral, freguesia do Pó.

De uma maneira geral, as docentes consideram que as turmas que leccionam são pouco heterogéneas em termos de diversidade sociocultural, salientando a presença dos alunos romenos. Quanto à sua integração as professoras mencionam que se integraram e se inseriram bem na turma, sem problemas de adaptação aos colegas e ao ensino do português, como é referido nas entrevistas:

- “ (...) a turma eram maioritariamente constituída por alunos de nacionalidade romena (...)” (anexo II, L24).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

- “Os romenos é um grupo muito coeso e muitas das vezes também eles próprios se isolam um bocadinho nas brincadeiras” (anexo II, L156).

-“A escola tem várias diversidades ... estavam todos integrados” (anexo IV, L 7).

Como se pode verificar a partir destes excertos bem com da restante entrevista há alguns casos de crianças que revelaram algumas dificuldades iniciais na integração devido à falta de confiança em si próprias e insegurança, timidez e baixa auto estima, problemas comportamentais e a diferenças culturais.

Também expressaram a sua opinião sobre o comportamento dos alunos da turma (lusos) em relação à criança romena dizendo que os alunos da turma (lusos), de um modo geral, a aceitaram bem apesar de, inicialmente, se sentirem um pouco constrangidos, em alguns dos casos, mas curiosos em saber mais sobre as suas vivências, já os pais dos lusos nem por isso. Uma das entrevistadas salienta:

– “Dentro da escola nunca se notaram dificuldades, os miúdos aceitaram-nos sempre bem. Eu acho que adaptação, a dificuldade foi por parte dos pais no início que entretanto foi sanada felizmente” (anexo III, L.76 a 78).

As entrevistadas referem que os seus alunos têm tido dificuldade na aprendizagem, mas vão conseguindo com esforço e dedicação atingir um nível médio de aproveitamento:

-“Tenho que dizer foi difícil, (...) em termos de linguagem, eles em termos de produção e, compreensão da oralidade mesmo eles eram muito baixa” (anexo II, L.42);

Apesar de uma dizer o contrário:

-“Não porque não tenho alunos romenos” (anexo IV, L.15)

Perante a diversidade cultural, a postura das professoras é igual encaram a diversidade cultural como uma mais-valia para o trabalho da sala de aula, aceitam o aluno tal como ele é, mas sentem alguma dificuldade na prática pedagógica. Essa mais-valia enriquece o nível de aprendizagem de novo vocabulário, o nível do desenvolvimento da oralidade e possibilita a partilha de conhecimentos e a aquisição de novos saberes entre Portugal e a Roménia, culturas diferentes (língua, hábitos e costumes). Uma das entrevistadas sintetiza esta postura considerando:

-“Nós procuramos fazer um levantamento do país de origem deles, (...) (anexo III, L105) para também nós conhecermos, nós própria para os integramos e nós descobrimos que por exemplo na calendarização deles do calendário romeno há festas que são comuns (...)

De modo a que não fosse chocar muito com certas atitudes culturais que lhes tivessem.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

E nós verificamos que apesar de serem cristãos aos ortodoxos (...) Não são cristãos (...) (anexo III, L. 109 a 113) Logo no princípio pintamos a bandeira deles (...). Fazia-se nos recreios, fizemos sensibilização aos outros meninos aos meninos portugueses e eles virão que é certos meninos que têm costumes específicos” (anexo III, L. 114 a 117).

Apesar da visão positiva face à diversidade cultural, considerando-a como uma mais-valia para a prática pedagógica, as professoras não deixaram de exprimir algumas dificuldades sentidas perante a diversidade presente na sala de aula. Assim, é referida uma certa dificuldade na comunicação oral entre professoras e alunos provenientes da Roménia a nível do significado das palavras:

– “(...) Figuras, imagens de animais, para lhes mostrar, o papagaio, (...) jogos, no caso da matemática jogos, está a ver o MAB, aquilo ali aqueles jogos foi tudo para eles aprenderem através de brincadeira” (anexo III, L.516 a 519)

A comunicação escrita também é referida como dificuldade, constitui um obstáculo para a correcta escrita em português:

-“Em termos de linguagem, eles em termos de produção e, compreensão da oralidade mesmo eles eram muito baixa (...) alguns deles nem se quer sabiam falar português. (anexo II, L.42 a 43).

Relativamente à questão da língua como factor decisivo para o sucesso escolar do aluno com origem estrangeira, as professoras mencionam que a língua é um dos impedimentos do sucesso escolar:

-“Sem dúvida (...) a nível de oralidade eles têm uma oralidade pouco desenvolvida (...) depois com a aprendizagem da leitura e da escrita nota-se muito a falta de vocabulário a nível de concordâncias, em género e número é, nota-se muito a distinção do masculino e do feminino, porque a, há palavras que como o derivam da base é a mesma, (...) É do latim é uma língua que deriva da mesma que a nossa português, à coisas que parece que se tocam e eu noto que tocam muito com o francês (...)” (anexo II, L. 110 a 116); “(...) não é que eles não saibam ou não tenham o raciocínio desenvolvido é porque é a parte de interpretação dos enunciados que fica comprometida que eles não conseguem fazer o resto” (anexo II, L. 137 a 139). “tal ela tinha que fazer as substituições (...) ia para todo o lado, ora isso fazia com ela não desse aqui apoio, houve períodos em que ela veio cá duas manhãs” (anexo II, L. 164 a 168);

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

-“Completamente, e depois é daí o problema da língua não materna” (anexo III, L.480);

-“É, para o desenvolvimento das áreas todas (...) sem a língua portuguesa eles não, não conseguem comunicar. Mesmo sendo crianças utilizando gestos eles não conseguem comunicar. Portanto a língua é, é muito importante” (anexo IV, L. 27 a 30).

-“Precisavam de um professor de língua não materna aqui na escola e isso foi uma insistência da nossa parte desde do primeiro período. (...) não sei porque razão nunca conseguimos realmente ter um professor de língua não materna, porque segundo a legislação, inclusive levei a legislação e tudo, com dez alunos já tínhamos direito a isso” (anexo II, L. 173 a 179); (...) a nível, social é muito importante, acho que os miúdos ganham tanto de um lado como do outro, ganham (...) estejam integrados nessa diversidade cultural até mesmo a nível de localidade (anexo II, L. 192 a 194);

De uma maneira geral, as docentes revelam ter pouco conhecimento de orientações/directrizes do Ministério da Educação para a educação intercultural. As que têm conhecimento sobre a temática da educação intercultural tentam a todo o custo ajudar os alunos a ultrapassar as dificuldades sentidas na sua integração, realçando também que para que isso aconteça a nível de legislação está previsto o apoio na aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português (Artigo 8.º do Decreto-Lei 6/2001: “As escolas devem proporcionar actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português”). Apesar do Agrupamento nunca lhes ter dados quaisquer directrizes, o que sabem é pelas suas pesquisas.

## Bloco II – Educação intercultural

A opinião das professoras sobre a educação intercultural situa-se num nível de conhecimento de culturas diferentes:

- ” (...) nós fazíamos, trabalhamos os portugueses que deram a conhecer Portugal aqui e os romenos fizeram conhecer a cultura dos pais deles aos portugueses, e dançaram, cantaram à maneira deles (...)” (anexo IV, L. 42 a 45).

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

- “a comunidade própria local também os começa a encarar de forma diferente quando vê que eles participam nas actividades deles, quando vê que os miúdos até vêm à escola, quando vê que os miúdos portam-se muito bem” (anexo II, L. 196 a 198).

-“Viram a diversidade que havia tradições diferentes, danças diferentes (...) (anexo IV, l. 45 a 46).

Apesar da escola ter um papel importante na integração dos alunos, nesta foram as próprias professoras que abraçaram o desafio que lhes foi lançado pelo Agrupamento:

-“A escola tem um papel principal, se não fosse a escola, eles estariam em casa a falar romeno com os pais e não falavam português. (...) Eles só falam português cá na escola. Pelo caminho eu encontro os meninos a irem para casa falam romeno entre eles. Portanto falar português é só na escola“ (anexo IV, L. 50 a 53).

-“(...) a formação que tivemos é a formação que temos ou que nós procuramos por nossa iniciativa” (anexo II, L. 277 a 278).

-“Isso foi tudo tirado da nossa cabeça, tudo o que estes meninos tiveram e o sucesso, está aí foi tudo do nosso esforço. Do nosso esforço dos métodos adaptados a eles” (anexo III, L. 506 a 509).

Como isto vamos ao encontro da ideia que a educação intercultural pode ajudar os alunos a crescer na solidariedade, na interdependência, na mediação e na tolerância activa.

Perante as formas de colocar em prática a educação intercultural, as docentes referem o recurso ao diálogo, interpelando a criança para falar do seu país de origem com os colegas, de modo a permitir o conhecimento e a convivência com a diferença. As opiniões salientam que deve haver conhecimento entre as culturas presentes na sala de aula de forma a promover o bom relacionamento entre todos os alunos.

A educação intercultural é identificada pelas docentes como sendo uma contribuição para o sucesso escolar dos alunos com culturas diferentes. Uma professora pensa que a prática da educação intercultural proporciona e o enriquecimento de todos os alunos da sala a nível cultural, onde o aluno se sinta bem tratado, respeitado e bem acolhido que a prática da educação intercultural pode proporcionar.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

### Bloco III – Envolvimento dos pais dos alunos romenos com a comunidade escolar

Relativamente à relação pais/professor, as docentes não declaram qualquer tipo de problema com os pais dos alunos romenos, dizendo que a relação é boa, normal. Tal como no caso dos alunos portugueses, há pais que se interessam mais pela aprendizagem dos filhos e que comparecem mais vezes na escola do que outros. Mas são as mães dos alunos romenos que contactam mais com a escola:

-“Tem de se andar atrás deles, há pais que participam (...) há pais que não participam nada. E por exemplo nas reuniões, ah, ah, dois meninos romenos, havia uma mãe que estava muito preocupada, telefonava para a escola a perguntar se o menino comia, não comia, muito preocupada, e a mãe da outra menina nunca a vi” (anexo IV, l. 63 a 68).

-“É, boa, é boa” (anexo III, L. 534); “Portanto há uma boa interacção e garanto-lhe que pronto, eles gostam de nós e do nosso serviço e respeitam-nos como tal, porque também nós os respeitamos como seres humanos” (anexo III, L. 539 a 541)

- “Posso dizer que sim pelo menos eles a mim tratam-me com respeito sempre (...)” (anexo II, L. 332 a 333); “a maioria das encarregadas de educação são mães” (anexo II, L. 338 a 339); “a maioria delas são analfabetas não sabem ler nem escrever” (anexo II, L. 342)

Quanto ao interesse e apoio nas actividades escolares revelado pelos pais, as professoras consideram que os pais são interessados, comparecendo na escola sempre que consideram necessário e/ou sempre que são solicitados e nas reuniões periódicas que efectuam.

As docentes pensam que os pais tentam acompanhar e apoiar os filhos nas actividades escolares, apesar de fazerem os trabalhos de casa sozinhos.

### Bloco IV – Participação dos alunos na escola

A dimensão intercultural é extremamente importante para o desenvolvimento nas crianças de atitudes de alteridade, de conhecimento e valorização da cultura de cada um, de cooperação e respeito mútuo, independentemente da origem de cada aluno e sobretudo preparar futuros cidadãos preocupados com a promoção da justiça social e a eliminação de todas as formas de exclusão. Mas a participação activa na comunidade escolar também:

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

-“Eram activos, muito e participativos (anexo IV, L. 100); (...). Gostam mais e vêm para a escola (...) gostam da escola” (anexo IV, L. 120).

- “É como eu lhe disse que acho que os miúdos gostam de estar na escola, gostam da escola” (anexo II, L. 396 a 397); “felizmente nós conseguimos aqui na escola criar um ambiente em que eles se sentem bem e que gostam de cá estar e nota-se da parte dos outros miúdos também uma boa aceitação, não há cá miúdos que, racismos e isso, mesmo nas brincadeiras, eles misturam-se com os outros eles jogam com os outros” (anexo II, L. 405 a 410);

-“Lá a maioria não ia à escola, a maioria nem andava na escola. Alguns iam à escola e segundo o que eles me diziam, me disseram era: a escola não era na localidade, iam de autocarro e a escola era só de manhã” (anexo II, L. 472 a 474)

- “(...) um aumento e porquê, vou-lhe dizer porque quando eu para aqui vim havia romenos que tentavam chama-los para a escola, mas as próprias condições até mesmo de agrupamento não permitiam a facilidade” (anexo III, L. 571 a 573); “Temos ali miúdos(...) que não aprendem mesmo, mas há outros miúdos a maior parte deles que conseguem, demoram tempo, precisam de mais tempo mas conseguem (...) Eles próprios lá não andavam na escola (...) se não há uma família que tenha bases culturais e que motivem para o (...), cultivado da leitura, da escola, do conhecimento não há uma família que partilhe isso as crianças também não (...) estou convencida que é um factor de sucesso” (anexo III, L. 617 a 627).

### Síntese

As professoras reconhecem que a maioria dos alunos romenos se integrou e inseriu bem nas turmas, sem revelar problemas de adaptação ao meio escolar. Há casos pontuais, mas de um modo geral, os alunos portugueses aceitaram e reagiram bem à presença dos alunos romenos, não os rejeitando. No entanto, inicialmente, os pais sentiram-se um pouco constrangidos, com a presença deste grupo de romenos nas turmas dos seus filhos.

O rendimento escolar dos alunos romenos, é avaliado pelas professoras a um nível médio. Referem que estes têm tido dificuldade na aprendizagem que iniciaram há pouco tempo a aprendizagem da língua portuguesa.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

As professoras consideram a diversidade cultural como uma mais-valia para o trabalho pedagógico, ao nível da aquisição de vocabulário, a nível do desenvolvimento da oralidade, possibilitando ainda a partilha de conhecimentos e a obtenção de novos saberes sobre países e culturas diferentes da nossa.

Mas apesar de tudo isto é identificada como dificuldade a falta de preparação das escolas para atender casos como destes alunos romenos, sobretudo a nível da existência de professores de apoio para ajudar estes alunos na aprendizagem da língua portuguesa.

Ao procurar definir o conceito de educação intercultural, as entrevistadas expõem diversas opiniões: simples conhecimento de culturas diferentes; partilha de conhecimento, de valores e costumes entre diferentes culturas. E destacam ainda a função da educação intercultural na melhoria do acolhimento e da integração do aluno romeno

Desta forma as professoras colocam em prática a educação intercultural partir do diálogo de modo a permitir o conhecimento e a convivência com a diferença.

Acrescentam ainda que este conhecimento das culturas presentes na sala de aula poderá ajudar a promover o bom relacionamento entre todos os alunos. A prática da educação intercultural é identificada pelas professoras como um contributo para o sucesso escolar dos alunos com diferentes culturas. Das diversas razões apontadas para esta relação evidenciam-se as seguintes: a prática de uma educação intercultural facilita o intercâmbio de vivências e de conhecimentos, fomenta o enriquecimento dos alunos a nível cultural, contribui para a valorização e para a não discriminação do aluno romeno, favorece a criação de um ambiente de sala de aula estável, acolhedor e respeitador, e, finalmente, o contacto com diferentes culturas motiva a interação entre todos os alunos e facilita a aprendizagem escolar.

As docentes revelam ter pouco conhecimento de orientações do Ministério da Educação tal como do Agrupamento onde estão inseridas, para a educação intercultural.

As que têm conhecimento é por elas mesmas, onde dão importância à integração, à educação intercultural. Sabem também que a nível de legislação está previsto o apoio na aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português.

As professoras consideram que a instituição escolar tem muita responsabilidade na integração da criança romena ou outra estrangeira e justificam essa opinião referindo que a escola deve fazer tudo o que for possível para ajudar a criança a integrar-se na comunidade

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

educativa e tem ainda a responsabilidade de promover o ensino intercultural, de modo a orientar todos os alunos para a aceitação, respeito e convivência com a diferença cultural.

Quanto à relação entre encarregados de educação e professora, as docentes não mencionam qualquer tipo de problema com os encarregados de educação dos alunos romenos, dizendo que estabeleceram uma boa relação. No que diz respeito ao interesse e apoio nas actividades escolares mostrado pelos pais, as professoras consideram que os pais são interessados, comparecendo na escola sempre que consideram necessário, sempre que são solicitados bem como nas reuniões trimestrais.

## **Considerações finais**

O objectivo geral da presente investigação foi compreender de que modo se procedeu à integração dos alunos romenos na escola do 1º Ciclo na freguesia do Pó, Concelho de Bombarral, ao mesmo tempo que se fez uma caracterização da comunidade romena.

Primeiramente, mencionamos a questão das migrações que têm vindo a provocar alterações na nossa sociedade. Deu-se importância aos principais factores das migrações, a especificidade de Portugal como país de imigração, contextualizando o fenómeno da imigração a nível da freguesia do Pó, imigração essa de origem romena.

Demos ainda relevância à urgência de uma comunicação e compreensão intercultural para aprender a reconhecer a presença da diversidade das diferentes culturas, pois esta mistura de culturas, consequência das migrações, evidencia as dificuldades de integração de indivíduos caracterizados como desiguais por serem diferentes. Assim, reflectimos sobre a necessidade de integração na sociedade portuguesa das famílias de imigrantes e sobre o desafio que as migrações apresentam à instituição escolar para assegurar o sucesso educativo e o sucesso humano das crianças filhas de imigrantes, cujo número tem aumentado nas escolas portuguesas nestes últimos anos.

Salientámos a importância da prática de uma educação intercultural, como facilitadora da integração das crianças com culturas diferentes, traçando um breve percurso da educação monocultural à educação multicultural e intercultural e reflectimos ainda sobre o papel do professor em todo este processo.

Por último, analisámos a relação entre a educação intercultural e o docente, numa reflexão sobre o papel do professor do 1.º ciclo do ensino básico na implementação e no

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

desenvolvimento, conscientes das transformações que ocorrem actualmente e outras que ocorrerão no futuro a nível nacional, europeu e mundial, e uma maior eficácia na sua promoção nas nossas escolas.

Perante estas exigências, é fundamental, que os professores do 1.º ciclo do ensino básico estejam atentos às propostas e inovações nesta área, de modo a podermos actuar com a competência indispensável à promoção de uma educação que aspire a formação integral do aluno como ser humano, consumando, deste modo, a nossa missão de verdadeiros educadores, considerando a educação intercultural como uma condição de sucesso para o trabalho pedagógico.

Numa segunda parte e no recorrer das opiniões recolhidas através das entrevistas predomina a ideia que a diversidade cultural é uma mais-valia para o trabalho pedagógico, que é enriquecedor a nível de aquisição de vocabulário, a nível do desenvolvimento da oralidade, possibilitando ainda a partilha de conhecimentos e a obtenção de novos saberes sobre países e culturas diferentes da nossa. A dificuldade na comunicação oral entre professores e alunos romenos a nível do significado das palavras é apontada como uma dificuldade sentida perante a diversidade presente na sala de aula. É ainda identificada como dificuldade a falta de preparação das escolas para atender casos de alunos estrangeiros, sobretudo a nível da não existência de professores de apoio para ajudar estes alunos na aprendizagem da língua portuguesa.

Para além de todas estas agravantes, os nossos jovens entram na escola já com idades muito avançadas se tivermos em conta as idades normais que são os seis anos a frequentar o 1º ano do ensino básico. Temos jovens com onze anos de idade que entraram pela primeira vez para a escola, ora estes jovens já deveriam andar no 6º ano de escolaridade. E até podia ir mas não tem as bases normais de um aluno que frequentou cinco anos de escola e como agravante também não tem o conhecimento da língua portuguesa, o que lhe dificulta ainda mais o sucesso escolar.

Muitos destes jovens não gostam de estar na escola com crianças mais novas que eles, e as professoras vêm-se constantemente à procura de estratégias ou soluções que possam cativar estas crianças a estarem na escola.

Começaram pelo mais básico que foi ensinar-lhes as coisas do dia-a-dia, o tempo, as folhas, as estações do ano, onde fica o refeitório, como devemos estar numa sala de aula, etc., e após todas essas aquisições adquiridas passaram então para a transmissão do conhecimento

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

da língua portuguesa. Pois sem esta as crianças não conseguem efectuar os trabalhos de casa, ou até mesmo resolver os da sala de aula.

Em alguns casos foi necessário ensinar as cores, onde a professora colocava a cor a criança escrevi em romeno a cor e a professora escrevia em português.

Foi em dúvida um trabalho muito duro da parte das docentes, mas no final de contas foi um trabalho muitíssimo gratificante. Hoje em dia os alunos já vão mais vezes à escola do que no início e já existem mais alunos nas turmas, o que desde logo indica uma vitória da parte das docentes. Quer dizer que conseguiram cativar não só os pais a inscrever os filhos para a escola como cativar os alunos a querer ficar cada vez mais tempo.

Uma outra limitação que elas as docentes tiveram no início é que nunca sabiam se o aluno iria ou não à escola no dia seguinte, pois se o pais fosse trabalhar para outra terra vizinha a família ia toda atrás para o campo e a criança não podia ir à escola porque não tinha ninguém para dar o almoço e como não comi na escola tinha de ir com os pais.

Hoje em dia as limitações delas não se prendem com a ida à escola, pois segundo as mesmas eles estão lá logo de manhã e são os primeiros à porta da escola todos os dias bem como há hora do almoço. Prendem-se sim com a falta de professores de apoio e de um professor de língua não materna. Pois estas docentes não estão capacitadas no seu todo para a interculturalidade e mesmo, ao nível do currículo ou das habilitações adquiridas nos seus cursos que já foram à muito tempo atrás onde estes grupos de etnias surgiam mais nas capitais e não nas freguesias de concelho.

Apesar de todas estas dificuldades pelas quais estas docentes passaram e os pais dos alunos passam no nível da estabilidade económica e habitacional. Estes alunos são crianças felizes que se sentem bem consigo mesmo e com os outros. São alunos muito respeitosos e dedicados, interessados e acima de tudo muitíssimo bem comportados.

Apesar de nos primeiros anos de escolaridade o rendimento tenha sido baixo hoje em dia já começam a ter um rendimento escolar mais elevado o que lhe está a permitir atingir um sucesso escolar cada vez mais fácil.

Já ultrapassaram algumas das falhas que tinham com o português o que já os ajuda a aprender e compreender mais facilmente as matérias, bem como ter uns testes com melhores resultados.

Nas opiniões recolhidas pelas entrevistas como já mencionei predomina a ideia de que todos os alunos se sentem bem na escola e gostam de a frequentar. As professoras admitem

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

que mantém uma boa relação com os alunos e com os seus pais, com quem já estabeleceu relações de amizade. E como isto podemos dizer que para estes alunos, a palavra aprender relaciona-se com uma perspectiva de integração no nosso país, vontade de saber mais e ainda o desempenho de um trabalho futuro.

Relativamente ao rendimento escolar dos alunos, de um modo geral, podemos considerar que existe sucesso escolar nas turmas, mesmo que no início não houvesse muito devido às faltas mas agora essa situação foi ultrapassada.

Tendo em conta as transformações sócio-histórico-morais que têm vindo a ocorrer na sociedade, a escola deve ter como finalidade primordial a formação integral de pessoas enquanto sujeitos edificadores do seu próprio processo de identificação pessoal. A escola educa e prepara cidadãos de hoje e para hoje, no entanto deve fazê-lo a pensar no futuro.

Para além disso, a educação pode desempenhar um papel regenerador de certas práticas da sociedade, dado que ela admite, nas suas finalidades, uma perspectiva (re)criadora, o que faz com que aumente a responsabilidade da escola e haja necessidade urgente de empenho de todos os agentes educativos envolvidos. A escola, como local de convergência e acolhimento de diferentes culturas e de potenciais conflitos, deve promover uma educação intercultural que seja realmente um factor de coesão e de paz, socializando no plural e educando para um futuro melhor.

Deve igualmente ambicionar conseguir desempenhar com sucesso a tarefa imprescindível da educação para a cidadania, sendo, para isso, necessária a sua mudança, no sentido de a tornar um local de procura incessante e afirmação de uma cidadania activa, exigente e responsável.

Por fim considero que a Educação Intercultural deve ser trabalhada nas escolas, não só nesta mas em todas, deveria fazer parte do currículo do aluno a Interculturalidade, para que não haja no país ou até mesmo no mundo outra escola que não esteja preparada para receber uma avalanche de alunos e não sabe o que fazer com ela.

# A N E X O S

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## Anexo I

### Guião de Entrevista – às docentes

I. Tema: Conhecer as turmas da escola – aspectos explícitos e implícitos.

II. Objectivos Gerais: Conhecer as características gerais das turmas, identificando as especificidades dos alunos romenos.

Conhecer a importância da Educação Intercultural no dia-a-dia do ensino.

Perceber o que fazem para atrair os alunos à escola.

III. Desenvolvimento da Entrevista

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões	Tópicos Orientadores
A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"><li>- Apresentar institucionalmente o trabalho.</li><li>- Explicar o tema a abordar.</li><li>- Justificar a selecção da escola.</li><li>- Pedir autorização para gravar a entrevista na íntegra.</li></ul>		Apresentação. Solicitação de autorização para gravar.
B Diversidade cultural na sala de aula	<ul style="list-style-type: none"><li>- Quais os elementos referentes à diversidade cultural dos alunos dentro da sala.</li><li>- Conhecer as opiniões das professoras tendo em conta a diversidade cultural da escola.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Como caracteriza a turma em termos de diversidade cultural?</li><li>• Qual o modo de integração das crianças romenas no grupo-turma?</li><li>• Qual a sua opinião sobre esta diversidade cultural?</li><li>• Usa estratégias para esta diversidade?</li></ul>	A presença de alunos não lusos, influencia o ensino.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Se sim, quais?</li> <li>• A língua é um factor decisivo para o sucesso para os alunos romenos?</li> </ul>	
<p>C Educação Intercultural</p>	<p>- Perceber se existem elementos na prática pedagógica, referentes à educação intercultural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que acha da educação intercultural na sua escola?</li> <li>• De que modo coloca em prática essa educação?</li> <li>• Considera que a educação intercultural é uma mais-valia para o sucesso dos dois grupos de alunos?</li> <li>• Qual o papel da escola na integração das crianças romenas?</li> <li>• Enquanto professores têm orientações para a educação intercultural, através agrupamento de escolas ou mesmo Ministério da Educação?</li> </ul>	<p>-Opinião do professor sobre a Educação Intercultural.</p> <p>- O papel da escola na integração dos alunos.</p>
<p>D Envolvimento dos pais dos alunos romenos com a comunidade escolar</p>	<p>- Compreender a relação dos pais dos alunos romenos, com as professoras e a escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como é a relação dos pais dos alunos romenos com a escola?</li> <li>• E com vocês professoras?</li> <li>• Considera que os pais se interessam com a escola dos seus educandos?</li> </ul>	<p>- Relação professor e encarregado de educação.</p>

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os educandos têm ajuda dos pais nos trabalhos as escola?</li> </ul>	
E Participação dos alunos na escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender o porque do aumento do nível de assiduidade, na escola.</li> <li>- Compreender o sucesso/insucesso dos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque acha que os alunos vêm mais à escola?</li> <li>• Os alunos aumentaram o seu interesse para com os estudos?</li> <li>• Os pais estão mais abertos ao ensino?</li> <li>• Os alunos aumentaram o sucesso escolar, desde que iniciaram a escolaridade em Portugal?</li> <li>• O nível de empenho aumentou?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O aumento das aprendizagens.</li> <li>- Mudanças de atitudes e comportamentos, face à escola.</li> </ul>
F Fecho	- Agradecimento da disponibilidade		- Agradecimento da disponibilidade.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## Anexo II – Entrevista à Professora Teresa Vieira

Vanessa (V.): Então ia pedir que se, apresenta-se, só o nome e as básicas...

5 Teresa (T.): Sou a professora Ana Teresa Vieira, este ano lectivo estive com uma turma de primeiro e segundo ano. Estou na E.B. um do Pó já à três anos embora cá estivesse anteriormente mas depois interrompi, foi para outras localidades mas regresssei. Quando regresssei eu foi receber um terceiro ano e depois foi nesse ano que houve muitas inscrições de, de meninos romenos. Ah e nesse ano recebi mais oito inscrições para o primeiro ano de meninos romenos, todos romenos, que ficaram integrados na minha turma, como era mais pequena... se calhar já estou a dar informações a mais!

10 V.: Não.

T.: E... que era turma mais pequena e eu fiquei com o terceiro e primeiro ano nesse ano. Esses alunos, alguns deles têm vindo comigo ao longo destes três anos. Iniciei o primeiro, depois alguns passaram para o segundo e agora vão para o terceiro. Ah, e o ano passado veio outra avalanche de meninos romenos. A minha turma tinha vinte e dois matriculados e só dois eram portugueses, portanto vinte meninos eram de nacionalidade Romena, embora, embora, houvesse meninos absentistas já de à mais anos mas que continuavam integrados, não é? Na minha turma, portanto eu absentistas tive, quatro no primeiro ano, e dois, três no segundo. Por acaso uma das meninas até veio no primeiro período, depois teve de se ausentar e nunca mais voltou, mas prevê-se que ela regresse no início deste ano. Portanto entre vinte e dois, mais ou menos seis ou sete absentistas, dois eram portugueses os presentes os outros eram todos romenos.

V.: Ok. Como caracteriza a sua turma em termos de diversidade cultural?

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

T.: Como eu disse a turma eram maioritariamente constituída por alunos de nacionalidade romena, a faixa etária deles ia desde os seis até aos onze anos, ah, estavam a  
25 frequentar primeiro e segundo ano, ah, eram maioritariamente romenos e a nível de etnia cigana, segundo o que eu me apercebi, ah, nos trabalhos que fiz com eles e tudo mais eles a maioria eram oriundos de um distrito de um judete que eles chamam judete aos distritos de Gorge e segundo os trabalhos que fiz com eles os hábitos dos país eram vendedores ambulantes, andavam de porta a porta vender roupa, a vender panelas, alguns, portanto, eram,  
30 eram, os romenos de etnia cigana. E que nunca tinham frequentado a escola a maioria deles, estavam a frequentar aqui pela primeira vez, miúdos de dez anos até.

V.: Qual a sua opinião sobre essa avalanche de alunos assim de momento para o outro? Se acham que se adaptou bem se acha que se adaptou mal, se...?

T.: Eles ou eu?

35 V.: A professora!

T.: É assim inicialmente, pronto eu quando cheguei aqui à escola ia ter um terceiro ano, não é? Um terceiro ano, eu escolhi a turma, não é? Também e a escolha não foi por acaso, eu nunca tinha tido um ano só na turma e realmente, pensei assim: “bom é desta vez que vou ter um ano”, depois entretanto chegaram eles, não é? Mas pronto eu acho que é assim  
40 ganhamos todos. Ah, embora no inicio seja... tenho que dizer foi difícil, foi difícil para mim até porque em termos de linguagem, eles em termos de produção e, e, compreensão da oralidade mesmo eles eram muito baixa. Eu apliquei-lhes no início do ano os testes de diagnóstico e eles estavam no nível realmente básico, muito baixo mesmo, alguns deles nem se quer sabiam falar português. Ah, e compreender eu tinha a, ajuda, eu lembro-me que no  
45 primeiro ano eu tinha dois meninos que era mais pronto mais desenvolvidos que sabiam

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

alguma coisa de português, e eram eles que me ajudavam na tradução com os outros que não percebiam nada. É, e muita coisa era gestos era à base da imagem palavra muito recurso à imagem. Ah, até mesmo no computador, eu lembro de às vezes falarem e eles não sabiam o que era, até ir à rua mostrar o que era a folha, o que era a erva, o que era, porque, pronto, era, era, há muita necessidade de vocabulário que eles não têm e depois com a aprendizagem da leitura e da escrita, não é? Se a oralidade não está desenvolvida a escrita depois, é, torna-se mais difícil, não é? No início foi muito difícil mas depois de nós vermos, eu acho que houve ganhos para toda a gente. Houve ganhos para mim que eu aprendi muito com eles e aprendi muito com este processo todo, não é? E, e, e, para eles também, porque eles, a maioria deles nunca tinha estado numa escola. E nota-se que eles gostam de vir à escola. E eu acho que são eles que estão a fazer com os pais também encarrem a escola de outra forma, que não, que não, embora não seja um comunidade que valorize assim muito a escola, e que lhes dê muito apoio, não é? Mas já há alguns casos de pais que se nota da parte deles o empenho em que os miúdos tenham boas notas. Porque, porque, ah, ah, quando é nas reuniões de avaliação se eu falo, se eu falo, pronto, precisa-se de trabalhar mais isto. Nalguns casos, não é a maioria porque a maioria não está para se estar a interessar, mas. Até porque também não consegue apoiar, não compreende. Agora alguns deles até sobretudo os mais novos, talvez por terem uma mentalidade um bocadinho mais aberta, não sei talvez, ah, nota-se essa coisa dos apoiar, e até houve alguns que compraram os livros de férias, também para os filhos, porque era para eles trabalharem durante as férias para não se esquecerem, portanto aí nota-se alguma mudança, alguma alteração de comportamentos, não é? O que é muito bom.

V.: O que é muito bom exactamente! Acha que estas crianças se integraram bem com as restantes?

T.: Sem dúvida, sem dúvida.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

70 V.: Foi difícil ao início quando eles chegaram cá a adaptação de um grupo e do outro?

T.: Não! É assim, dentro de um grupo e do outro, dentro da escola nunca se notaram dificuldades, os miúdos aceitaram-nos sempre bem. Eu acho que adaptação, a dificuldade foi por parte dos pais no início que entretanto foi sanada felizmente, mas ...

V.: Dos pais de ambos ou dos pais só de uns?

75 T.: Eu acho que dos pais mais dos portugueses, sinceramente. Porque pensaram que a entrada daqueles miúdos na escola iria prejudicar a aprendizagem dos filhos. Mas com o tempo felizmente, ah, eles viram que isso não acontecia. Inclusive este ano iniciei um primeiro ano e no Pó só havia uma menina para entrar no primeiro ano, e, e, a mãe teve ... por acaso conversou comigo até, falou comigo e disse-me que não sabia se a havia de por aqui,  
80 que não era por mim mas era pela situação, ah, mas depois ela falou com várias mães das mães que eu tinha tido no ano anterior e elas disseram que não tivesse problemas nenhuns nisso porque, felizmente eu tinha tido um quarto ano e eles tiveram muito boas notas e não, não, foi o facto dos outros estarem na turma que os prejudicou de maneira nenhuma, se calhar até a nível de socialização ganharam muitos, uns e outros. A aceitar os outros como diferentes  
85 que eram diferentes deles nalguma coisa não é? E até a nível cultural de, de pronto, entre uns e outros eles aprenderam, não é? Porque se trabalhava a nível de dos romenos a nível de tradições como a nível dos portugueses. E é engraçado porque, os portu, os romenos já se integram nas tradições daqui do Pó, por exemplo as procissões das velas, as festas locais, eles já participam. Portanto a comunidade deixou-os, abriu-se para eles se integrarem também, não  
90 é? E eles próprios também tentam participar nisso. Na procissão das velas então, eu, eu, foi uma participação maciça, as pessoas que comentavam ... pois mas eles gostam muito de ir a

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Fátima, gostam muito de Nossa Senhora por exemplo e é uma coisa que pronto. Há elos de ligação e isso é muito bom.

E estava a dizer da menina portuguesa, não é? Ela acabou por vir e no início do ano  
95 inclusive recebi uma transferência do Olho Marinho por alguma razão, a mãe tirou da Amoreira e decidi trazê-lo para aqui para a nossa escola. E por acaso quando ela cá veio, ela trabalha aqui no Pó, mas ela não foi por questões de trabalho foi por outra situação, e ela... eu dizia-lhe: “Olhe que há esta situação, já sabe que a minha turma é maioritariamente de miúdos romenos, não, não, eu acho que isso não tem nada a perder para o menino mas você é que  
100 sabe” e ela disse: “Não professora, não eu quero que ele venha para aqui”. Não e foi graças a Deus acabamos o ano e para o ano cá estaremos outra vez.

V.: A língua é um factor decisivo para o sucesso dos alunos romenos?

T.: Sem dúvida, sem dúvida. No primeiro ano como eu lhe disse a nível de oralidade eles têm uma oralidade pouco desenvolvida, não é? Ah, e depois com a aprendizagem da  
105 leitura e da escrita nota-se muito a falta de vocabulário a nível de concordâncias, em género e número é, nota-se muito a distinção do masculino e do feminino, porque a, há palavras que como o derivam da base é a mesma, não é? É do latim é uma língua que deriva da mesma que a nossa português, à coisas que parece que se tocam e eu noto que tocam muito com o francês, eles têm muitas palavras semelhantes ao francês. E há uma coisa que às vezes eles riem-se  
110 muito e eu digo: “então como é se diz isto em romeno?” e eles dizem: “Oh professora diz tu, diz tu” e eu digo e depois eles riem-se. E então eu digo: “estão a ver eu aprendo convosco, e vocês aprendem comigo” e no início, a, a pronto, haviam miúdos que não sabiam mesmo falar, não compreendiam, só sabia um miúdo que tinha andado ainda uns meses na escola lá, e o miúdo até era espertito e já tinha lá iniciado a leitura e a escrita. E então o que é que eu

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

115 comecei a fazer? Comecei a fazer com ele, em língua, quando era no estudo acompanhado  
com o miúdo fazia as cores, ele não sabia as cores em português, ponha a bolinha das cores  
por exemplo depois ponha em romeno ponha a bandeira por cima, ponha a bandeira  
portuguesa e fazia em português. E depois entretanto daí derivavam outras fichas, não é? Para  
ele desenvolver o vocabulário em português. Foi isso, foi as saudações, foi outras coisas que  
120 nós fizemos, os bons dias, as boas tardes, ah...

(Pausa para telemóvel da professora)

Sim e pronto nota-se que eles a nível de matemática, até porque a matemática a parte  
prática eles têm muito desenvolvida. O dinheiro e essas coisas assim, as horas.

V.: Também vêm os pais no dia-a-dia.

125 T: No dia-a-dia não é? Agora por exemplo situações problemáticas como está a parte  
do português, não é? A parte de interpretação está comprometida, há, tem que haver muito  
apoio individualizado a estes meninos, eles requerem muito apoio individualizado, porque é  
assim, não é que eles não saibam ou não tenham o raciocínio desenvolvido é porque é a parte  
de interpretação dos enunciados que fica comprometida que eles não conseguem fazer o resto.  
130 E portanto há sempre que dar ali o apoio naquela parte de leitura de interpretação para depois  
eles poderem avançar para o resto. A matemática eles vão e também estamos no primeiro,  
segundo ano é básico, não é? Agora no terceiro ano tenho algum receio, porque exigência é  
maior, não é? E eles a nível de escrita estão ainda muito pouco desenvolvidos. Portanto se a  
nível de escrita estão a pouco desenvolvidos a nível de compreensão da leitura vai estar  
135 comprometida também e depois vai ter efeitos nas outras áreas, vai ter cada vez mais efeito  
nas outras áreas. Até porque o terceiro ano vai exigir já estudo de estudo do meio, é muita  
matéria e não sei até que ponto é que eles vão conseguir corresponder, ah, estou com receio ao

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

terceiro ano, muito sinceramente, que eles não continuam... para já o terceiro ano é um ano muito difícil para qualquer, mesmo para os portugueses é quanto mais para eles que têm comprometido têm todos os andes a nível da oralidade, leitura e de escrita que depois vão limita-los se calhar nas outras áreas. Portanto a língua portuguesa é fundamental, fundamental para o sucesso dos miúdos.

V.: Então pronto nesse caso também já me disse o que é preciso para diminuir as dificuldades com a língua.

T.: Pois a nível, há actividades específicas para diminuir, a nível do vocabulário e estudo acompanhado e não é assim estudo acompanhado é o dia-a-dia como disse às vezes eles não sabem uma coisa, uma noção e tem de ser trabalhada, tem de ser ligar o computador e tem de mostrar um cartaz, que um dicionário de imagens que tenho para ali, que à procura para ver, para eles verem o que é que é...

V.: Eles também tinham professora de apoio?

T.: A, a, a, o apoio aqui no Pó ah, foi muito complicado, porque a professora de apoio que estava aqui no Pó... não é por ela coitada porque o tempo que cá esteve ela esforçou-se sempre por apoiar, mas é que ela era professora de apoio era o único apoio educativo no agrupamento e como tal ela tinha que fazer as substituições, ora ao longo do ano houve muitas substituições a fazer e ela tinha que ir fazer as substituições em todo o agrupamento quase, era quase não era em todo ela ia para o Bombarral ia para todo o lado, ora isso fazia com ela não desse aqui apoio, houve períodos em que ela veio cá duas manhãs.

V.: Pois.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

160 T.: E ao longo do ano lectivo nós sempre nas reuniões mencionávamos, isso, que não  
houve um apoio contínuo nem sistemático de maneira nenhuma o apoio era feito por nós era o  
apoio que nós dávamos na medida do possível que nós conseguíamos, não é? Porque estes  
miúdos precisavam de um professor de língua não materna aqui na escola e isso foi uma  
insistência da nossa parte desde do primeiro período. Por alguma razão nós aplicamos os teste  
de diagnóstico de português de língua não materna, demos a conhecer ao Agrupamento os  
165 resultados dos testes só que depois, não sei porque razão nunca conseguimos realmente ter um  
professor de língua não materna, porque segundo a legislação, inclusive levei a legislação e  
tudo, com dez alunos já tínhamos direito a isso. Agora são condicionalismos que nos  
ultrapassam e que nós não... temos que batalhar com o que temos e não vale... não vale, não  
adianta estarmos a barafustar mais porque no primeiro período já barafustamos e não  
170 adiantou, portanto agora temos que aguardar pelo próximo ano.

V.: Mas o Agrupamento deu a conhecer depois ao Ministério da Educação?

T.: Não sei, não sei, posteriormente perguntaram-nos dados sobre esses testes o  
Agrupamento. Já tinha dado e depois posteriormente perguntaram, agora o que sucedido não  
me compete a mim, mas com certeza que eles deram conhecimento não sei. Se eu dei  
175 conhecimento a eles e se está em actas eles próprios tinham que dar seguimento, não é?  
Portanto ai já me ultrapassa e não posso fazer nada é como digo tenho que lutar com o que  
tenho e pronto fazer o melhor possível.

V.: Considera que a educação intercultural é uma mais-valia para o sucesso dos dois  
grupos?

180 T.: É a nível soci, social é muito importante, acho que os miúdos ganham tanto de um  
lado como do outro, ganham, ganham desde que estejam integrados nessa diversidade cultural

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

até mesmo a nível de localidade. Porque nós sabemos que na localidade há uma grande parte da população é constituída por romenos, não é? E eu acho que a comunidade própria local também os começa a encarar de forma diferente quando vê que eles participam nas actividades deles, quando vê que os miúdos até vêm à escola, quando vê que os miúdos portam-se muito bem, melhor às vezes do que os portugueses, nem às vezes é sempre, porque eles são muito bem comportados, são muito bem-educados, mesmo para connosco, é sempre, há sempre a palavra, nunca esquecem o obrigado, nunca e, e, isso aí é uma recompensa, não é?

190 V.: E fora da escola eles também interagem?

T.: É assim no início...

V.: Ou não, ou não se apercebe?

T.: Interagem. Percebo porque eu sou de cá e portanto isso, não moro cá mas participo muito na vida de cá, não é? E pronto é com lhe disse a nível de festas de, de, disso eles interagem e participam. Aliás quando foi agora na festa final do centro de dia eles tinham pedido a participam da escola, aliás como já pediram noutras situações e, e, participou sobretudo ao nível da professora das AEC's, que também é de cá e participou e depois a minha turma era a turma que estava mais representada e era dos meninos romenos, foi comentado pela própria professora das AEC's. Portanto isso mostra a forma como eles também querem participar e gostam de estar, não é? Ah, portanto eu acho que por ai já se diz tudo, não é? E acho que os outros também ao verem isso, e verem a postura deles nesse aspecto também os encarram de outra forma. Eu acho que é assim os miúdos, pelos miúdos eu acho que estamos a conseguir também algumas mudanças nos país, e, e, porque trabalhar com uma comunidade destas não se conseguem mudar os hábitos e as lá, as e o que eles pensam

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

205 sobre a escola, pensam sobre isto, sobre a aprendizagem. Porque ainda na Páscoa tinha aqui um pai que por acaso tem cá os dois filhos e o miúdo é um primeiro ano e o miúdo até é espertito e a miúda tem mais dificuldade mas já andava no segundo ano, e então ele dizia-.me assim: “ah professora eu preciso é que o rapaz também aprenda, agora a rapariga desde que saiba ler e fazer algumas coisas, depois também não precisa de muito mais” e dizia-lhe: “não  
210 pense assim, não queira casara sua filha aos treze anos”, “não professora aos treze anos não senhora...” eles a dizer senhora “aos treze anos, não senhora” pela conversa da boca para fora, não é? Porque se calhar na ideia dele até é. E disse assim: “Olhe que a sua menina é muito boa aluna” e depois eu a partir dali comecei a pensar assim, bom tenho que valorizar muito mais a menina por um lado para que ele não a... porque ele achava que o rapaz é que  
215 era, o rapaz é que tinha de ser a rapariga não interessava muito e então tenho que dar a volta a esta situação a ver se a menina. E pronto eu acho que é assim através das crianças eu acho que se consegue alguma coisa nos pais e pronto, porque era comunidade que não vinha à escola, não é? Até porque anteriormente, eu lembro-me que quando cá estava anteriormente já havia ai mais uns, mais ucranianos e moldavos no início não eram romenos tanto e havia miúdos...  
220 e houve alguns casos que queriam vir para a escola na altura exigiam os papéis da segurança social e tudo mais e eles não tinham, não é? Eram trabalhadores que estavam ai e não tinham, não é? E pronto e por causa disso não podiam vir, agora felizmente como as exigências já não foram tantas conseguiu-se abrir a escola mais a esses miúdos, porque se não tínhamos miúdos por ai... e mesmo assim há muitos por aí que eu acho que não vêm, mesmo... miúdo  
225 sobretudo a nível do pré-escolar, vejo muitos miúdos pequenos por aí e que eu acho que nunca vão ao jardim.

V.: Os pais não entendem como não é para aprender a ler a escrever não vale a pena ir!

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

T.: Eu acho que sim. Eu acho, para já eles lá nunca frequentaram o pré-escolar a ninguém.

230 V.: Pois.

T.: Mesmo os poucos que andaram, quase nenhuns, nunca frequentaram o pré-escolar e, e, cá também acham que não, se eles a nível de escola muitos deles não valorizam como é que a nível de pré-escolar vão valorizar, não, acham que não se aprende nada vão brincar, só se for para os deixar depositados como muitos acham que os deixam aqui, não é? Vão  
235 trabalhar e pronto os miúdos para ali, não é? Mas eu acho que não e aí a nível de pré-escolar que acho que devia de haver uma intervenção junto destes miúdos a nível de assistência social eu acho que devia haver um melhor, um maior acompanhamento a estes miúdos, porque até a nível de condições de casa eu acho que há miúdos que estão a viver em condições de casa que é de lamentar, pronto não deve ser para miúdos, pronto e isso influencia-nos não é? A nível de  
240 eles sentirem-se bem ou não. A eles próprios eu às vezes dizia assim: “amanhã tens de tomar banhinho está bem?” “tens que lavar a cabecinha, olha tens de cortar as unhas”, tinha, pronto, porque não há esse cuidado.

V.: Cuidado.

T.: Por parte de alguns, outros não, outros... é isso que eu noto, sobretudo os mais  
245 novos já se nota os miúdos vêm cheirosos, muito bem vestidos, agora ainda há alguns casos dos mais velhos com pais mais velhos que parece que isso é um bocadinho mais descorado, eles saem cedo os miúdos ficam sozinhos e estão entregues a eles próprios, não é? Quem por eles acha que deve fazer isso faz, quem acha que não deve fazer não faz, não é? Por isso é que eu dizia a eles: “olha agora tens que lavar, cortas as unhinhas, agora tens de ter esse cuidado,  
250 tens de fazer isso”, porque eles, os pais às vezes há alguns pais que não são pais.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: Vocês enquanto professoras têm orientações do Agrupamento para a Educação Intercultural?

T.: Não.

V.: Nada?

255 T.: Ninguém nos dá orientações sobre isso. Quer dizer a nível do Ministério às vezes vêm, vêm, legislação, vêm alguns suportes legislativos, se calhar orientam por ia, não é? Para os miúdos que são oriundos de outras nacionalidades, mas a nível de Agrupamento...

V.: Nunca ninguém vos deu formação...

260 T.: Nunca a formação, a formação que tivemos é a formação que temos ou que nós procuramos por nossa iniciativa, agora nível de Agrupamento nunca nos dirigiu para ai, nunca.

V.: Como é que é a relação dos pais dos alunos romenos com a escola?

265 T.: É assim eles, maioritariamente comparecem às reuniões, no Natal vieram todos. Também as reuniões são feitas a horas, nós próprias todas temos a preocupação de fazer as reuniões em horário pós-laboral, sempre seis e meia, sete horas, depois deles saírem do trabalho, não é? E da minha parte há sempre muita preocupação telefonar: “olhe não se esqueça, que é amanhã” “ah não se esqueça que tem de vir à escola” às vezes nos próprio dia: “Ah professora estou em Torres Vedras”, ainda foi na última reunião: “Estou em Torres Vedras que vim aqui tratar de um trabalho se a professora esperar mais um bocadinho”, “sim 270 eu estou aqui até às oito e tal”. Por exemplo tem que haver da nossa parte também... se nós nos armamos é às... fazemos como as outras é durante o horário lectivo é durante o horário lectivo e acabou-se e não queremos cá saber...

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: E depois eles nunca vêm.

275 T.: Então depois nunca aprecia ninguém, não é? Por exemplo eu acho que nós também  
temos de procurar ir de encontro... se nós com os portugueses fazemos isso muitas vezes,  
aqui o Pó é uma comunidade que as pessoas trabalham muito no campo, não é? E só sai às  
cinco e meia, seis horas, e nós tivemos sempre essa preocupação de fazer as reuniões após  
esse horário, e se são reuniões gerais é sempre após esse horário, e... muito mais com estes, e  
280 tem que haver essa preocupação, às vezes não sei... às vezes os recados vêm assinados, eles  
nunca mais se lembram, se o recado foi assinado, quando é foi... eles às vezes até duvido se  
eles leram o que está lá, mas pronto.

V.: Assinaram.

T.: Assinaram, porque eu digo assim: “amanhã quero aqui assinado, quem não tiver  
assinado não vai ao intervalo ou...” tenho de fazer assim porque se não, não tenho, né? E, e, e  
285 pronto é...no final do ano também telefonei: “não se esqueça que e amanhã, amanhã tem de  
cá estar, tenho aqui muito papeis para assinar para irem para o Bombarral!” é sempre o que eu  
digo, “Para irem para o Bombarral”, porque a ideia de irem para o Bombarral e de depois dar  
conhecimento que não comparecem e que não...

V.: É muito importante.

290 T.: É para eles é muito importante, é. Não é tanto para mim, é porque vai para o  
Bombarral, está a ver? “Olhe que a menina faltou ontem, tem que justificar”, sou eu que me  
tenho de preocupar se não eles não justificam as faltas, a caderneta está ali mas depois sou eu  
“olha faltas tal dia, olha vou marcar aqui a cruz onde o teu pai tem de assinar e escrever  
porque é que faltas-te” é assim. Ou então quando vêm à reunião... ou se faltarem vários dias  
295 convoco-os para virem cá à escola: “Então porque é que o menino faltou?”, “Ou professora

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

teve febre, teve doente”, eles têm muita febre, “ou senhor mas se tem febre não pode andar na rua!”, “Então eu passei ele estava na rua! Como é pode ter febre?”, “Oh senhora tinha um problema na garganta, não sei que”, pronto está a ver a, a, a, sou eu que tenho de ir ao encontro deles, não é eles que vêm à escola com a responsabilidade de justificar a falta, quase  
300 nenhuns fazem isso, só quando é no final do ano. Porque quando é ali Maio, alguns em Abril, não há trabalho e eles aproveitam esse período para ir à Roménia e depois já voltaram muitos deles que é para a fruta e para a batata e isso tudo, não é? Portanto eles aproveitam aquele período que não há trabalho para irem embora, para ir lá fazer o que tem a fazer lá na Roménia e os miúdos depois faltam à escola, não é? E depois eu digo: “olhe que você depois  
305 tem que justificar” e ai eles têm muita preocupação de vir justificar tudo, “porque depois o menino chumba o ano”, eu tenho eu fazer sempre estas coisas assim, tenho que dizer sempre pior do que o que é, que é para ver se eles...

V.: Para ver se tem mais impacto.

T.: Exacto, exacto é por ai. Mas eles, é assim eles nas reuniões vêm e há é estas  
310 insistências muitas vezes, não é?

V.: A relação da professora com os pais é boa?

T.: Sim, é, é. Posso dizer que sim pelo menos eles a mim tratam-me com respeito sempre, todos. E eu acho que para eles a professora ainda é a senhora professora eu acho que é: “Oh senhora desculpe, oh senhora desculpe o menino fez isto ou aquilo... então e o menino  
315 porta-se bem?” a preocupação deles é se eles se portam bem, não é se está aprender muito alguns, querem saber se eles se portam bem. Às vezes dizem assim: “Senhora mete de castigo, senhora puxa orelha” e digo: “não, não puxar orelha puxa você em casa”, mas pronto e é assim. A comunidade a maioria nota-se, a maioria das encarregadas de educação são mães,

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

320 não é? E as mães, embora hajam alguns pais mais do que uns portugueses que é sempre as  
mães nunca há pais nos portugueses, raptam os pais encarregados de educação eles já, já há  
mais pais. Mas as mães que vêm a maioria delas são analfabetas não sabem ler nem escrever e  
depois quando eu lhes peço para assinar: “Ah senhora...” eles fazem as letras todas à maquina  
e então: “Ah senhora não me lembro qual é a letra”, “então pronto eu escrevo o nome aqui  
num papel e você agora copia” é assim. Elas geralmente assinam uma rubrica é um gatafunho  
325 que aquilo quase que ninguém percebe mas pronto lá fazem um rubrica. “olhe que isto tem  
que ser o nome mesmo, que, tem que ser mesmo o seu nome”, “Ah senhora não me lembro  
qual é a letra” já tenho apanhado os miúdos estarem assim: “Um A, um R...” a dizer em  
romeno as letras às mães e eu digo assim: “qualquer dia tenho que propor um projecto para  
você, ser ensino recorrente para os pais, de manhã é os filhos e à noite é os pais”, porque a  
330 maioria das mães não frequentaram a escola, muitas não frequentaram, os pais sim. Porque é  
como lhe disse à bocado, os rapazes há sempre mais tendência para valorizar o saber as  
raparigas não, as raparigas é saberem fazer as coisas da casa e ter filhos e casarem novas,  
pronto é mesmo a mentalidade deles nesse aspecto.

V.: Os pais interessam-se com a escolaridade dos filhos? Interessam-se que eles  
335 venham à escola que aprendam?

T.: Eu acho que eles se interessam pelas contra partidas que recebem, muitos deles,  
porque, e os mais novos noto maior interesse. Agora alguns deles, eu acho que é pelas  
contrapartidas que recebem, porque alguns também estão com rendimentos mínimos, não é? E  
outros subsídios e se não vierem também lhes são cortados e eles por dinheiro, não é? Ah,  
340 mas os mais novos noto mais interesse, noto, os casais mais novos eu noto que há um  
interesse, parece que já, já, já estão como, como, vá lá como os portugueses, não é? Há que  
acham que a escola é precisa que a escola é precisa para o miúdo e que o miúdo sem escola

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

não vai a lado nenhum, agora eu acho que alguns mais velhos que não. Por isso há alguma razão que há miúdos com onze anos que não frequentaram a escola nunca na Roménia, não é?

345 E vêm para aqui com nove anos, dez anos, para aqui pela primeira vez, ora isso mostra que os pais também nunca valorizaram a escola lá, também não valorizam cá, não é? E acho, e acho que esses casos só cá estão por essas contra partidas, sinceramente.

V.: Consegue-me dizer se os pais ajudam os filhos nos trabalhos de casa?

T.: Não, não, consigo... não ajudam.

350 V.: Não ajudam.

T.: Não, não, raros são os que ajudam.

V.: Porque também não conseguem ajudar.

T.: É isso porque não conseguem. Porque eles próprios às vezes são os filhos. Aliás há mães que me dizem várias vezes que eles às vezes é que corrigem os pais quando estão a  
355 falar. Porque é assim, eles só falam português aqui comigo, eles com os pais...

V.: É tudo em romeno.

T.: É tudo em romeno, portanto ah, é mais um factor que influencia negativamente o desenvolvimento da oralidade deles e da aprendizagem da língua, não é? Ah, porque os pais sabem para se desenrascar, não é? Porque andam a trabalhar e aprendem e falam e isso, não é?  
360 O que é preciso, mas, e é mais fácil para eles falar em romeno, claro. E às vezes são os próprios filhos que às vezes corrigem os pais e como é que se deve dizer em português, algumas coisas quando é aqui comigo. Porque há mães, há aí um mãe que vem sempre acompanhada por outra porque ela não percebe nada, não percebe nada do que eu lhe estou a

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

365 dizer, a outra é que fala depois a outra... faz de conta que está a traduzir, está mesmo a traduzir, não é faz de conta... está-lhe a dizer... e eu não percebo nada o que é que eles estão a dizer mas pronto, eu acho que ela vem sempre acompanhada pela tia, penso eu. E tem os dois miúdos na escola, a miúda não percebe quase nada e já ando aqui, o ano passado andou uns meses, este ano veio e depois foi –se embora e vai andar sempre assim.

370 V.: Porque é que acha que os alunos romenos vêm mais à escola? Porque é que cada vez são mais a vir à escola?

T.: É como eu lhe disse que acho que os miúdos gostam de estar na escola, gostam da escola.

V.: E são eles que puxam pelos pais para vir?

375 T.: É! Eu acho que é aí, é isso mesmo. Eu acho que é eles que querem vir à escola, tenho miúdos... mais do que uma que a mãe vinha-me cá dizer: “Oh professora ela está doente mas ela só chora porque quer vir para a escola, ela não quer ficar em casa”, porque os pais depois vão trabalhar, não é?

V.: E eles ficam sozinhos.

380 T.: E eles ficam lá sozinhos, não é? E pelo menos aqui estão com alguém e gostam de vir à escola, porque se sentem bem aqui. Eu acho que felizmente nós conseguimos aqui na escola criar um ambiente em que eles se sentem bem e que gostam de cá estar e nota-se da parte dos outros miúdos também uma boa aceitação, não há cá miúdos que, racismos e isso, mesmo nas brincadeiras, eles misturam-se com os outros eles jogam com os outros e, e, e mesmo quando depois vão para a sala: “tive a brincar com o coiso, tive a brincar”, pronto ai  
385 não nos apercebemos...

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: Que haja distinções.

T.: Exactamente. Pronto a nível dos almoços, eles não almoçam cá a maioria deles, não é? Eles vão almoçar a casa e depois é muito cedo sempre. Portanto eles almoçam, ei, ei, ei.

390 V.: Vêm logo a correr.

T.: Vêm logo para a escola, ora isso mostra que gostam de cá estar, se não gostassem de cá estar não vinham logo, não é? Eu às vezes, ainda eu não fui almoçar já eles cá estão, a chegar: “tens de esperar um bocadinho”, porque as senhoras coitadas à hora do almoço não tem de ficar com eles, não é? “Ao menos deixa-me ir almoçar e eu já venho e tu já entras”,  
395 “Mas o que é que tu comeste? Como é tu tiveste tempo para comer?”, eles vêm logo, logo, e se têm alguma coisa para acabar eles vêm, eu digo olha: “tens de vir um bocadinho mais cedo”, porque eu venho, também estou, não é? Venho mais cedo, ou almoço aqui, “tens de vir mais cedo porque tens de acabar de fazer um trabalho, tenho de fazer isto contigo”, eles vêm logo isso eles estão logo disponíveis e é assim eles têm gosto em aprender a, a, a, só há ali um  
400 caso de um miúdo que eu noto que anda aqui parece que... mas também já tem muita idade, é o tal que já vai fazer doze anos. É um miúdo que é assim pouco participativo é assim um pouco...

V.: E depois nota muita diferença de idade entre os outros, se calhar.

T.: Eles mais ou menos, nove, dez anos, eles não são assim de seis anos, mesmo os  
405 que entraram para o primeiro ano só tenho ali dois parece-me que tinham os seis anos, porque de resto, de romenos, porque o resto eram miúdos mais velhos. Ah, porque eles têm gosto em aprender e depois às vezes fazia “ah já...”, às vezes são eles: “professora já está melhor?, já está melhor?”, “já!” mas às vezes não está muito bem: “Ainda precisas de melhorar um

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

bocadinho”, mas pronto eu acho que são os pequeno sucesso que eles têm também que ser  
410 valorizados, porque é isso que também os faz vir, não é? Eles verem que estão a caminhar e  
ver que estão a conseguir fazer alguma coisa e que está a ver valorizado o que eles fazem, eu  
acho que é por ai que temos que ir pronto, porque se nós fossemos rigorosos, pensar assim:  
“Estes miúdos aprenderam ao nível dos portugueses”, alguns não, não pode dizer que não, não  
aprenderam, houve muitos progressos desde que entraram até agora sem dúvida, e têm que  
415 ser recompensados por isso. Agora é como lhe disse o terceiro ano que eu tenho ali, eu tenho  
quatro meninos para o terceiro ano para o ano, uma é necessidades educativas especiais é  
diferente, mas os outros três, só um é que eu digo assim: “não tenho problemas nenhuns dele  
ter passado”, meninos romenos e meninos de bons e muito bons, porque aquele miúdo é  
realmente bom e muito bom, agora os outros dois não, os outros dois a nível de língua  
420 portuguesa têm muitas fragilidades, que eu agora tenho receio que agora vão ter ainda mais  
efeitos que nas outras áreas. Porque a língua portuguesa vai comprometer as outras. Agora o  
outro miúdo não, o outro miúdo é andar é espectacular e a outra miúda que se foi embora  
infelizmente também era muito boa, era miúda que dava gosto ver. Ela também iniciou aqui  
comigo e pronto e dava gosto ver, mas a mãe também era uma pessoa completamente  
425 diferente. Aliás ela era a única que ela oriunda de outro distrito e, e, e, a mãe também tinha  
uma outra postura a nível cultural a nível de... notava-se que era diferente e a nível de  
conversa, tudo mais. Tanto que era diferente que ela depois acabou por se ir embora porque  
havia determinadas coisas que ela não se sentia bem com os outros e depois acabou por ir por  
isso... ah, mas, mas era, tenho muito pena dela se ter ido embora...

430 V.: Acha que pais estão mais abertos ao ensino?

T.: Estão! Sem dúvida estão! Estão pelos miúdos, a maioria deles...

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: A maioria vê os progressos?

T.: Exactamente! Falando na maioria sim. Estão, estão. E eu tenho um miúdo que indicou o primeiro ano este ano comigo que era o tal que eu lhe fazia as cores assim e aquilo  
435 tudo, ele e outro o outro depois entretanto já foi embora mas é um miúdo que, que, que também dá gosto ver, e este miúdo também a mãe, era a mãe no final do ano a chorar que, que o miúdo que notou que o miúdo, pronto ela não dizia evoluiu mas era o que ela queria dizer, que tinha sido um diferença de que ele entrou até agora e dizia-me sempre, agradecia-me muito “muito obrigada, muito obrigada minha senhora, muito obrigada, muito obrigada,  
440 muito obrigada”.

V.: O sucesso deles aumentou desde que eles iniciaram a escolaridade em Portugal?

T.: Sim.

V.: Porque eles lá...

T.: Lá a maioria não ia à escola, a maioria nem andava na escola. Alguns iam à escola  
445 e segundo o que eles me diziam, me disseram era: a escola não era na localidade, iam de autocarro e a escola era só de manhã. Tanto que eles muitas vezes diziam assim... Era só de manhã e depois vinha para casa, almoçar e acabou, não havia mais escola. E eles diziam depois assim: “Oh professora aqui trabalha-se muito”, trabalha-se muito onde? “Na escola, aqui faz-se muito trabalho” e eu assmi: “então porque?”, “lá na Roménia não, lá na Roménia  
450 fazia um pouco de trabalho ia ao intervalo, depois voltava depois já era horas de ir para casa. Brincar muito, não trabalhar quase nada e aqui trabalha-se muito” e eles gostavam de trabalhar, queriam era fichas para a frente, eles queriam trabalho, embora muitas vezes tivesses muitas dificuldades para fazer, não é? E, e, e estar a dar atenção a todos é difícil, não é? Uma pessoa não pára e às vezes eu acho... às vezes não tenho certeza não conseguia dar

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

455 atenção toda que era preciso que eles precisavam, não é? Porque aquilo era preciso um quase para cada um, não é? E o trabalho diferenciado que eu tava eu, tinha de fazer na sala de aula, porque eu estava... tinha primeiro ano, tinha segundo ano, mas eu não tinha só dois anos, não tinha só dois trabalhos dentro da sala de aula, eu tinha “N” trabalhos dentro da sala de aula, tinha de preparar trabalhos para aqueles miúdos todos...

460 V.: Porque depois cada um deles tinha o seu nível de aprendizagem.

T.: Porque uns estão num nível, outros estão noutra nível, não é? E, e, e, pronto e conseguir gerir isso tudo é complicado e há coisas que a gente não consegue chegar, há miúdos que a gente não consegue chegar convenientemente é impossível, uma pessoa sozinha dentro de uma sala com dezoito miúdos, assim neste, neste ponto, não é? Quando estão com  
465 um nível ou dois de diferente... agora ali com, eu fazia, os meus sumários, para trabalho diferenciado a folha não me chegava. A colega, eu tive uma semana que tive de atestado para acompanhamento a familiares e a colega de apoio veio-me substituir e ela pronto, não é? Vinha cá umas vezes dar apoio, não é? Quando ela veio eu deixei o trabalho todo preparado para ela, porque achava que apesar de eu estar de atestado a turma é muito, é difícil e acho  
470 que não lhe competia a ela coitada. Para já não conhecia a turma e, e ela não tinha que estar a preparar o trabalho diferenciado para aquela gente toda, não é? Então eu deixava o trabalho diferenciado para uns para outros, dentro de uma pastinha, para um, para outro, para outro, e ela dizia: “bem o teu sumário é uma cópia, é um exercício caligráfico, porque isso é trabalho diferenciado para um, é trabalho diferenciado para outro e trabalho diferenciado para outro”.  
475 E tem que ser se não, se eu fosse dar para o primeiro ano todos igual, muitos deles nem chegavam lá estavam ali a olhar e desinteressavam-se, eu tenho que ir ao nível que eles estão, tenho que ir ao encontro do nível que eles estão e mesmo assim uma pessoa, era preciso sei lá quantos braços e quantas pernas para conseguir acudir a tudo, porque não se consegue é

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

impossível. Eu às vezes. E foi essa minha, até ao Natal eu andei completamente arrasada  
480 porque eu sentia que não consegui-a dar a eles tudo o que eles precisavam e não consigo,  
porque por alguma razão era preciso uma professora de língua não materna e, e, e noutros  
sítios existe, porque não há, não há capacidade, só quem aqui está é que vê, porque as  
dificuldades são muitas, e os miúdos precisam de muita atenção. E se nós não lhes dermos  
essa atenção eles desinteressam-se, deixam de vir à escola, não é? E isso nós também não  
485 queremos até porque para já temos tido tantos ganhos e se estamos a conseguir que eles  
venham à que os manter cá e à e para isso nós também temos que dar o nosso máximo para  
isso, não é? E até a nível de todo o ambiente é, é, é pessoal não docente e tudo, não é? Está  
tudo envolvido a criar esse ambiente e felizmente aqui no Pó, nós conseguimos isso. Nós a  
nível de pessoal docente e não docente e AEC's até, porque os professores das AEC's  
490 realmente o grupo que temos tido, temos tido muita sorte. Ah, e, e, eles adaptaram-se muito  
bem aos miúdos e os miúdos a eles. E agora estamos com receio ao novo ano porque isto vai  
haver muitas mudança, não é? A nível de pessoal não docente e tudo aquilo que vem para ai e,  
mas pronto nós as três já cá estamos e a D. Natércia, já somo quatro e os outros que vêm  
temos que os agarrar para também unirmos esforços para continuarmos com este ambiente.  
495 Porque, porque graças a deus temos tido aqui um ambiente muito bom e é isso que eu acho  
que é o ponto fundamental para que todos se sintam bem e gostem de aqui estar.

V.: Só mais outra pergunta que agora já está aqui nas minhas perguntas, eles estão  
todos numa só turma porqu~e?

T.: Pergunte ao Agrupamento! Não, eu acho, este ano estavam todos numa só turma  
500 porque estavam ao nível de primeiro e de segundo ano e como era eu que tinha primeiro e  
segundo ano estavam todos na minha turma excepto uma menina que estava aqui no terceiro  
ano que estava com a professora Paula. Agora para o próximo ano já vai haver maior

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

diversidade. E quando vieram eles foram todos para a minha turma, como lhe disse que era a  
turma que tinha menos alunos, e pronto e partir daí levei-os, não é? E tenho, tenho, levei-os  
505 para aí fora. Agora, agora, agora o Agrupamento, as turmas vão se reestruturadas, não é? Os  
miúdos que se mantêm no primeiro ano certamente que vão para uma turma de primeiro ano,  
os que estão no segundo vão continuar comigo, os que vão para o terceiro, vão para o terceiro.  
Porque por exemplo no Pó havia dois segundos anos o ano passado, não é? Havia o segundo  
ano dos portugueses e havia o segundo dos romenos que era a minha sala, não é? E para o ano  
510 vai continuar haver dois terceiros anos. Vai continuar a existir mas eu acho que até e nível,  
que é melhor assim. É melhor assim como estive, agora os do primeiro ano vão para o outro  
ano, se não também não dá, não é? Por acaso no final do ano o professor Luís falou nisso  
ficarem à mesma na minha turma, e eu disse: “Oh Luís por amor de Deus, não me queiras dar  
mais em maluca do que o que já estou”, já vou ficar com segundo, alguns do segundo estão ao  
515 nível do primeiro, vou ficar com terceiro e depois ainda me queres por os do primeiro que  
estão mesmo no primeiro, primeiro, primeiro.

V.: Pois é muita...

T.: Não pode ser, e então agora as turmas ainda não saíram e eu acho que ele aceitou a  
nossa proposta, agora os do primeiro irem mesmo para o primeiro.

520 V.: Pronto queria-lhe agradecer.

T.: De nada. Se precisar de mais alguma coisa.

V.: Não tenho mais questão a fazer.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

### **Anexo III – Entrevista Professora Paula Delgado**

Vanessa (V.): Para já queria que se apresenta-se um bocadinho.

Paula (P.): Sou a professora Paula Delgado, ah professora que está a leccionar na escola do Pó 1º Ciclo, tenho o terceiro ano, para o ano que vem é o quarto ano e também sou a  
5 coordenadora do estabelecimento.

Pronto este ano, tenho, tive uma turma de doze meninos, uma delas, portanto era absentista romena que é irmã precisamente de uma criança que anda aqui que também já foi minha aluna. Ah, depois tive também outra criança que, o Flávio que acabou de sair daqui da escola e foi para Peniche, portanto com casos especiais, mesmo um problema grave, digamos.

10 E o ano lectivo correu, decorreu muito bem, pronto.

Quanto à diversidade...

V.: Agora vou começar com as questões, pode ser? Como caracteriza a turma em termos de diversidade cultural? Neste momento, não teve!

P.: Ora bem, neste momento não tenho ninguém, este ano lectivo não. Mas até ao ano  
15 passado tive, portanto este ano lectivo foi tudo portugueses, miúdos que vieram de outras escolas, que vieram para aqui morar, portanto. Integraram-se muito bem, conseguiram coadjuvar com os meninos que aqui estavam, de uma certa forma o grupo de terceiro ano conseguiu cativar e permitir a integração desses meninos, foi o caso da Sara, deste ano. Foi o caso do Flávio, mas o Flávio já veio aqui para esta escola há dois anos, mas como sendo um  
20 caso um bocadinho preocupante, uma criança de três de dois mil e oito, conseguiu facilmente fazer amigos.

Portanto meu grupo é bastante heterogéneo, tem muitas energias, às vezes até de mais, nunca param quietos, muito faladores, é um grupo que a maior parte deles já vêm do jardim-

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

de-infância, já de si isso já trás uma grande cumplicidade entre eles. Cumplicidade em tudo,  
25 nas amizades, nas brincadeiras, nas asneiras, são muito...

V.: É o do bom e o do mau!?

P.: É!

V.: Como se costuma dizer.

P.: É! São muito amigos ao ponto de se alguém fizer uma asneira, eles não se acusam.  
30 Imagine que – aconteceu aqui uma coisa que eu tive que, mesmo que descobrir quem era, não  
consegui saber quem é que foi que fez aquilo. E eles não conseguiram, não disseram. E eu ai  
disse-lhes que compreendia pelo facto de eles serem tão amigos e coesos, a amizade é mesmo  
isso. Mas pronto mas depois entretanto resolvemos de outra maneira, consegui arranjar-lhes  
estratégias para resolver o assunto, porque incluía um mau comportamento e se aquele  
35 comportamento não fosse sanado iria haver repetições. Mas pronto conseguiu-se resolver.

A nível de aprendizagens é um grupinho bastante bom, posso dizer, tenho alunos  
muito bons, ah, tenho dois alunos aqui com dislexia, um já confirmado, digamos e já está no,  
três de dois mil e oito o outro também já está confirmado mas ainda não se fez o PEI porque  
as regras do Director era no terceiro período não querer aceitar nenhum PEI, a elaboração  
40 dele. Portanto já está tudo feito para que no próximo ano lectivo no primeiro período seja feito  
o PEI dessa, desse, dessa criança. Portanto, são crianças que devido à, ao seu problema  
intrínseco não conseguem acompanhar tão bem o grupo. Porque pronto a dislexia é um  
problema permanente é um problema em que eles trocam as letras, eles têm que arranjar  
estratégias para conseguir, eu não digo, para conseguir contornar o problema e para que as  
45 aprendizagens comecem a fluir, porque nestes casos quando a gente, a dislexia não é bem  
trabalhada, as, os, as crianças acabam por ter problemas mesmo na aquisição dos outros

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

conteúdos, porque o português é a língua transversal a todas as disciplinas, pronto. E quando há problemas a nível de português da interpretação vai comprometer a matemática, vai comprometer estudo do meio e tudo o resto, pronto. Felizmente estes dois casos, o mais grave  
50 o da Mariana que é dislexia com disortografia e disgrafia, ah, já conseguiu arranjar estratégias, porque ela também têm terapeutas que a acompanham, conseguiu já arranjar algumas estratégias para digamos, ela conseguir ultrapassar os seus obstáculos. Já consegue ler, se bem que certas palavras mais difíceis ela necessite do tal empurram, não é? Porque se não, não consegue abranger o contexto da pergunta. Muitas das vezes ela funciona, lá está  
55 pelo contexto das coisas. Está-se a ler um texto, imagine que o texto fala da praia, e muitas das vezes as perguntas que lhe são feitas ela vai buscar ao contexto que foi o contexto da praia e muitas das vezes ela não percebe o que está na pergunta, mas como têm... é muito inteligente. Como está dentro do contexto do texto ela consegue depois chegar lá, portanto é uma criança que já de si demonstra bastantes capacidades. É uma criança muito activa, mas  
60 que precisa de medicação para a sua concentração.

O outro caso da dislexia também precisa de medicação, e tanto é que este terceiro período a médica da clinica children's world das Caldas da Rainha também lhe receitou medicação, pronto. São duas crianças que para estarem atentas necessitam de toma diária da medicação. Durante as férias não, há uma pausa, digamos. Ah, porque esses medicamentos só  
65 são, ah, a médica quer que eles tomem durante as aulas, digamos, para que não haja também habituação os rubifens e os derivados da ritalina, pronto. Porque de uma certa forma vai permitir que eles se concentrem. Porque estas crianças, são crianças propensas a distrações, tudo o que seja para além daquilo que eles estejam a trabalhar é bem-vindo, se há uma mosca no ar eles ouvem a mosca, se há um outro que diz um aí ele quer saber. Portanto, são crianças  
70 que, ah, penso eu que faz parte, da, do problema deles e então para haver uma maior

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

concentração e não uma dispersão há uma toma diária que ajuda bastante, ajuda bastante mesmo.

Pronto e há pedagogias diferenciadas dentro desta sala, não é? Ah, o ano passado por exemplo, tinha a Gabriela. Eu estou a fazer uma comparação com este ano, este ano tinha, foi  
75 um bocadinho mais calmo. Pois tinha a Mariana, que já tinha a dislexia e já estava confirmada, tinha o outro caso que só este ano é que nós soubemos de fonte limpa, digamos, que ele tinha dislexia. Portanto o ano passado eu tinha quatro planos de aulas. Era para a Gabriela, era para o, o, o para a Mariana, era para o Rafael e era para o resto da turma e, e para o Flávio. O Flávio é que teve sempre as suas pedagogias, já que ele tinha um PEI e o PEI  
80 determina que ele tenha objectivo específicos, com adequações curriculares, portanto eu tinha de trazer fotocópias para eles todos e tinha que lhes dar mediante o contexto que eu tinha na sala de aula. Portanto era um grupo bastante heterogéneo com vários ritmos.

De uma certa forma se eu disse-se que tinha seis meninos de treze que eu tinha o ano passado. Seis meninos que eu acompanhavam, eram muitos não é? Porque depois os outros,  
85 ah, uma porque veio transferida, ou depois por causa destes casos específicos da turma.

Que mais é que quer que eu diga?

V.: Então agora se calhar vamos nos focar um bocadinho mais daquilo que se apercebeu dos alunos romenos aos estarem na escola.

P.: Na escola pronto.

90 V.: O modo de integração das crianças no grupo escola, no grupo turma.

P.: Sim.

V.: Já que não teve alunos na turma, no grupo escola.

P.: Mas no grupo escola pronto. Nós procuramos...

V.: Vamos mudar assim um bocadinho a pergunta.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

95 P.: Nós procuramos fazer um levantamento do país de origem deles, fazia parte, pronto, para também nós conhecermos, nós própria para os integramos e nós descobrimos que por exemplo na calendarização deles do calendário romeno há festas que são comuns e isto porquê?

100 Porque nós temos as nossas efemérides que continuamos a festejar, não é? De modo a que não fosse chocar muito com certas atitudes culturais que eles tivessem. E nós verificamos que apesar de serem cristãos aos ortodoxos, pronto. Não são cristãos, nós somos cristãos católicos nós somos cristãos ortodoxos a base é a mesma e nunca certa forma isso ajudou a eles a integrar-se na mesma.

105 Logo no princípio pintamos a bandeira deles para que a turma de inteira-se que havia aqui meninos diferentes e a colega também fez isso. Fazia-se nos recreios, fizemos sensibilização aos outros meninos aos meninos portugueses e eles virão que é certos meninos que têm costumes específicos. Fomos muito mais pela descoberta do, do, do....

V.: Do outro.

P.: Do outro.

110 V.: De conhecer.

P.: De conhecer o outro exactamente, nomeadamente de que país é que eles vinham foi fundamentalmente isso a partir daí, vimos no globo, vimos no mapa onde é que ficava a Roménia, vimos que, eles por acaso até disseram que a Roménia tinha a forma de peixe, portanto, associaram a objectos e a coisas do dia-a-dia deles. Vieram as cores, falamos que 115 ambos tinham por exemplo o dia da nossa senhora, portanto, fomos pela...

V.: Pelos pontos em comum!

P.: Exacto pelos pontos em comum e festas. Isso foi muito bom, a partir daí começou-se a fazer uma socialização do aspecto de não os deixar marginalizar e de uma certa forma ai

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

também vigiando os recreios, porque na sala de aula não havia esse problema. Na sala de aula  
120 havia por exemplo quando tinha a Gabriela aqui, havia a tutoria, pronto o que é isso quer  
dizer? Como ela teve problemas na aquisição do português. Eu usei o método das vinte e oito  
palavras com ela, portanto. Neste caso os outros ajudavam, e penso que também ali na turma  
foi o que aconteceu os mais velhos começaram por ajudar os mais novos, porque aquela turma  
começou por um grupo de quarto ano que foi embora e com um grupo de primeiro ano que  
125 era romenos. Pronto resultado, começamos a ter a nível até de estrutura, a nível de escola, a  
nível de funcionalidade, ah, fizemos de tudo para que eles se integrassem, no aspecto das  
brincadeiras, no aspecto cultural, fizemos sempre questão de eles vierem o outro e se o outro  
não tivesse dinheiro para comprar fosse o que fosse nós dizíamos o porque, porque eram  
imigrantes e associávamos aos nossos imigrantes. Fizemos sempre a integração pela  
130 compreensão, ah, neste caso eu falo mais no meu grupo, eu desde sempre que dizia que nós  
povo eramos um povo de imigrantes e depois também tinha a vantagem, a vantagem de  
parentes dos meus alunos estavam emigrados. Portanto pela necessidade de procura de  
melhores condições de vida eles tiveram que ir à partida à descoberta de outros países, para  
viverem melhor. Portanto isso já de si já foi um factor que contribuiu para a compreensão  
135 deles que este povo romeno também veio à procura de melhores condições.

Inclusive nós mostramos imagens dos pais deles, não é? Pronto que apesar de serem  
assim ciganos, apesar de terem uma maneira muito própria de estar eles tinham um país de  
origem. Portanto, e foi pela positiva e foi pela integração, foi pela comparação de realidades,  
porque não eram assim muito dispares, se um tinha uma tia na França e este romeno veio para  
140 Portugal, portanto começamos por aí. Eles, facilmente conseguiram fazer amizades.

Por outro lado o que é que eu noto? Os romenos é um grupo muito coeso e muitas das  
vezes também eles próprios se isolam um bocadinho nas brincadeiras. Pronto, eu vejo que um

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

dos jogos preferidos deles é o futebol, e no futebol todos jogam, todos participam. Nas quanto  
são brincadeiras mais específicas os romenos tendem a isolar se um bocadinho se bem que  
145 não há nenhum gueto aqui, não é? Mas eles próprios procuram os amigos pelas afinidades e as  
afinidades culturais ai muitas das vezes prevalecem, nãoé? Pronto.

A nível de racismo, não notamos, se bem que as vezes, temos ou tínhamos aqui um  
menino ucraniano, que ele não gostava mesmo dos romenos, ele próprio era imigrantes e  
muitas das vezes fomentava a desarmonia, muitas vezes o perseguir no sentido que tu és  
150 diferente e eu vou então dizer aos outros, eu não mas digo aos outros para te ralharem, pronto  
ele excitava um bocadinho mas...

V.: Picava.

P.: Mas nós conseguimos sanar essa situação e ele muitas das vezes era castigado, ele  
próprio dizia que não gostava dos romenos, ele dizia portanto. Coisa que foi de estranhar  
155 porque ele próprio era um imigrante, isso era compreensível da parte dos nossos mas  
fundamentalmente as coisas aconteceram muito bem e decorreram muito bem porque os  
adultos também assim o permitiram. Porque em fim fomentaram, fomentaram a solidariedade,  
na formação cívica deu-se muito os valores o ser diferente e o ser igual, trabalhou-se muito  
essa vertente do ser diferente mas do ser igual, igual nos direitos, igual nos deveres, porque  
160 depois aqui também podíamos cair no oposto e então ele como é diferente coitadinho vou  
desculpa-lo, Não! Também não se fazia isso, portanto tentava-se fazer a, a, a, a, isto foi  
transversal a todas as salas, quem fazia asneira era uma criança, não era romeno, não era  
português. Foi o A, B, C, D, foi a Maria, foi o Samir, foi João, foi a Margarida, fosse quem  
fosse. E ai quando nós tínhamos que castigar, nós tínhamos que ver o acto em si e foi isso que  
165 nós tentamos, trans., passar para os miúdos. Não porque ele era romeno e que deveria ser  
castigado, mas sim porque fez aquela asneira. Portanto nós tivemos, ou a professora Teresa

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

mais, porque teve um grupo muito grande, nos princípios houve muito a necessidade de os acompanhar, para que eles, as crianças vissem que as atitudes deles, as atitudes erradas, as atitudes certas não era porque eram romenos, mas sim porque eram crianças como eles.

170 Portanto e foi nesse sentido que nós tentamos integrar os miúdos. De uma certa forma por exemplo, da minha parte logo no princípio eu, quando eles para aqui vieram, tivemos uma reacção da comunidade e eu aí como Coordenadora já tive que agir de maneira diferente, não é? Na altura apareceu nos aqui a policia porque houve pais que chamaram, tentamos, eu tentei falar com o comandante ali do posto e tentamos sanar as situações, tentamos depois fazer ver  
175 aos pais nas reuniões que eles era crianças que precisavam de vir à escola, tentamos ver e a fazer-lhes ver que o, um factor de integração é a escola. Porque se nós queremos que estes povos tenham comportamentos iguais aos nossos qual é sitio melhor?

V.: É a escola!

P.: Pois é, então temos de chamar os miúdos para escola. Tanto é que depois a câmara  
180 a autarquia levou um verão, um Setembro que eles fizeram as inscrições destes miúdos e tivemos aqui uma amalgama quase que uma enchente de meninos que nós próprios não estávamos à espera. Isto é assim, nós tivemos os problemas que tivemos porque aquilo não foi bem combinado. Porque nós não sabíamos o que íamos encontrar e no primeiro dia de aulas apareceram-nos todos. Portanto não houve, neste caso, uma conversa à priori connosco.  
185 Porque se tivesse havido um conversa à priori nós tínhamos preparado as coisas de outra maneira, ou seja nos primeiros dias de aulas foi um inicio de um ano, foi uma chegada quase de uma turma inteira de romenos que não nos deu para te argumentos para nos valer. Portanto nesse sentido, foi um bocado um choque porque foi uma semana infernal, tivemos que resolver muitas situações, eu tive que resolver muitas situações. A ponto de muitas das vezes  
190 de quê? De ser muito brusca para aqueles que fomentavam, aqueles pais portugueses que

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

fomentavam o, a má vontade da integração destes miúdos. Pronto de as coisas tivessem sido na altura feitas de outra maneira, não se tinha resolvido, não tinha, não tinha acontecido o que aconteceu, policia aqui, GNR aqui, na primeira semana a GNR. Portanto, um algazarra logo no primeiro dia de aulas.

195 V.: Uma revolta!

P.: Uma revolta muito grande! Em que eu vi confrontada até que depois tive quase que mandar os outros todos embora e tive que falar com, tive que ser desagradável, tive que dizer palavras que não me arrendo de as dizer, mas que tinham que ser ditas, a ponto de eu dizer que se os romenos servem para trabalhar, os filhos dos romenos servem para trabalhar mas já  
200 não servem para vir para a escola! E eram crianças. E foi nesse sentido e foi por aí que eu consegui depois chamar atenção à razão, foi quando eu disse que nós eramos imigrantes, eramos um povo de imigrantes e se nós fôssemos recebido nos países de acolhimento pelo, como eles estavam a ser recebidos de certeza que não gostávamos. Portanto e foi por ai, depois vieram pedir desculpas: “ Ah não queremos! Por amor de deus, professora Paula, ah  
205 não queremos, não é por ai...”. Mas era por ai se a coisa não fosse pegada. O toiro pelos cornos como eu costumo dizer, por que foi isto que aconteceu. Portanto, tínhamos aqui depois no dias a seguir a GNR estava aqui já numa de, quer dizer eu estou atenta, eu estou presente, eu se houver problemas, porque os pais não quiseram problemas, os pais dos romenos, e até os próprios pais vieram trazer os filhos à escola. Portanto, já de si era uma boa vontade.  
210 Pronto depois entretanto esse primeiro período foi um período de adaptação, adaptação nossa e adaptação dos romenos e eles também verificaram que tiveram um corpo docente e, e, e, uma comunidade escolar que os acolheu, que foi muito correcta com eles, que lhes fazia ver que havia regras para tudo, porque de uma certa forma sabemos como são os ciganos. Os ciganos dificilmente acatam as nossas regras, têm as maneiras próprias deles, não é?

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

215 Obedecem a um chefe, obedecem a um consenso, a um concílio digamos, é o chefe da tribo. Portanto e tivemos que desmistificar tudo isso, e nas reuniões de pais, quando era reuniões grande tivemos sempre que eles entravam sentavam-se, fazíamos questão de os cumprimentar também para os pais verem que eles eram outros seres iguais a eles, não é? Que não havia problemas e sentarem-se no meio dos pais para ouvirem as conversas, que também lhes dizia  
220 respeito.

V.: Respeito.

P.: Porque tinham aqui os filhos. Portanto, lentamente foi-se, os problemas foram-se diluindo graças à maneira de estar de nós todos, de nós todos. Quando eu digo nós todos, digo os professores e digo as auxiliares. Foi, portanto, quando por exemplo havia festas eles  
225 participavam, quando havia, a, a, a, a, quando havia alturas que os pais tinham que saber os pais romenos também sabiam, também eram convidado para...

A professora Teresa fez um extraordinário serviço, porque, pronto a maior parte do país ali era só romenos, ela só tem dois portugueses, portanto de uma certa forma, conseguiu conciliar e conseguiu também acalmar. Ela, a professora Teresa também não teve problemas, porque os  
230 dois portugueses, um deles veio transferido de outra escola por inadaptação ao ambiente e por problemas também, do, do, da integração no grupo, portanto, praticamente a senhora sabia o que é que ia contar a outra senhora no início estava a dizer, segundo diziam que não ia matricular a menina porque era uma turma de romenos, mas depois quando soube que era a professora Teresa, quando soube como era a escola, pronto ela rendeu-se às evidências,  
235 rendeu-se ao ponto de a menina já vai para o segundo ano e pronto, está tudo bem. Penso eu que eles estão satisfeitos porque na reunião final de ano que eu faço sempre uma reunião de início de ano geral e uma reunião final de ano geral para nós fazermos o balanço de tudo. Os pais gostaram bastante, não tiveram nada a apontar, voltamos a referir que todos eram criança,

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

que todos têm direito, que nas brincadeiras muitas das vezes acontecem um partir um braço,  
240 porque aconteceu, uma perna, magoou o joelho e vimos a saber mais tarde que tinha partido  
aqui na parte de cima um ossinho. Portanto, fizemos ver-lhes que isso são brincadeiras  
naturais de uma escola. Portanto, e os pais nos passeios vêem os meninos ir e vir, eles são...,  
incentivamos a higiene também a parceria que nós fizemos este ano com a equipa da higiene  
oral de Óbidos, fizemos uma parceria agora no terceiro período, em que fizeram um estudo  
245 para ver, relacionar os lanches, a alimentação com a obesidade infantil, portanto fizeram esse  
estudo. Então eles vinham cá fazer muitas acções de sensibilização, tiramos partido disso.  
Portanto, acções de sensibilização de como deve ser as nossas refeições, de como é que o  
nosso corpo tem que andar, o que é que nós temos que fazer. Portanto, tudo, isso veio de uma  
certa forma culminar aquilo que nós fazíamos e aquilo que nós já dizíamos e quando os  
250 miúdos viam que eram médicos, que era enfermeiras a vir dizer que o banhinho é importante  
que depois do banho é importante vestir uma roupa lavada, que importante termos a casa  
arrumada. Portanto de uma certa forma aqui na escola damos o princípio a base para eles  
também a levarem para casa, o ser, ter uma casa com higiene uma casa limpa, eu penso que o  
facto de eles estarem aqui integrados não só eles aprenderam, a, a, a, os nossos costumes mas  
255 como também nós os transmitimos as maneiras de estar na sociedade e pronto sabemos  
perfeitamente que ciganos muitas das vezes não primam muito pela higiene, não é? Mas  
pronto deu para nós dizermos que a, a, a, higiene fazia parte e outra coisa também, havia por  
exemplo a, a, a, a Teresa que muitas das vezes a, a, a, fazia analogias de, de, feriados e de  
comidas que eles faziam lá nas festas e nós aqui falavamos com os nosso miúdos o que é que  
260 eles comiam, portanto de uma certa forma eles começaram a conhecer uma outra realidade.  
Tanto que eles acharam muito interessante agora falando da minha turma, acharam muito  
interessante o estudo que nós fizemos da Roménia, que viram que realmente que também

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

tinham o natal, para eles o Natal, sim o Natal, é o Natal, dão preferências ao dia 26 de  
Dezembro, que também recebiam os presentes que davam muita importância à Páscoa, para  
265 eles a Páscoa é mais importante até que o próprio Natal. Portanto eles começaram a ver que  
realmente são crianças. Os romenos são de origem latina também, portanto há uma base  
comum. Pronto, não tivemos problemas nenhuns, os mal entendidos conseguiu-se resolver nas  
horas com acções às vezes muito, muitas com o pulso firme, é lógico e sempre naquela: “A  
escola está aberta mas está aberta a sugestões positivas, eu não vou fazer da escola o mercado  
270 para discutir”, era uma coisa que eu dizia sempre nas reuniões, eu dizia mesmo: “Eu não  
permito isso!”, “Eu não permito!”, agora que venham à escola discutir assuntos que, que  
digam respeito às crianças, que digam respeito à dinâmica da escola, aceito e inclusive até  
peço, é o que eu digo, em vez de se resolver e discutirem assuntos na esquina do café ou no  
café, algum problema que surja venham à escola. Pronto é isto que eu procuro de maneira a  
275 que os pais também não pensem que eu é que mando na escola e a escola tem que andar ao  
meu critério, também não faço isso, também não permito isso e aliás numa conversa que tive  
aqui com o director disse isso mesmo, disse isso ao ponto de haver regras, com educação nós  
conseguimos porque é como eu lhe digo, eu também não vou a vossa casa mandar na vossa  
casa, portanto à um consenso, vêm à escola saber o que é que se passa as coisas boas e as  
280 coisas más e resolvemos, ninguém manda em ninguém aqui a escola tem quem manda na  
escola, na vossa casa tem que manda na vossa casa, estabeleceu-se essa regras para eles  
verem, “eu vou para escola vou lá fazer e vou lhe dizer...” não, aqui não, e isso fez-se ver aos  
pais portugueses e aos pais romenos, portanto, de maneira a que qualquer pai que vinha até  
muitas das vezes, no caso dos romenos: “Oh professora deixar sair, deixar sair....!, não!” As  
285 regras são, eles sabem por exemplo que as crianças por exemplo para irem embora sozinhos  
têm que dizer à escola que têm que ir embora sozinhos, assinam um papel. Portanto, para eles

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

verem que isto aqui não é uma coisa em que eles entram, saem sem comunicar com ninguém, há regras. E as regras foram logo definidas logo no princípio, logo desde do primeiro dia que tivemos ali a GNR, foi definido e é muito importante quando há comunidades destas nas  
290 escolas, é muito importante definir regras, regras em todo o sentido, o saber estar, o conversar, o respeito, e vamos falar para ver então o que está certo e o que não está. E foi a partir desse, digamos dessa base que se conseguiu construir aqui esta escola, que no meu entender é um factor positivo de integração. Pronto, os pais, não há, não há pais. Agora estou me a lembrar-me no dia do pão por deus nós fizemos os saquinhos com os meninos, eles  
295 pintaram, fizemos... portanto, compramos os saquinhos de pano e eles depois pintaram e fizemos aqui depois umas broinhas que são características, levaram e com o mesmo saquinho no dia do pão por deus, eles os romenos iam às casas dos pais portugueses e eles eram acolhidos e era-lhes dado aquilo que se dava às crianças portuguesas. Portanto de uma certa forma no dia em que depois viemos, no dia, fim-de-semana, pronto no fim-de-semana, na  
300 segunda-feira, eu fiquei abismada eu nunca pensei que a comunidade aderisse, pronto entenderam que aquilo eram crianças e aquilo que davam aos miúdos, tanto que eles vinham com os sacos cheios de guloseimas, portanto eu penso que isso, eu estou a contar este episódio porque eu acho que isso é, oi um factor de integração. Portanto, estava feita a integração, o facto de eles baterem à porta e de darem os rebuçados lá, as guloseimas aos  
305 miúdos romenos isso foi tudo, a integração estava feita, esta a ver? Penso que foi uma integração pela positiva, se bem que há muitos problemas ainda por resolver aqui, eu não digo que não haja a nível até mesmo da localidade.

Eu não sei, quando eu para aqui vim em dois mil e cinco os primeiro romenos viviam em habitações de trinta num armazém, onde as necessidades fisiológicas eram postas em  
310 sacos nos contentores e nos princípios eu alertei a autarquia e aqui a junta porque o contentor

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

que estava aqui junto à escola estava empestado de fezes e eu alertava a comunidade, desde sempre alertei, e foi disse sempre, porque eles não queriam a integração nem a inscrição das crianças aqui, foi um bocado complicado mas passado estes ano todos conseguiu-se.

Agora há casos pontuais, não sei quais são as condições em que eles vivem, inclusive  
315 sim que há uma mafia ai no meio deles, que eles até começam a extorquir dinheiro aos  
próprios romenos porque eles quando vêm para cá vêm no carro, na camioneta junto com  
outros e esses outros têm dinheiros e dizem: “olha eu levo-te para Portugal, mas depois tens  
de me dar dinheiro” e depois é quase todos os meses a darem dinheiro e vocês sabem que isso  
acontece aqui, inclusive eu à Dr. Fátima cheguei alertar para essa situação para saber se nós  
320 podíamos fazer alguma coisa, porque por exemplo a Teresa teve ali uma aluna que ela teve  
que ir para a Roménia, precisamente por causa disso, ela não concordava com o facto de  
andar ai trabalhar e depois esses romenos mafiosos irem a casa buscar-lhe o dinheiro. Portanto  
e ela andava com muito medo e ela não queria subjugar-se porque ela não era romena cigana,  
ela não queria subjugar-se à aquilo mas era perseguida e ela teve medo e foi para a Roménia.  
325 E uma das melhores alunas que ela tinha a Teresa a Maria Denisa. Portanto, isso é uma das  
maiores das injustiças que inclusive eu alertei a escola segura, porque isto é assim, temos de  
começar por algum lado para sanar esta máfia que há nestes grupos, ora nem todos os  
romenos participam nessa, nessa, pronto nessa mafia, nessa, nessa...

V.: Nessa rede.

330 P.: Nessa rede, portanto e há romenos honestos e há muitos romenos aqui que vivem,  
que para estarem aqui têm que dar dinheiro e depois vêm-se esse casais novos, relativamente  
novos a viver muito bem, mas vivem à costuma dos cinco, ou dez, ou quinze euros que os  
outros vão às casas buscar. Portanto aqui há um problema, há um problema social e esse  
problema ainda não foi resolvido, vamos ter que o resolver no futuro porque isto é assim se

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

335 nós os, os, os, queremos aqui para trabalhar porque eles até trabalham muito bem e até  
trabalham a pouco, a poucos euros à hora em relação aos outros, não é? Também vamos ter  
que resolver essa situação, porque acaba por ser um problema da comunidade se há um grupo  
um grupo étnico aqui a viver se nós queremos que eles estejam integrados que é muito bom e  
a integração passa por uma escola, passa por eles adquirirem exemplos culturais dos  
340 portugueses nós também temos que os ajudar ai nestes problemas que eles têm, eles não  
dizem mas eles têm problemas a única que conseguiu dizer foi essa Maria Denisa a mãe da  
Maria Denisa, mas há muito ai que não dizem que têm medo que ela própria disse, há muitos  
que não dizem porque têm medo porque se acusam, se vêm fazer queixa à escola a escolar  
alerta.

345 V.: Têm represálias.

P.: Têm represálias, pronto é um problema que eles têm. Pronto a integração está feita  
mas eles próprios têm problemas, intrínsecos, entre eles que pronto não sei o que é que pode  
ser feito não sei, eu não sei, não sei, tem que ser um estudo sociológico, tem que ser  
assistentes sociais para ver o que realmente precisam, porque há miúdos que precisam mesmo,  
350 outros que são mafiosos, nós sabemos perfeitamente que muitos deles que andam ai, e vê-se  
que se eles andam ai que não trabalham, se não trabalham não têm dinheiro, mas se eles  
aparecem com carros com roupas com tudo vão busca-lo nalgum lado, não é? Portanto são  
problemas sociais que temos aqui nessa comunidade que mais tarde ou mais cedo o problema  
a crise já está a ser geral, mais tarde ou mais cedo vai instalar aqui nas mãos do Pó, porque  
355 nas alturas em que não há emprego eles não têm dinheiro para ir para a Roménia, eles ficam  
cá o que é que vão fazer? Eles têm filhos onde é que vão buscar a comida? Porque aumentou  
o número de assaltos, e muitos dos assaltos que há fora do Pó sabe-se que vem daqui do Pó de  
romenos. Portanto é um problema grave que aliás a polícia sabe isso muito bem a GNR sabe e

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

360 vocês, autarquia tem conhecimento disso que é um problema grave mesmo. Portanto eu não sei, a nossa parte esta a ser feita a parte da escola a parte da educação está ser feita e temos a consciência tranquila que assim é, os miúdos fizemos tudo para que eles viessem para cá tiveram um ano muito bom, fizemos os possíveis para que os miúdos romenos tivessem um professor de língua não materna como a lei consagra, ah, não foi possível mas acho que a próximo ano lectivo o agrupamento está a pensar nisso, pronto já é mais uma vitória nossa.

365 Portanto, tudo está a ser feito das nossas mãos tudo o que podia ser feito pela escola e quando digo escola digo nós, foi feito e qualquer problema que nos surja para ai para o resolver porque as crianças têm de vir para escola, é lógico não é? E de uma certa forma é a eles que devemos o terceiro lugar aqui, quer queiramos quer não, pronto. Porque nós sabemos perfeitamente que há ai escola que estão a fechar lugares, porque pronto a ideia que era do

370 anterior governo era fazer os mega, os polos, os polos educativos nem que isso fosse sinal de sucesso escolar, não é? Pode ter de tudo, pode ter computadores de ultima geração, tudo isso, mas não tem aquele ambiente que as terrinhas têm. Por exemplo este grupo de romenos num grande polo, não tinham sucesso de integração.

V.: Não se adaptavam?

375 P.: Ai lhe garanto que não, oh Vanessa garanto que não. Porque nós aqui conseguimos sanar qualquer mau comportamento logo de raiz, cortamos o mal pela medida logo ali traz, ali está ver, quando aparece tira-se, porquê? Porque estamos num meio mais pequeno, agora num meio num polo educativo, com turma de vinte e sete. Por muito que eles quisessem por um grupo aqui, outro grupo noutra turma, um grupo numa turma ou grupo noutra turma não

380 tinham sucesso, porque depois não havia auxiliares para controlar os recreios. E bastava isto, bastava os miúdos terem, eu não digo nas sala de aula porque há comportamentos permissivos porque as professoras não deixam, mas nos recreios não há pessoal suficiente para tomar

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

conta dos recreios e aí passava haver os mais ambientes nos recreios, era logo por aí que começa. Porque nós para sanar os problemas temos que ir aos recreios e eles sabem muito  
385 bem, pronto. Eu por opção própria estou aqui sempre na hora do almoço, eles sabem que, pela, em última instância estou aqui se eles não obedecerem às senhoras, às auxiliares, que têm que também, tivemos que lhes transferir poderes para elas também poderem exercer a sua autoridade, está a ver? Foi tudo um conjunto de, de, de factores que deu uma conjuntura muito perfeita agora nos grandes centros não, nos grandes centros isso não é possível. Se quando for  
390 feito o polo educativo ali se o Pó tiver digamos na ideia de eles o levar para lá tirem a ideia que não vai haver uma boa integração dos romenos, não vai, não vai porque os pais romenos...

V.: Nem se calhar os pais querem que os filhos vão para uma escola fora da localidade onde eles moram.

395 P.: Nem pensar, nem pensar.

V.: Se já para vir para aqui foi tão complicado, quanto mais ir para outro sítio.

P.: E portanto aí é que vai agravar os problemas, está a ver Vanessa? Por isso é que nós fazemos tudo para que estas escolas não encerrem, porque quando estas escolas encerrarem vai ser problemas acrescidos aqui nesta localidade, miúdos que vêm, miúdos que  
400 crescem, miúdos que não vão à escola, miúdos que não têm a protecção social porque muitos deles até têm medo não é? Resumindo e concluído vão viver de que? Do roubo, do oportunismo, do ser mais esperto é pá estas ali estas de frente atiro-te isto e aqui o Pó depois o Pó, a Autarquia o Bombarral vai ter um grave problema, porque enquanto a escola está aqui as coisas vão sendo, vão acalmando, e depois os pais é assim: “Eu não posso fazer má, não  
405 posso fazer um papel feio porque eu tenho o meu filho na escola, porque depois as professoras, fico mal visto perante as professoras”, está a ver? Portanto depois jogamos um

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

bocadinho com isso e jogamos pela positiva o que é que nós dizemos aos pais: “Está a ver o seu filho a saber ler e escrever, depois eles rapidamente arranja um emprego”, é o que nós dizemos é o que se dizia à mãe da Denisa e a mãe da Denisa era isso que ela queria, ela queria  
410 que a menina tira-se que fizesse na escola o quarto ano e tinha ideias de ir para o Bombarral e dai a miúda queria uma profissão aqui em Portugal. Portanto e tudo isso leva para a integração os português não foram um povo de sucesso, de integração? Foram não é? Pronto, e penso que, deus queira, deus queira que a escola continue, deus queira que os romenos continuem porque nos permite mais uma sala e permite-nos também esta qualidade no ensino, atenção.  
415 Porque isto é assim se fechar mais uma sala e continuar o mesmo número de romenos, esta turma vão ficar com vinte e poucos alunos, está a ver? Os anos todos é um bocado complicado, já tivemos a falar no Agrupamento e pelos visto este ano temos garantias que aquela turma fica, é uma turma onde estão todos eles que inclusive acho que até foi uma boa solução, porque por exemplo a minha Gabriela quando sentiu que havia romenos ali naquela  
420 sala ela não se sentia bem aqui e ela está a caminhar a passos de tartaruga, mas está a caminhar, já aprendeu muitas coisas que ela não aprendia, também era uma criança que faltava muito que ia muitas vezes à Roménia mas o facto de ela estar com os pares dela deu-lhe motivo para ela...

V.: Ter uma boa integração.

425 P.: Exactamente. Tudo isso foi um factor positivo, portanto pensamos em meter assim os meninos. A Teresa à partida sabia que era para ela que iam, ela pronto não se importou e fizemos com que eles ficassem ali, foi uma boa escolha, foi uma boa solução, porque também teve uma boa solução eu acho lógico né, lógico que nós também os levamos no que podíamos sempre, nas saídas ajudávamos, as auxiliares ajudavam. Portanto quando há coisas para fazer  
430 é mais para li para aquela sala porque é aquela sala que precisa, esta a ver? Por isso, por

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

exemplo, dou-lhe um exemplo concreto à vai-se limpar, prioridade? Aquela sala. Um exemplo pequeno não é? A minha sala que seja a ultima a limpar, não me importo, são pequenos, um grupo pequeno, são doze meninos e se for a ultima eu até faço isso com eles, esta a ver? Tudo o que nós, nós fazemos tudo para que aqueles miúdos não se sentissem incomodados por nada, por nenhum factor. Portanto, é por isso que aquelas casas de banho são limpas várias vezes ao dia, dá-se prioridade, aquela sala é limpa se há necessidade de limpar mais vezes é aquela sala que está primeira, aquela, a segunda. Traçou-se estratégias de prioridades e tudo isso, pronto deu o que deu, o Pó segundo nós sabemos não dá grandes problemas a ninguém. E penso que estamos no caminho certo, não sei.

440 V.: Também penso que sim.

P.: Fui útil?

V.: Sim. Mas eu ainda quero fazer mais algumas questões...

P.: Ok, ok.

V.: Que entretanto dispersou-se um bocadinho.

445 P.: Ok, ok.

V.: Ah, acha que... já me respondeu a isso entretanto a língua é um factor decisivo para a aprendizagem, deles?

P.: É, é.

V.: É a tal questão, sem saber ....

450 P.: É, é.

V.: A língua portuguesa depois dispersa nas outras matérias.

P.: Completamente, e depois é dai o problema da língua não materna, o professor da língua não materna, que nós pedimos.

V.: Muito importante.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

455 P.: Muito importante, muito importante, e depois é assim neste caso o que nos valeu foram os romenos mais antigos os alunos mais velhos que já falavam português.

V.: Pois porque mesmo a professora de apoio, a professora Teresa estava-me a dizer que a professora de apoio, tinham professora de apoio mas que faltava tantas vezes que não lhes valeu...

460 P.: Exactamente, não valeu de nada.

V.: Não valeu de nada.

P.: Porque o professor de apoio foi para fazer as substituições no agrupamento e portanto e lá está e mesmo o professor de apoio quando ele vinha, vinha para ali. Preferimos isto, preferimos dar prioridade, aquela, aquela, turma.

465 V.: Claro.

P.: Está a ver. Portanto eu conseguia resolver os problemas da minha turma, pronto, não havia problemas e o que eu lhes dizia, tempo que tu tens vai para a Teresa.

V.: E aproveita.

P.: Exactamente, mas foi muito pouco, esta a ver, muito pouco. Neste sentido quando  
470 há uma barreira linguística, olhe foi uma aprendizagem através de imagens, objecto palavra, imagem palavra, teve que ser assim. Porque era muito complicado, por exemplo uma criança, eu lembro-me como a minha Gabriela, por exemplo nuvens o que é nuvens? E o que é nuvens? Como é que se vai explicar as nuvens? Tinha que se levar lá fora e mostrar as nuvens, não é? Portanto, são coisa que, também de uma certa forma nós também não estamos  
475 preparados para enfrentar, porque não somos, ninguém nos ajudou-a termo aulas de romeno, digamos...

V.: Essa é a próxima questão. E alguém vos deu orientações para a educação intercultural?

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

P.: Não! Isso foi tudo tirado da nossa cabeça, tudo o que estes meninos tiveram e o  
480 sucesso, está aí foi tudo do nosso esforço. Do nosso esforço dos métodos adaptados a eles.  
Por exemplo eu falo quando tinha a Gabriela fazia loto de imagens, a imagem e a palavra para  
ela por exemplo, bola, e então ela procurava o método das vinte e oito palavras que trabalha  
muito à base da imagem. Portanto, foi tudo, tudo de nós da nossa cabeça, as imagens, que  
lindas imagens, até compramos objectos que estão para ia, estou para ia numa pasta, está  
485 guardado aqui...

V.: Não se preocupe, não se preocupe.

P.: Figuras, imagens de animais, para lhes mostrar, o papagaio, portanto tudo isso faz  
muita falta, não é? E a Teresa também comprou, eu também comprei e tudo aquilo, jogos, no  
caso da matemática jogos, está a ver o MAB, aquilo ali aqueles jogos foi tudo para eles  
490 aprenderem através de brincadeira e...

V.: Coisas práticas.

P.: Pois coisas exactamente concretas, para que eles pudessem, a, a, a, progredir. Foi  
tudo da nossa cabeça, não recebemos ajuda de ninguém. Portanto é a nossa boa vontade em  
termos a nossa missão, é muito importante, como uma professora que marca a diferença, para  
495 bem ou para mal. Um bom professor marca a diferença para bem e muda mentalidades e  
muda sociedades. É esta a máxima que me leva e portanto por acaso conseguimos arranjar  
seis pessoas, faço parte, não é? Três professoras e três auxiliares que trabalharam para o  
mesmo, está a ver? E tudo se conjugou com a nossa boa vontade, com a nossa maneira de ser,  
com a nossa pesquisa, com a nossa procura, vamos buscar isto, vamos buscar aquilo para  
500 facilitar para tornar a vida deles mais fácil e foi isso que nós fizemos, mas foi da nossa  
responsabilidade.

V.: A relação dos pais com a escola é boa?

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

P.: É.

V.: E com as professoras também?

505 P.: É, boa, é boa. Por exemplo a Gabriela quando foi para ali, porque estava com receio que o pai, pronto não aceitasse muito bem, porque tive a irmã dela comigo e era um caso era uma boa aluna. Como nós mudamos, lindamente, vinha-me cumprimentar, quando vem às reuniões da filha vem-me cumprimentar, vem-me dizer, por exemplo agora foi em Maio que a Gabriela foi à, foi à Roménia, também era a Páscoa, a mãe veio me dar um beijo.  
510 Portanto há uma boa interacção e garanto-lhe que pronto, eles gostam de nós e do nosso serviço e respeitam-nos como tal, porque também nós os respeitamos como seres humanos, estas a ver. Portanto, há, foi um ponto de partida que foi um bocadinho com alarido mas depois soubemos ter os pés assentes na terra para construirmos isto tudo e pronto está aqui uma boa escola.

515 V.: Os pais ajudam os filhos nos trabalhos de casa?

P.: Ora bem, eu falo pela minha, não ajudava porque eles não percebiam a mãe, por exemplo a mãe da minha Gabriela, ela nem falava português, quem ajudava era a irmã, quando a irmã estava cá. No caso da Teresa penso que, quem ajuda às vezes são eles próprios colegas uns aos outros porque eles raros são os pais que ajudam os miúdos em casa, por  
520 vários motivos, porque chegam muito tarde, porque eles trabalham muito mesmo e quando há muito trabalho às oito horas é que eles saem, não é? Ah, porque o pai, a cultura deles, o homem cigano não é um homem de casa, não é um homem como o português que agora já vai ajudar a mulher, é tudo para a mulher. E depois a própria mulher não tem instrução, porque a mulher cigana não vem à escola, estas mulheres ciganas que aqui estão a maior parte não teve  
525 escolaridade. Portanto, ah, ah.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: E depois o mesmo próprio não saber a língua, não saber interpretar as pessoas, não fazer exercício.

P.: Exactamente, exactamente, exactamente. Tudo isso ajuda, tudo isso ajuda a não a não ajuda deles nos trabalhos de casa e isso é uma barreira grande. As próprias mulheres, eu  
530 falo pela mãe da minha Gabriela, ela era uma pessoa muito isolada, ela era uma pessoa que quem vinha à escola era o marido porque ela não falava português, quando ela vinha à escola com o marido o marido é que lhe traduzia, ela vinha à escola com um lenço na cabeça. Portanto, digo mesmo o homem é o rei absoluto lá da casa é o patriarcado e não o matriarcado. E a mulher cigana quase que não tem direito a opinar, e portanto isso via-se. E se  
535 não são os jovens os irmãos mais velhos no caso da minha Gabriela era a irmã que ajudava, caso contrário não, muitas das vezes os trabalhos não iam feitos, não vinham feitos, não vinham feitos, a mãe não podia o pai andava por aí, não é? Não sei, se andava a trabalhar se não andava.

V.: Nota que os alunos vêm mais à escola, os alunos romenos?

540 P.: Muito, muito, muito, muito mesmo. O, o,

V.: Houve um aumento da frequência?

P.: Houve um aumento e porquê, vou-lhe dizer porque quando eu para aqui vim havia romenos que tentavam chama-los para a escola, mas as próprias condições até mesmo de agrupamento não permitiam a facilidade...

545 V.: E as burocracias, a professora Teresa estava-me a falar de burocracia.

P.: Muita, e eu tive problemas, tive problemas na altura, não era com o director que é agora, tive problemas no aspecto de que eu levava problemas para lá para eles me permitirem inscrições de miúdos, apelavam à lei e *terete*, mas não sei que não queriam era preciso papeis para isto para aquilo, resultado a partir do mundo que veio a minha Gabriela a primeira

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

550 romena que veio transferida de uma escola de Torres abriu-se o processo, eles tiveram que arregaçar as manguinhas e depois tiveram que...

V.: Por as mãos à obra.

P.: Por as mãos à obra e inscrever os miúdos que vieram, veio a Gabriela, depois veio as duas irmãs Vasile, depois veio o Fernando Lovaduva, depois veio mais alguns, mas depois 555 o que é que acontece, havia desistência porque a família também não estava muito motivada, porque iam muitas vezes à Roménia o caso da Gabriela. Nos primeiros anos que teve comigo ela se teve, olha houve um ano que se cento e tal, cento e setentas presenças ela só me apareceu para ai umas quarenta, uns quarenta dias ao longo de um ano isso não é nada, para as aprendizagens. Portanto, havia, digamos muitas saídas para o exterior e se o pai por exemplo 560 fosse trabalhar para fora aqui do Pó levava a família, esta a ver? Levava a família atrás. E tudo isso eram factores que não permitiam a integração, as coisas começaram a mudar quando a autarquia inscreveu aquele grupo enorme de romenos, porquê? Porque eles viam que a autarquia se movimentou, porque na altura que quis que a junta se movimenta-se e eu quis que o centro de saúde se movimenta-se, porque depois eles exigiam as vacinas aos miúdos, 565 exigiam uma declaração em como eles viviam cá e muitos deles nem estavam legais, portanto tudo isso acabava por fugir. Mas quando a autarquia se meteu e de uma certa forma lhes fez ver que não lhe queria fazer mal e que o facto dos filhos virem para escola não era um factor para chamar a policia para os por daqui para fora, porque eles tinham muito essa noção, então eles começaram a estar muito mais tranquilos, esta a ver? E então houve, pronto, uma 570 enchente digamos de romenos...

V.: Uma maior abertura.

P.: Maior sim.

V.: Os pais estão muito mais abertos...

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

P.: Os pais estão muito mais abertos e não tão desconfiados, e não tão desconfiados.

575 V.: Pois, porque os problemas deles, é serem muito desconfiados.

P.: Porquê? Porque viram a autarquia a meter-se, viram o centro de saúde, viram a enfermeira Susana a interessar-se por eles, viram, portanto, vários serviços, agora já não era só a professora, esta a ver? Havia vários serviços e então isso já penso eu, penso eu que eles já não têm medo no aspecto de: “eu ponho meu filho na escola, já não é afinal eu vou ser expatriara e vou para a minha terra e não tenho a policia à porta”, pelo menos ninguém diz o contrário. Agora a polícia vai à escola, vai a casa para os ir buscar para virem para a escola, portanto já um, um...

V.: É diferente.

585 P.: É diferente, esta a ver?

V.: E o sucesso deles aumentou desde que eles vieram para Portugal?

P.: Completamente. Temos ali miúdos, pronto há miúdos que não aprendem mesmo, mas há outros miúdos a maior parte deles que conseguem, demoram tempo, precisam de mais tempo mas conseguem, porquê? Porque também não têm, não existe uma cultura de, de, de, escola de educação, está a ver? Eles próprios lá não andavam na escola como é que pode... não! Portanto de se não há uma família que tenha bases culturais e que motivem para o, o, o, cultivado da leitura, da escola, do conhecimento não há uma família que partilhe isso as crianças também não.

V.: Dispercam.

595 P.: Vêm daí não é? E portanto penso que a melhor coisa que aconteceu. Penso que foi a melhor coisa que lhes aconteceu e estou convencida que é um factor de sucesso, mas melhor

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

do que eu pode-lhes perguntar a eles, faça uma secção na junta e pergunte-lhes. Até eu gostava, a serio que gostava.

V.: Eu também tenho questões para fazer a eles.

600 P.: Ah, eu gostava para pronto para se saber qual é o feedback, não é? O que é que eles pensam também da escola.

V.: Exactamente.

P.: Porque isto é assim...

V.: As questões são mais ou menos as mesmas mas o inverso, são para fazer aos pais.

605 P.: Mas tem que trocar isso por miúdos, porque alguns eles nem vão...

V.: Não vão perceber...

P.: Desconstruir e tentar dizer-lhes quais os dados concretos se não eles não sabem, eu falo porque é aquilo que eu vejo, não é? Eu para falar com os pais eu tenho que descer muito ao nível da linguagem deles.

610 V.: Sim eu já quando fiz as outras para tentar conhecer a cultura e os hábitos e digo assim bem, eu vou perguntar isto a, ele não me vai saber responder, então perguntei uma vez e ele começou me a dar algumas dicas e então eu pensei vamos a esse encontro e...

P.: Vamos por ai exactamente, desconstruir muito, é como se tivesse a falar com crianças e quando eles não entendem por exemplo um objecto um nome de eles, ficam assim  
615 muito como quem diz: "O que é?" e então temos que fazer arranjar sinónimos, é o que nós fazemos. Portanto, também gostávamos de saber o que é que eles pensam de nós, não é? Nós tentamos fazer de tudo, mas é certo que também temos os nossos limites e as nossas regras, não vamos também digamos uma, um papel de subserviência para eles depois verem eu agora posso fazer tudo. Não! Com regras, com regras chamamo-los, à uma abertura mas atenção  
620 aqui há regras é uma escola que tem regras, para eles verem que também na casa deles

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

também têm de ter regras. Portanto traçou-se muito bem os caminhos, traçou-se, estabeleceu-se regras, disse, dissemos-lhes a porta está aberta se quer vir saber do filho, se o filho está bem se não está, quando está doente nós telefonamos, fazemos exactamente o que fazemos com os miúdo portugueses, telefonamos para os pais, os pais vêm-nos buscar ou nós mandamo-los, se os pais mandarem, portanto para eles verem que há uma, uma equidade e também um interesse da nossa parte para resolver os assuntos, portanto.

V.: Está bom.

P.: Está bom?

V.: Obrigada.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

#### **Anexo IV – Entrevista Professora Helena Coito**

Vanessa (V): Gostaria que iniciássemos a entrevista com uma breve apresentação, sf.f.

Helena (H): Sou a professora, professora Maria Helena Coito e é o terceiro ano que estou cá nesta escola.

5 V.: Como caracteriza a turma em termos de diversidade cultural? Neste caso a escola em termos de diversidade cultural.

H.: A escola tem várias diversidades. Eu tinha um aluno que era ucraniano. E a outra turma tinha só romenos. Mas davam-se todos muito bem, estavam todos integrados.

V.: Qual a sua opinião sobre a diversidade cultural que a escola tem?

10 H.: Ai eu acho que... muito boa. Eu acho que sim, a escola é para todos os meninos, portugueses ou não. Não é? Portanto, todos são bem-vindos e todos se dão bem, desde que todos se dêem bem está tudo bem.

V.: E usa estratégias para que essa diversidade cultural, se desenvolva?

15 H.: Não porque não tenho alunos romenos. O meu aluno é ucraniano, nasceu cá portanto faz parte dos portugueses.

V.: E nos intervalos, nas actividades extra curriculares, nas visitas de estudo...

20 H.: São todos iguais, ah, portugueses ou romenos, são todos iguais. Portanto os aluno não fazem... no inicio faziam diferença, tinha uns menino, que, que, racista. Mas depois trabalhamos um livro, ah, que é “Os meninos de todas as cores”, todos diferentes, todos iguais, e a partir dai deram-se todos muito bem, nas brincadeiras e tudo, tudo, tudo, muito bem. Não houve, não houve, nas visitas de estudo deram-se impecáveis.

V.: Então acha que as crianças romenas se adaptaram bem ao grupo- escola?

H.: Sim, sim. Muito bem.

V.: A língua é um factor decisivo para o sucesso?

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

25 H.: É, para o desenvolvimento das áreas todas. É muito importante, sem, sem a língua portuguesa eles não, não conseguem comunicar. Mesmo sendo crianças utilizando gestos eles não conseguem comunicar. Portanto a língua é, é muito importante.

V.: O que é que é feito para diminuir a dificuldade com a língua?

30 H.: Tivemos uma professora do apoio, o ano inteiro a professora teresa anda, à, à, à, em luta com o agrupamento para ver se conseguia um professor de língua não materna, mas não se conseguiu. Portanto só tivemos uma professora de apoio que apoiou essencialmente a turma da professora teresa. Pronto foi só em termos de ajuda, foi só.

V.: E acha que isso, teve algum sucesso? Ou ajuda não foi muitas?

35 H.: Não foi muita porque essa professora também fazia substituições, portanto eram mais as vezes que ela estava em substituição do que na escola.

V.: Considera que a Educação Intercultural é uma mais-valia para o sucesso dos dois grupos?

40 H.: É sim, porque eu tive dois meninos romenos o ano passado na minha turma e nós fazíamos, trabalhamos os portugueses que deram a conhecer Portugal aqui e os romenos fizeram conhecer a cultura dos pais deles aos portugueses, e dançaram, cantaram à maneira deles e eles gostaram muito. Viram a diversidade que havia tradições diferentes, danças diferentes, é bom, eu acho que é bom, conhecer assim...

V.: Eles gostaram de conhecer assim, um grupo e o outro?

H.: Gostaram, gostaram.

45 V.: Qual o papel da escola na integração das crianças romenas?

H.: À, a escola tem um papel principal, se não fosse a escola, eles estariam em casa a falar romeno com os pais e não falavam português. Nada! Eles só falam português cá na escola. Pelo caminho eu encontro os meninos a irem para casa falam romeno entre eles. Portanto falar português é só na escola.

50 V.: Se calhar até vão pelo caminho a falar romenos, sobre as coisas que aprenderam na escola nesse dia.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

H.: Se calhar, pode ser. Pois é, é só romeno. O português esqueceram; saem da escola, esquecem o português.

V.: Tiveram orientações da parte do agrupamento, para a educação-intercultural?

55 H.: Não!

V.: Da parte do ministério?

H.: Nada, nada, nada.

V.: Como é que é a relação dos pais dos alunos romenos com a escola?

60 H.: Ah, tem de se andar atrás deles, há pais que participam não é? Há pais que participam não é? Como os portugueses, e há pais que não participam nada. E por exemplo nas reuniões, ah, ah, dois meninos romenos, havia uma mãe que estava muito preocupada, telefonava para a escola a perguntar se o menino comia, não comia, muito preocupada, e a mãe da outra menina nunca a vi. Foi matricular a menina no agrupamento...

V. : Completamente o oposto.

65 H.: Nunca vi cá.

V.: E a relação com as professoras? Dos pais?

70 H.: Pronto é isso. Os alunos da professora Teresa há um grupinho melhor, os pais preocupam-se. Quando ela está a chamar, eles vinham sempre de manhã ou então a seguir ao trabalho, mas ela tinha de cá vir de propósito, porque eles não faltam um dia para vir à escola, nem umas horas. Ou tem de ser antes deles irem trabalhar. Daquilo que eu via. Ou então tinha que ser depois da hora do trabalho.

V.: Considera que os pais se interessam pela escolaridade dos filhos? Pela educação dos alunos? Pela escola?

75 H.: No primeiro ciclo sim, agora o pré-escolar não! Porque, nem sei se eles têm pré-escolar lá. Sinceramente não sei, porque o menino que eu tive, que agora este ano foi a professora Teresa que teve, que é o Demis, não tinha feito o pré-escolar, e quando chegou cá no primeiro ano, não sabia pegar numa tesoura, não sabia pegar num lápis, não sabia... fez o

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

80 pré-escolar no primeiro ano, depois só o tive até ao natal, reprovou. E no ano seguinte, que foi este ano lectivo, foi para a professora Teresa, fazer o primeiro ano, aí sim aguentou o ano todo.

V.: Consegue-me dizer se os pais ajudam os filhos a fazer os trabalhos de casa?

H.: Eu acho que não, eles não sabem, eles não tiveram escola portuguesa, não!

V.: Porque é que acha que os alunos romenos vêm mais à escola? Actualmente?

H.: Eu acho que sinceramente é um local onde os pais os podem ter, para os guardar.

85 V.: Não acha que é por uma questão de aprendizagem? Deles também querem aprender, querer saber?

H.: Se calhar para alguns sim, mas para a maioria eu acho que não. Eu acho que não, porque chega a uma altura que não têm trabalho e vão para os pais deles. Se eles tivessem interesse penso eu que ficavam até ao final do ano. Portanto eu acho mesmo que os pais vão  
90 trabalhar e a escola é um depósito. Eu acho mas não sei.

V.: Os alunos aumentaram o seu interesse pelo estudo?

H.: Sim, participaram em tudo, queriam fazer e....

V.: Eram activos!

H.: Eram activos, muito e participativos, eram.

95 V.: Os pais estão mais abertos à escola? Estão mais participativos com a escola, vêm a escola com outros olhos?

H.: Os pais romenos?

V.: Sim.

H.: Eu acho que sim, para alguns.

100 V.: Lá está...

H.: Há sempre um grupinho que se interessa e outro que não se interessa.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

V.: O sucesso escolar dos alunos romenos aumentou desde de que frequentam a escola em Portugal?

105 H.: Eu tou... eu nunca tive alunos romenos, nem sabia que eles vinham à escola. Só soube quando vim cá para o Pó, nunca tinha tido.

V.: Sim, mas desde que eles iniciaram o percurso escolar aqui...

H.: Estão mais...

V.: Até à data de hoje.

110 H.: Sim porque daquilo que eu soube, antiga, houve aqui menino que estavam matriculados e que vieram meses, depois abandonavam. E agora não, estão matriculados desde Setembro até Maio, Junho, alguns ainda aguentaram até ao fim. Aguentam-se mais tempo na escola agora. Gostam mais e vêm para a escola, de manhã estão sempre aqui à frente do portão, à hora do almoço vão a casa comer num instante depois vêm logo para a escola. É eles gostam da escola.

115 V.: Não sei se me quer dizer mais alguma coisa.

H.: Bom, do meu grupinho, como não tive alunos romenos este ano, não. Tive uma menina à dois anos que era Madalina que tinha doze anos que estava no primeiro ano.

V.: Era uma diferença de idade em relação aos do primeiro ano, muito grande, era o dobro!

120 H.: Pois é e era do meu tamanho. E então ela ficou até ao Natal, mas estava sempre a dizer: “Oh, professora eu muito grande, eu muito grande” “Eles pequeninos e eu muito grande”.

V.: Também acha que aquilo que os leva... não só aos pais mas a eles. Primeiro que entendam que a escola é importante é a diferença da faixa etária?

125 H.: É, é.

V.: Ah por que eles vêm, aquele é mais pequeno, aquele é do meu irmão e anda aqui...

H.: Pois é!

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

130

V.: E eu estou aqui com ele, e já devia andar mais à frente. Mas isso também é uma falha que houve da parte dos pais de não os colocar na escola mais cedo. Porque entende que é muito pequeno.

H.: É.

V.: Não um consenso, quando é grande é porque é muito grande.

135

H.: Quando tem irmãos pequeninos, faltam à escola para guardar os irmãos, para os pais poderem trabalhar. Tenho uma que falta muito por causa disso, para guardar o irmão para os pais trabalharem. E faltou.

V.: Eles ajudam os pais nas lidas da casa?

H.: Eu acho que eles fazem tudo, sim, sim. Fazem tudo, tudo, tudo. Devem chegar a casa devem fazer o comer, devem fazer tudo. É complicado!

140

V.: Pois porque também é assim os pais não percebem o que eles dão na escola, também não conseguem fazer um acompanhamento em termos de estudo, ora dá de haver ali uma data de horas que eles estão ajudar os pais não estão de volta das coisas da escola, estão ocupados a fazer outro tipo de coisas.

145

H.: É arrumar a casa, deve ser fazer o jantar, de certeza que as meninas, deve ser isso que elas fazem. Os rapazes não devem ser mais na rua brincar. Mas as meninas devem ser ajudar as mães em casa.

V.: Obrigada pela colaboração.

H.: De nada.

150

## Anexo V – Matrizes de análise

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidades de registo
Apresentação das entrevistadas	Há quanto tempo leccionam	Escola	<p><b>Teresa:</b> “Sou a professora Ana Teresa Vieira, este ano lectivo estive com uma turma de primeiro e segundo ano. Estou na E.B. um do Pó já à três anos (...) quando regresssei eu fui receber um terceiro ano e depois foi nesse ano que houve muitas inscrições de, de meninos romenos” (linhas 1 a 10).</p> <p><b>Paula:</b> “Sou a professora Paula Delgado ... tenho o terceiro ano, para o ano que vem é o quarto ano e também sou a coordenadora do estabelecimento. (...) tive uma turma de doze meninos, uma delas, portanto era absentista romena” (linhas 5 a 10).</p> <p><b>Helena:</b> “Sou a professora, professora Maria Helena Coito e é o terceiro ano que estou cá nesta escola” (linhas 3 e 4).</p>
Caracterização da diversidade cultural na escola	Diversidade Cultural	Escola	<p><b>Teresa:</b> “(...) a turma eram maioritariamente constituída por alunos de nacionalidade romena, a faixa etária deles ia desde os seis até aos onze anos, (...) estavam a frequentar primeiro e segundo ano, (...) romenos e a nível de etnia cigana, segundo o que eu me apercebi, ah, nos trabalhos que fiz com eles e tudo mais eles a maioria eram oriundos de um distrito de um judete (...) distritos de Gorge e segundo os trabalhos que fiz com eles os hábitos dos país eram vendedores ambulantes, andavam de porta a porta vender roupa, a vender panelas, alguns, portanto, eram, eram, os romenos de etnia cigana. E que nunca tinham frequentado a escola a maioria deles, estavam a frequentar aqui pela primeira vez, miúdos de dez anos até” (linhas 24 a 33); “Os romenos é um grupo muito coeso e muitas das vezes também eles próprios se isolam um bocadinho nas brincadeiras” (linhas 156 e</p>

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

			<p>157).</p> <p><b>Helena:</b> “A escola tem várias diversidades. Mas davam-se todos muito bem, estavam todos integrados. (linhas 7 a 9). A escola é para todos os meninos, portugueses ou não (...) todos são bem-vindos e todos se dão bem” (linhas 11 a 13).</p> <p><b>Paula:</b> “(...) se tivesse havido um conversa à priori nós tínhamos preparado as coisas de outra maneira (linhas 200 a 201); (...) foi um bocado um choque porque foi uma semana infernal” (linhas 202 a 203).</p>
	Diversidade Cultural	Adaptação	<p><b>Teresa:</b> “Dentro da escola nunca se notaram dificuldades, os miúdos aceitaram-nos sempre bem. Eu acho que adaptação, a dificuldade foi por parte dos pais no início que entretanto foi sanada felizmente” (linhas 76 a 78).</p> <p><b>Paula:</b> “(...) Figuras, imagens de animais, para lhes mostrar, o papagaio, (...) jogos, no caso da matemática jogos, está a ver o MAB, aquilo ali aqueles jogos foi tudo para eles aprenderem através de brincadeira” (linhas 516 a 519).</p> <p><b>Helena:</b> “sim, sim, muito bem” (linha 25).</p>
		Formas de trabalhos para aquisição da língua	<p><b>Teresa:</b> “(...) Tenho que dizer foi difícil, (...) em termos de linguagem, eles em termos de produção e, compreensão da oralidade mesmo eles eram muito baixa. (...) alguns deles nem se quer sabiam falar português. (...) no primeiro ano eu tinha dois meninos que era(...) mais desenvolvidos que sabiam alguma coisa de português, e eram eles que me ajudavam na tradução com os outros que não percebiam nada. É, e muita coisa era gestos era à base da imagem palavra muito recurso à imagem (...) até ir à rua mostrar o que era a folha, o que era a erva, (...) há muita necessidade de vocabulário que eles não têm e depois com a</p>

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

		<p>aprendizagem da leitura e da escrita (...) Se a oralidade não está desenvolvida a escrita depois, é, torna-se mais difícil, (...) início foi muito difícil mas (...) acho que houve ganhos para toda a gente” (linhas 42 a 56).</p> <p><b>Paula:</b> “Nós procuramos fazer um levantamento do país de origem deles, (...) (linha 105) para também nós conhecermos, nós própria para os integramos e nós descobrimos que por exemplo na calendarização deles do calendário romeno há festas que são comuns (...) De modo a que não fosse chocar muito com certas atitudes culturais que lhes tivessem. E nós verificamos que apesar de serem cristãos aos ortodoxos (...) Não são cristãos (...) (linhas 109 a 113) Logo no princípio pintamos a bandeira deles (...). Fazia-se nos recreios, fizemos sensibilização aos outros meninos aos meninos portugueses e eles virão que é certos meninos que têm costumes específicos” (linhas 114 a 117).</p> <p><b>Helena:</b> “Não porque não tenho alunos romenos” (linha 15).</p>
	Língua	<p><b>Teresa:</b> “Sem dúvida (...) a nível de oralidade eles têm uma oralidade pouco desenvolvida (...) depois com a aprendizagem da leitura e da escrita nota-se muito a falta de vocabulário a nível de concordâncias, em género e número é, nota-se muito a distinção do masculino e do feminino, porque a, há palavras que como o derivam da base é a mesma, (...) É do latim é uma língua que deriva da mesma que a nossa português, à coisas que parece que se tocam e eu noto que tocam muito com o francês (...)” (linhas 110 a 116); “(...) não é que eles não saibam ou não tenham o raciocino desenvolvido é porque é a parte de interpretação dos enunciados que fica comprometida que eles não conseguem fazer o resto” (linhas 137 a 139). “tal ela tinha que fazer as substituições (...) ia para todo o lado, ora isso fazia com ela</p>

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

			<p>não desse aqui apoio, houve períodos em que ela veio cá duas manhãs” (linhas 164 a 168)</p> <p><b>Paula:</b> “Completamente, e depois é daí o problema da língua não materna, o professor da língua não materna, que nós pedimos (linhas 480 a 481) (...) o que nos valeu foram os romenos mais antigos os alunos mais velhos que já falavam português” (linhas 483 a 484); “o professor de apoio foi para fazer as substituições no agrupamento” (linha 490)</p> <p><b>Helena:</b> “É, para o desenvolvimento das áreas todas (...) sem a língua portuguesa eles não, não conseguem comunicar. Mesmo sendo crianças utilizando gestos eles não conseguem comunicar. Portanto a língua é, é muito importante” (linhas 27 a 30).</p>
Educação Intercultural	Interculturalidade	Mais-valia	<p><b>Helena:</b>” (...) nós fazíamos, trabalhamos os portugueses que deram a conhecer Portugal aqui e os romenos fizeram conhecer a cultura dos pais deles aos portugueses, e dançaram, cantaram à maneira deles (...)” (linhas 42 a 45).</p> <p><b>Teresa:</b> “precisavam de um professor de língua não materna aqui na escola e isso foi uma insistência da nossa parte desde do primeiro período. (...) não sei porque razão nunca conseguimos realmente ter um professor de língua não materna, porque segundo a legislação, inclusive levei a legislação e tudo, com dez alunos já tínhamos direito a isso” (linhas 173 a 179); (...) a nível, social é muito importante, acho que os miúdos ganham tanto de um lado como do outro, ganham (...) estejam integrados nessa diversidade cultural até mesmo a nível de localidade (linhas 192 a 194); “a comunidade própria local também os começa a encarar de forma diferente quando vê que eles participam nas actividades deles, quando vê que os miúdos até vêm à escola, quando vê que os miúdos portam-se muito bem” (linhas 196 a 198).</p>

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

			<b>Paula:</b> “não estamos preparados para enfrentar, porque não somos, ninguém nos ajudou-a termo aulas de romeno” (linhas 503 a 504)
		Papel da escola	<b>Helena:</b> “Viram a diversidade que havia tradições diferentes, danças diferentes (...) (linhas 45 a 46) A escola tem um papel principal, se não fosse a escola, eles estariam em casa a falar romeno com os pais e não falavam português. (...) Eles só falam português cá na escola. Pelo caminho eu encontro os meninos a irem para casa falam romeno entre eles. Portanto falar português é só na escola“ (linhas 50 a 53).
		Orientações da escola sede	<b>Helena:</b> “Não! (...) Nada, nada, nada” (linhas 59 a 60). <b>Teresa:</b> “Não.” (linha 270); (...) a formação que tivemos é a formação que temos ou que nós procuramos por nossa iniciativa” (linhas 277 a 278). <b>Paula:</b> “Isso foi tudo tirado da nossa cabeça, tudo o que estes meninos tiveram e o sucesso, está ai foi tudo do nosso esforço. Do nosso esforço dos métodos adaptados a eles” (linhas 506 a 509)
Envolvimento dos pais na escola	Relação	Escola	<b>Helena:</b> “Tem de se andar atrás deles, há pais que participam (...) há pais que não participam nada. E por exemplo nas reuniões, ah, ah, dois meninos romenos, havia uma mãe que estava muito preocupada, telefonava para a escola a perguntar se o menino comia, não comia, muito preocupada, e a mãe da outra menina nunca a vi” (linhas 63 a 68). <b>Paula:</b> “É, boa, é boa” (linha 534); “Portanto há uma boa interação e garanto-lhe que pronto, eles gostam de nós e do nosso serviço e respeitam-nos como tal, porque também nós os respeitamos como seres humanos” (linhas 539 a 541)
		Professores	<b>Teresa:</b> “Posso dizer que sim pelo menos eles a mim tratam-me com respeito sempre (...)”

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

			(linhas 332 a 333); “a maioria das encarregadas de educação são mães” (linhas 338 a 339); “a maioria delas são analfabetas não sabem ler nem escrever” (linha 342) <b>Paula:</b> “Os pais estão muito mais abertos e não tão desconfiados, e não tão desconfiados” (linhas 604 a 605)
		Interesse	<b>Helena:</b> “No primeiro ciclo sim, agora o pré-escolar não” (linha 79); “(...) eles não tiveram escola portuguesa” (linha 87). <b>Teresa:</b> “interessam pelas contra partidas que recebem, muitos deles, porque, e os mais novos noto maior interesse. (...) alguns deles, eu acho que é pelas contrapartidas que recebem, porque alguns também estão com rendimentos mínimos (...)” (linhas 358 a 361); “Estão! Sem dúvida estão! Estão pelos miúdos, a maioria deles” (linha 458).
Frequência na escola	Assiduidade	Sucesso	<b>Helena:</b> “(...) é um local onde os pais os podem ter, para os guardar (linhas 89 e 90) (...) participaram em tudo (linha 98); (...) Eram activos, muito e participativos (linha 100); (...) houve aqui menino que estavam matriculados e que vieram meses, depois abandonavam. E agora não, estão matriculados desde Setembro até Maio, Junho, alguns ainda aguentaram até ao fim. Aguentam-se mais tempo na escola agora. Gostam mais e vêm para a escola (...) gostam da escola” (linhas 115 a 120). <b>Teresa:</b> “(...) língua portuguesa é fundamental, fundamental para o sucesso dos miúdos <sup>2</sup> (linhas 151 a 152); “É como eu lhe disse que acho que os miúdos gostam de estar na escola, gostam da escola” (linhas 396 a 397); “felizmente nós conseguimos aqui na escola criar um ambiente em que eles se sentem bem e que gostam de cá estar e nota-se da parte dos outros miúdos também uma boa aceitação, não há cá miúdos que, racismos e isso, mesmo nas

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

			<p>brincadeiras, eles misturam-se com os outros eles jogam com os outros” (linhas 405 a 410);</p> <p>“Lá a maioria não ia à escola, a maioria nem andava na escola. Alguns iam à escola e segundo o que eles me diziam, me disseram era: a escola não era na localidade, iam de autocarro e a escola era só de manhã” (linhas 472 a 474)</p> <p><b>Paula:</b> “(...) um aumento e porquê, vou-lhe dizer porque quando eu para aqui vim havia romenos que tentavam chama-los para a escola, mas as próprias condições até mesmo de agrupamento não permitiam a facilidade” (linhas 571 a 573); “Temos ali miúdos,(...) que não aprendem mesmo, mas há outros miúdos a maior parte deles que conseguem, demoram tempo, precisam de mais tempo mas conseguem (...) Eles próprios lá não andavam na escola (...) se não há uma família que tenha bases culturais e que motivem para o (...), cultivado da leitura, da escola, do conhecimento não há uma família que partilhe isso as crianças também não (...) estou convencida que é um factor de sucesso” (linhas 617 a 627)</p>
--	--	--	---

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

## Referências bibliográficas

Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010). Consultado em [www.2010combateapobreza.pt/conteudo.asp?tit=16](http://www.2010combateapobreza.pt/conteudo.asp?tit=16) em 10 de Outubro de 2011.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bombarral, Concelho Local de Acção Social (2004). *Diagnóstico Social do Concelho do Bombarral*. Bombarral: GTO 2000, Sociedade de Artes Gráficas, Lda.

Cardoso, C. (1996). *Educação Multicultural – Percursos para Práticas Reflexivas*. Lisboa: Texto Editora.

Cardoso, C. (coord.) (1998). *Gestão Intercultural do Currículo 1.º Ciclo*. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

Cortesão, L. (coord.) (2000). *Na Floresta dos Materiais: Catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade*. Oeiras: Celta Editora.

Dias, Eduardo & Isabel Alves et al. (2006). *Comunidades ciganas: representações e dinâmicas de exclusão-integração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Duarte, Vanessa (2010). *Projecto Comunidade Romena*. Projecto de fim de licenciatura, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, Leiria.

Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (2.ª edição).

Ferreira M. (2003). *Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

Freixo, Manuel (2009). *Metodologia Científica – Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Jackson, J. A. (1991). *A Migração como Processo Social*. In Migrações. Lisboa: Ed. Escher, pp.1-22.

Jares, Xesus Rodriguez, (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: Profedições.

Leite, C. (2002). *O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a ciência e a Tecnologia.

Machado, F. (1996). *Minorias e Literacia: imigrantes guineenses em Portugal*. In Benavente, A. (coord.). *A Literacia em Portugal*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp.171-238.

Neto, F. (1993). *Psicologia da Migração Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta

Oliveira, Leonel (1996). *Nova Enciclopédia Larousse* (vol.XII). Printer Portuguesa: Circulo de Leitores.

Peixoto, João (2008). *Revista migrações – imigração e mercado de trabalho*. Observatório da imigração, ACIDI. Lisboa, Artipol.

Peres, A. (1999). *Educação intercultural: Utopia ou Realidade?* Porto: Profedições, Lda/Jornal a Página.

Peres, Américo Nunes (2002). *Interculturalidade*, A Página da Educação, 112, ano 11, p. 4.

Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Editora Artned.

Phizacklea, A. (2005). *O mercado de trabalho flexível e o trabalho incerto: o caso da migração*, in I, Kovács (org.), *Flexibilidade de emprego - Riscos e Oportunidades*, Oeiras: Celta Editora.

Quivy, R & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

A integração de um grupo de alunos da comunidade Romena da freguesia do Pó no 1º ciclo.

Ramos, M. C. (1996). *Migrações Internacionais e Novos Desafios – Extracto de Economia do Trabalho, Sócio-economia e Migrações Internacionais*. In Ferreira, M. et al (org.) *Entre a Economia e a Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, pp.254-264.

Ramos, M. C. (2003a). *Acção Social na Área do Emprego e da Formação Profissional*. Lisboa: Universidade Aberta

Ramos, M. C. (2003b). *Le Portugal, pays relais des migrations internationales*. In *Migrations-Etudes*, n.º 116, Agosto-Setembro. Paris: DPM, ADRI, 16 p.

Ramos, N. (2001). *Comunicação, Cultura e Interculturalidade: Para uma comunicação intercultural*. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (35,2), pp.155-178.

Ravenstein E. G. (1889). *The Laws of Migration*. *Journal of the Royal Statistical Society*, 52: 241-305

Ravenstein, E. G.(1885). *The Laws of Migration*. *Journal of the Royal Statistical Society*, 48: 167-235.

Rocha-Trindade, B. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rosa, A. (2002). *Multiculturalidade e Educação*. In *SOS Racismo-A Imigração em Portugal*. Lisboa: SOS Racismo, pp.353-365.

Silva, Pedro (2003a). *Escola-Família, uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Stoer, S. e Cortesão, L. (1999). *Levantando a Pedra – Da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento.

Taylor, C. (1994). *A Política de Reconhecimento*. In Taylor, C. (eds.) *Multiculturalismo: Examinando a Política de Reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, pp.45-94.

Touraine, A. (1996). *O que é a democracia?* Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições